

Conan Doyle

Contos de Crime, Terror e Mistério

O Tiro Final

&

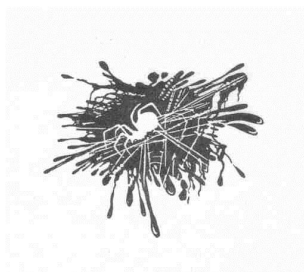
*Outros Contos
Sensacionais*



Sir Arthur Conan Doyle

**O Tiro Final
& Outros Contos Sensacionais**

Tradução de:
Fernando B. Ximenes



Índice

<u>Introdução</u>	<u>05</u>
<u>O Tiro Final</u>	<u>08</u>
<u>O Pastor de Jackmans Gulch</u>	<u>33</u>
<u>O Vexame de Los Amigos</u>	<u>45</u>
<u>O Médico Negro</u>	<u>52</u>
<u>O Peitoral do Judeu</u>	<u>66</u>

Conan Doyle em 1886



Introdução

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edinburgo, em 22 de maio de 1859 e morreu em Crowborough (Sussex), em 7 de julho de 1930. Filho de uma família católica, iniciou seus estudos com os jesuítas de Stonyhurt e, assim que se formou em Medicina, na sua cidade natal, viajou como medico naval pelos mares árticos e litorais africano. Mais tarde, participou nas campanhas do Sudão e África do Sul, assim como na Guerra Européia, e fez conferências em quase todo o mundo. Ao mesmo tempo em que exercia a Medicina, dedicava-se a escrever novelas policiais. O êxito de seu primeiro livro *A Study in Scarlet* (1887) — publicado por esta editora com o título de *Um Estudo em Vermelho* — o levou a abandonar de vez a atividade medica e entregar-se a literatura. Escreveu outras historias no mesmo estilo, entre as quais as mais famosas integrantes, a série de aventuras de Sherlock Holmes. Nestas obras, que iniciam o gênero baseado na solução lógico-psicológica dos casos mais intrincados e misteriosos, a figura do brilhante detetive Sherlock Holmes contrasta com a do sóbrio cronista de suas aventuras, o Dr. Watson. O personagem criado por Conan Doyle tornou-se tão popular que suas

historias for am filmadas para o cinema, com William Gilette no papel principal. Conan Doyle também e autor de novelas históricas, como Micah Clarke (1889), The White Company (1891) e The Exploits of Brigadier Guard (1896), bem como opúsculos de propaganda patriótica, os quais lhe proporcionaram o titulo de cavaleiro: The Great Boer War (1900), The War in South Africa (1902), Cause and Conduct of the World War. Em 1900, Sir Henry Irving representou com êxito a comédia The Story of Waterloo, de Conan Doyle. Durante os últimos anos de sua vida aficcionou-se com paixão pelo espiritismo e ciências ocultas, que serviram-lhe de inspiração para as obras La Nueva Revelacion (1918), The Wandering of a Spiritualist (1921) e History of Spiritualisme (1926). Sherlock Holmes foi um, dos personagens mais populares da literatura europeia no primeiro quarto do século e deu lugar a uma série interminável de figuras nele inspiradas.

Para uma compreensão mais clara da extraordinária personalidade de Conan Doyle, e precise que se de importância a sua paixão pelo método de detecção que o levou a preocupar-se com a vida tanto quanto com a morte. Ao interessar-se pela Medicina (a oftalmologia, em particular) e

posteriormente pelo mundo invisível e sua documentação, tentou eliminar todo o supérfluo de dentro de si, com a finalidade única de alcançar a essência, num ritmo de vida que hoje seria muito natural, mas na época em que viveu era considerado frenético pelas outras pessoas. Em todos os seus escritos, percebe-se o compromisso de refinar o método adotado por ele para detectar, definir, determinar e solucionar o mistério da vida e da morte. Seu interesse sincero por todos os povos e todas as coisas o tornou um cientista, cuja ciência era a vida, e definiu o seu exercício como o conhecimento e a experiência especiais capazes de transformá-la na magia da arte. Seu maior desejo era dividir seus dons com todas as pessoas, fossem quem fossem, ainda que isso lhe saísse caro.

Quando Sir Arthur falava em "terror", tinha uma explicação muito pessoal. Ele acreditava que o cérebro humano se compunha de camadas sucessivas capazes de serem investigadas, sob determinadas circunstâncias, por aqueles que tivessem o poder de vislumbrar o invisível ou o sobrenatural. Para ele, o cérebro era uma casa com muitos quartos, alguns cheios de luz, outros escuros. Sua nora, Nina C. D. Harwood, traduziu em

palavras mais acessíveis suas idéias sobre o terror: "A pessoa que não vê além do que lhe mostram os olhos e envolvida pelo olhar do sobrenatural, a quem nada escapa, e disso resulta a marca indelével do terror numa camada Até então adormecida do seu cérebro."

Nenhuma curiosidade, nenhum detalhe da vida ou de seus legados, por mais diminuto que fosse, deixava de merecer a atenção de Conan Doyle ou escapava da sua visão cósmica.

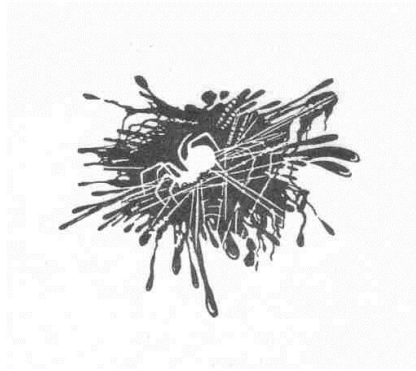
O perfil que acabou de ser traçado da sua personalidade somado com a qualidade da sua obra conhecida mundialmente, são provas irrefutáveis de que Conan Doyle foi uma pessoa especial, que não passou simplesmente por esse mundo, mas viveu intensamente cada minuto da sua vida, preocupou-se com todos os mistérios que envolvem o ser humano e deixou uma mensagem expressa nas linhas de cada história que escreveu. Sua obra é imortal; deve ser editada e reeditada sempre, para que, através das gerações, toda a humanidade tenha o privilégio de desfrutar de momentos preciosos ao lado de um de seus mais geniais representantes.

Ao lançarmos os Contos de Crime, Terror e Mistério, pretendemos levar ao público uma parte

da obra de Conan Doyle inédita no Brasil. São histórias excelentes que permaneceram quase inacessíveis durante muitos anos. Embora Holmes e o Dr. Watson não façam parte de nenhuma delas, algumas tem fortes características sherlockianas, como o caso de O Gato Brasileiro, O Mistério de Sasassa Valey e, principalmente, As Recordações do Capitão Wilkie. A maioria, porém, difere bastante do estilo de Holmes, seja pelo alto grau de suspense, pelo humor — do qual Holmes era totalmente desprovido ou por tratarem do sobrenatural — que o detetive de Baker Street abominava. Trata-se, portanto, de pequenas obras-primas que constituem a nata da obra curta de crime, terror e mistério de Sir Arthur Conan Doyle.



Inglaterra no tempo de Conan
Doyle: *Trafalgar Square.*



O Tiro Final

"O Tiro Final" é, sem duvida, a peça mais rara desta Seleção, e provavelmente a mais rara de tantas quantas foram publicadas por Doyle. Este editor só tem conhecimento da existência de quatro exemplares, e até hoje ela nunca foi relançada.

A história foi publicada originalmente em Londres por John Dicks numa brochura intitulada "An Actor's Duel and The Winning Shot", com autoria atribuída a Conan Doyle. O curioso livreto e, na verdade, o catálogo da editora John Dicks para o ano de 1894, no qual foram incluídas as duas historias citadas no titulo para lhe dar apelo comercial e permitir a sua venda nas bancas de jornais. "An Actor's Duel", apesar de evidencias apontando no sentido de sua venda ou, pelo menos, sua

oferta a revista Blackwood, não foi escrita por Conan Doyle; sobre isto, o editor desta coletânea não tem a menor dúvida. Trata-se de uma historieta insípida, arrastada e descosida sobre a vingança de um ator, no palco, contra um colega que arruinara sua filha. Não há nada de Conan Doyle em seu estilo. E não seria, de modo algum, a primeira vez que seu nome era associado a uma obra de outro autor por um editor inescrupuloso.

"O Tiro Final", por outro lado, e Conan Doyle no melhor da sua forma. E surpreendente que uma editora de terceira categoria, como a de John Dicks, tivesse conseguido publicá-la, pois se não for a melhor de Doyle, e excepcionalmente bem escrita e pertence a fase em que ele uniu a compulsão sexual aos temas sobrenaturais, e da qual "O Parasita" é o exemplo supremo. O artifício de fazer com que a história fosse contada na primeira pessoa por uma jovem mulher também não é inédito na obra de Conan Doyle. Antes, num conto humorístico intitulado "Our Derby Sweepstakes", de 1882, ele já fizera a mesma coisa com igual credibilidade. Doyle estava sempre se aventurando, aparentemente sem maiores dificuldades, em novos campos da arte de contar histórias, e quase sempre com sucesso.

"Aviso: esteja a população advertida contra um homem que se diz chamar Octavius Caster. Ele

pode ser reconhecido pela grande estatura, pelos cabelos cor de linho, e por uma feia cicatriz no lado esquerdo do rosto, indo desde o olho até o canto da boca. Sua predileção por cores vivas — gravatas verdes, etc. — talvez facilite a sua identificação. Um ligeiro sotaque de outras terras pode ser notado em sua fala. Este homem esta fora do alcance da lei, poréme mais perigoso que um cão danado. Evitem-no como quem evita a peste que caminha a luz do dia. Qualquer comunicado quanto ao seu paradeiro será recebido com os devidos cumprimentos por A.C.U., Lincoln Inn., Londres."

Esta é a íntegra de um anúncio que deve ter sido visto por muitos leitores nas colunas dos matutinos de Londres na primeira metade do ano corrente. Acredito, inclusive, que tenha suscitado uma razoável curiosidade em certos meios, e diversos palpites foram oferecidos quanto a identidade de Octavius Caster e a natureza das acusações que contra ele pesavam. Quando afirmo que o "aviso" foi publicado por meu irmão mais velho, Arthur Cooper Underwood, advogado e meu representante legal, espero o meu reconhecimento como a pessoa mais capacitada a fazer um esclarecimento autêntico a respeito dos motivos que

nos levaram a procurar os jornais.

Até aqui o horror e a vacuidade das minhas suspeitas, aliados ao sofrimento da perda de meu querido noivo na véspera do nosso casamento, me impediram de revelar estes fatos. Entretanto, agora, rememorando tudo, encontro uma ligação entre muitos pequenos detalhes que a época passaram quase despercebidos e que formam uma cadeia de evidências capazes de instigar a imaginação do público, embora inútil num tribunal de justiça. Relatarei, portanto, sem exagero ou preconceito, tudo o que ocorreu desde o dia em que este homem, Octavius Caster, entrou em Toynby Hall até a realização do grande torneio de tiro. Eu sei que muita gente ridiculariza o sobrenatural, ou o que nossos pobres intelectos preferem considerar sobrenatural, e que o fato de ser eu uma mulher, contribuíra ainda mais para reduzir o impacto das minhas palavras. Só posso jurar aqui que nunca fui uma mulher impressionável ou fraca de espírito, e que outros cidadãos vieram a partilhar da mesma opinião que formei acerca de Octavius Caster. Agora, a história.

Era na casa do Coronel Pillar, em Roborough, no aprazível condado de Devon, que passávamos os

feriados de outono. Nesta ocasião, eu estava noiva de seu filho mais velho, Charley, há alguns meses, e esperávamos marcar o casamento para antes do término das férias de verão. Ninguém duvidava de que Charley conseguiria o diploma, e de todo modo era rico o bastante para viver uma vida independente, enquanto que eu mesma não fora abandonada pela sorte. O velho Coronel estava satisfeitíssimo com a perspectiva do matrimônio, assim como a minha mãe. Para onde quer que olhássemos, não havia o menor sinal de nuvens no horizonte. Ninguém duvide, portanto, se eu disser que passamos um mês de agosto encantador. Até o mais desgraçado dos mortais teria posto suas penas de lado sob a influência feliz dos moradores de Toynby Hall.

Lá estava o Tenente Daseby, ou "Jack", como era invariavelmente chamado, recém-vindo do Japão no navio Shark da marinha de Sua Majestade, e que desfrutava de uma situação igual a nossa com Fanny Pillar, irmã de Charley, de maneira que dávamos uma espécie de apoio moral uns aos outros.

Lá estava, também, Harry, irmão mais novo de Charley, e Trevor, seu melhor amigo em

Cambridge.

Por fim, lá estava a minha mãe, a mais doce de todas as mães, observando-nos deliciada através de seus óculos de aro de ouro, aparando solicita todas as arestas que surgissem entre os dois casais, e sempre disposta a expor a eles suas próprias dúvidas e medos e perplexidades quando o jovem e atlético Mr. Nicholas Underwood foi cortejá-la nas províncias e esqueceu das filhas de Crockford e Tattersall pelo amor da filha de um ministro religioso do interior.

Não posso, contudo, esquecer o velho e galante guerreiro que era o nosso anfitrião; com suas piadas antigas, sua gota e sua pose inofensiva de bicho feroz.

— Não sei o que anda acontecendo com o velho ultimamente — comentava Charley. — Ele não xingou a administração Liberal uma única vez desde que você veio para cá, Lottie; e eu acho que se ele não arranjar um meio de descarregar a irritação bem depressa, a questão irlandesa tomara conta do organismo do meu pobre pai, ai, será o fim.

Talvez na privacidade de seus aposentos o veterano militar aproveitasse para compensar a auto-abnegação do dia. Ele parecia gostar de mim

com um jeito todo especial, me dedicando uma infinidade de pequenas gentilezas e atenções.

— Você é uma boa menina — comentou ele certa noite, depois de ter bebido muito vinho do Porto. — Que sujeito sortudo, o Charlie! Ele tem mais bom gosto do que eu imaginava. Anote bem as minhas palavras, Miss Underwood: a senhorita descobrira que esse jovem cavalheiro não é tão bobo quanto parece!

Feito este elogio torto, o Coronel cobriu o rosto solenemente com o seu lenço e mergulhou na terra dos sonhos.

Nunca hei de esquecer o dia em que começou a nossa desgraça! O jantar havia terminado, e estávamos na sala de estar, com todas as janelas abertas, para que entrasse a brisa odorosa do sul. Minha mãe se sentara num canto, entregue aos seus bordados, que só largava para nos ofertar, de vez em quando, um dos seus truísmos que, aquela alma bondosa, se afiguravam como comentários originalíssimos, fundados exclusivamente na sua experiência pessoal. Fanny e o Tenente estavam de namorico no sofá, enquanto Charley andava de um lado para o outro, impaciente. Eu me sentara a janela, olhando sonhadora para as grandes florestas

de Dartmoor, que se estendiam até a linha do horizonte, douradas e luminosas a luz do sol poente, exceto onde uns poucos outeiros impunham seu contorno forte contra o fundo vermelho de céu.

— Não dá, não dá — disse Charley, vindo até perto de mim na janela. — E uma vergonha desperdiçar um entardecer como este assim sem fazer nada.

— Que se dane o entardecer! — exclamou Jack Daseby. — Você está sempre se martirizando com as horas. Fan e eu não saímos daqui por nada neste mundo; não é verdade, Fan?

A mocinha anunciou a sua intenção de permanecer aninhada entre as almofadas, olhando desafiadora para o irmão.

Esses namorados apaixonados são uma coisa desmoralizante, você não acha, Lottie? — perguntou Charley zombeteiro.

Vexaminosos — respondi.

E eu me lembro de quando Daseby era o sujeito mais ativo de Devon; olhe só para ele agora! Fanny, Fanny, veja só o que você fez deste homem!

Não ligue para ele, meu rapaz — disse minha mãe de seu cantinho. — Mesmo assim, a experiência me ensinou que a moderação é uma qualidade

preciosa nos moços. O falecido Nicholas também pensava assim. Ele nunca se deitava a noite sem antes ter pulado de um lado a outro do tapete da sala. Eu costumava chamar a sua atenção para o perigo, mas ele não ligava. Até que uma noite caiu sobre o guarda-fogo e distendeu um músculo da perna; depois, ele mancou até o dia da morte, porque o Doutor Pearson pensou que fosse uma fratura óssea e colocou uma tala, e a tala endureceu a articulação do joelho.

Minha mãe tinha uma capacidade incrível de divagação e, freqüentemente, perdia-se em casos paralelos sem conseguir encontrar o caminho de volta ao assunto do comentário. Nesta ocasião, porém, Charley o havia guardado na memória, pois vira a possibilidade de aplicação imediata.

— Uma observação excelente, Mrs. Underwood — admitiu ele. — Nos sequer pusemos os pés fora de casa hoje. Lottie, ainda temos uma hora de sol. Que tal irmos pescar trutas? Se a sua mãe não tiver objeções, é claro!

— Ponha alguma coisa no pescoço, querida — disse minha mãe, percebendo que fora vencida com seus próprios argumentos.

— Esta bem, mamãe — respondi. — Vou dar

um pulo no quarto para trazer o meu chapéu, também.

— E uma boa idéia; quando voltarmos, já vai estar quase escuro — disse Charley, enquanto eu me encaminhava para a porta.

Quando descí, encontrei meu noivo aguardando impaciente com seus apetrechos de pesca no saguão. Atravessamos juntos os jardins e passamos por baixo dos janelões abertos da sala de estar, onde três rostos irônicos nos contemplavam.

— Esses namoros apaixonados são uma coisa desmoralizante — disse Jack, olhando pensativo para as nuvens.

— Vexaminosos — acrescentou Fan.

E os três riram até o ponto de acordarem o cansado Coronel; ouvimos, lá de fora, os esforços que eles faziam para explicar ao veterano pouco habituado a sutilezas o motive da brincadeira. Aparentemente, nada seria capaz de fazê-lo apreciar a piada.

Descemos juntos o caminhezinho cheio de curvas e atravessamos o portão de madeira que dá para Tavistock Road. Charley diminuiu o passo, já do outro lado, como se indeciso quanto ao rumo que tomar. Se ao menos soubéssemos que o nosso

destino dependia de uma coisa tão trivial!

Vamos seguir até o rio, querida, ou você prefere um dos regatos da charneca?

Como você quiser — respondi.

— Então eu voto pela charneca. Assim, o trajeto será mais longo depois que a noite cair.

Charley lançou um olhar amoroso a figurinha de xale branco que o acompanhava.

O regato a que ele se referia atravessava uma região quase desértica do condado; pela trilha que escolhemos, ele ficava a algumas milhas de Toynby Hall; mas como éramos jovens e saudáveis, seguimos em frente apesar das pedras e dos espinheiros. Não encontramos nenhuma criatura viva durante o nosso percurso solitário, a não ser alguns carneiros magricelas de Devonshire que nos espiavam assustados e nos seguiam por dois ou três minutos, como se curiosos com os motivos que nos levavam a invadir seus domínios. Estava quase escuro quando atingimos o regato, que desce rumorejante de uma ravina escarpada e corre em meandros até, a distância, desaguar no Plymouth. Acima de nos erguiam-se duas grandes colunas de pedra, entre as quais a água escorria lenta para formar um laguinho parado e fundo. O laguinho

sempre fora um dos lugares preferidos de Charley, e a luz do, dia era um recanto gracioso; mas agora, com a lua nascente refletida em suas águas espelhadas e atirando sombras escuras contra as rochas suspensas, ele parecia tudo menos um local de encontro de duas pessoas apaixonadas.

— Para dizer a verdade, querida, acho que não vou pescar — confessou Charley enquanto nos sentávamos a margem do laguinho, sobre o limo. — E um lugar esqui-sito, a esta hora, não é?

— Muito! — confirmei.

Um calafrio me correu pelas costas.

Vamos só conversar, descansar um instante, e depois retornamos pelo mesmo caminho. Você esta tremendo! Não é frio, é?

Não — confessei, tentando ativar a coragem. — Não e frio. Eu estou assustada. Bobagem minha.

Bobagem? Não sei. Eu entendo. Também estou me sentindo meio deprimido aqui. O barulho da água mais parece o ronco da garganta de um moribundo.

Pare, Charley! Você quer me matar de medo?

Esta bem, esta bem, querida. Não vamos deixar que isto aqui atrapalhe a nossa felicidade — disse ele, sorrindo e tentando me reconfortar. —

Vamos fugir logo deste ossuário e... Olhe! Veja!... Nossa! O que é aquilo?

Charley recuara, e olhava para cima pálido como o nada. Segui a direção dos seus olhos, e mal contive um grito.

Eu já mencionei que o laguinho onde nos encontra-vamos fica na base de uma escarpa. No alto dessa escarpa, uns sessenta pés acima das nossas cabeças, aparecera uma figura alta, sombria, que aparentemente nos observava sem que tivéssemos nos dado conta. A lua acabara de apontar acima do vale, e o contorno magro e anguloso do estranho se destacava nítido e claro contra o seu brilho de prata.

Havia algo de fantasmagórico no aparecimento súbito e silencioso daquele homem desconhecido, ainda mais quando associado a natureza rara do cenário. Agarrei-me ao meu noivo aterrorizada, sem voz, com o olhar grudado na figura que nos via do alto.

— Olá, como vai? — berrou Charley com irritação.

Ele passara num segundo do medo a raiva, como é costume entre os ingleses.

Quem é você? O que você está fazendo aí?

Diga logo!

Eu sabia! Eu sabia! — disse o homem que nos observava, e desapareceu da nossa vista.

Ouvimos seus passes tateantes entre as pedras soltas, e em poucos minutos ele surgiu as margens do regato com o mesmo olhar fixo sobre nos. For mais pavorosa que tivesse sido a sua aparência quando o percebemos da primeira vez, a impressão se intensificava — e não se diluía — com a proximidade. A lua que o banhava em cheio revelava um rosto fino e comprido, de uma palidez doentia, e este efeito era acentuado ainda mais pelo contraste com a sua gravata verde berrante. Uma cicatriz no lado da face havia sido mal curada e repuxava a boca para cima num dos cantos, distorcendo todas as suas feições, principalmente quando ele tentava sorrir. A mochila nas suas costas e o cajado grosso nas suas mãos o denunciavam como turista, enquanto a graça com que retirou o chapéu ao notar a presença de uma senhorita mostrava que ele possuía o *savoir faire* de um homem do mundo. Havia um que nas suas proporções angulares e no seu rosto lívido que, visto em conjunto com a capa preta que pendia dos seus ombros, me fez recordar estranhamente o

morcego-vampiro que Jack Daseby trouxera do Japão em sua viagem anterior e que era o bicho-papão do refeitório da criadagem em Toynby.

— Mil desculpas pela intromissão — disse ele, com um leve sotaque estrangeiro, que emprestava uma beleza peculiar a sua voz. — Eu seria obrigado a dormir na charneca se não tivesse a boa sorte de encontrá-los aqui.

— Que historia e esta! — esbravejou Charley. — For que você não chamou e nem nos deu algum aviso de que estava lá? Miss Underwood ficou assustada, e com toda razão.

O estranho fez mais uma mesura com o chapéu desculpando-se por ter provocado o constrangimento.

— Eu sou um viajante sueco — prosseguiu ele, com a mesma entonação curiosa — e estou de visita a este seu lindo pais. Permita-me que me apresente: sou o Doutor Octavius Gaster. Talvez o senhor saiba me dizer onde posso dormir, e como se sai desta região, que é enorme e pouco habitada.

Foi muita sorte sua nos encontrar — disse Charley. — Não é nada fácil atravessar a charneca.

Nem me diga! — confirmou o nosso novo conhecido.

Muita gente de fora já foi achada morta por aqui — prosseguiu Charley. — As pessoas se perdem e andam em círculos até tombarem fatigadas.

Ha! Ha! — riu o sueco. — Logo eu, que vaguei em barco aberto entre o Cabo Branco e as Canárias morrer de fome numa charneca inglesa! Mas onde é que há uma hospedaria por aqui?

Ouçã! — disse Charley, cujo interesse fora despertado pela alusão do estranho e que, normalmente, era o mais cordial de todos os homens. — Não existe hospedaria num raio de muitas milhas; e eu supponho que você já tenha caminhado bastante hoje. Venha a nossa casa e meu pai, o Coronel, ficara encantado de conhecê-lo. Não lhe faltara uma cama para dormir.

Como posso agradecer a tanta gentileza da sua parte? — quis saber o viajante. — Eu só sei que quando voltar a Suécia levarei boas histórias dos ingleses e de sua hospitalidade!

Bobagem! disse Charley. — Vamos andando, pois Miss Underwood está com frio. Enrole bem o xale no pescoço, meu bem. Não demoramos a chegar em casa.

Seguimos em silêncio, tropeçando aqui e ali,

mantendo-nos o mais longe possível da trilha pedregosa, perdendo-a de vista vez por outra quando uma nuvem cobria a face da lua e tornando a vê-la mais além com o retorno da luz. O estranho parecia imerso em pensamentos, porém tive a impressão de que me estudava no escuro, enquanto andávamos os três lado a lado. Eu não gostei.

Quer dizer que você ficou a deriva num barco aberto? — perguntou Charley, rompendo enfim o silêncio.

Ah, sim, e verdade — respondeu o estranho. — Eu já vi muita coisa na vida, e já venci muitos perigos, mas nenhum maior do que este. Porém o assunto é triste demais para os ouvidos de uma dama. Eu já lhe pus muito medo hoje.

Não precisa ter receio de me assustar agora — disse eu, apoiando-me no braço de Charley.

Compreendo. Mas há tão pouco a contar, e tudo tão triste! Um amigo meu, Karl Osgood, de Upsala, e eu próprio, abrimos uma firma comercial. Poucos homens brancos conviveram com os mouros de Cabo Branco até hoje, mas apesar disso resolvemos ir e durante alguns meses estivemos lá, vendendo isto ou aquilo, e ameahando marfim e ouro. É uma terra estranha, onde não há madeira

nem pedra; as casas são feitas com plantas marinhas. Quando afinal achamos que já tínhamos ganhado o bastante, os mouros conspiraram para nos matar, e nos atacaram durante a noite. Apesar da surpresa, conseguimos fugir até a praia e pular numa canoa. Pusemo-nos ao mar, deixando tudo para trás. Os mouros nos perseguiram, porém a escuridão nos ajudou a despistá-los; quando o dia amanheceu, não havia mais terra a vista. Antes das Canárias, não tínhamos nenhuma esperança de obter abrigo ou alimento, e foi para lá que seguimos. Eu cheguei vivo, embora muito fraco e quase louco; meu pobre amigo Karl faleceu um dia antes das ilhas surgirem no horizonte. Eu bem que avisei! Não tenho culpa nenhuma pelo que aconteceu. Eu disse: "Karl, a força que você vai ganhar comendo-as não compensa a perda de sangue!" Ele riu das minhas preocupações, retirou o facão do meu cinto, cortou as duas, comeu, e morreu.

Comeu o que? — perguntou Charlie.

As orelhas — explicou o estranho.

Eu e Charley nos entreolhamos horrorizados. Não havia nem sombra de sorriso no rosto sério do viajante. Não era uma brincadeira.

— Ele era um sujeito teimoso — prosseguiu.
— Mas ele sabia que uma coisa daquelas nunca poderia dar certo. Se tivesse usado a vontade, ele teria sobrevivido como eu sobrevivi.

E você acha que a vontade de um homem pode evitar que ele sinta fome? — perguntou Charley.

O que não pode fazer a vontade? — retrucou Octavius Caster, e tornou a se fechar em silêncio até que chegamos enfim a Toynby Hall.

A nossa demora dera motivo a um quase alarme, e Jack Daseby estava prestes a partir com Trevor, amigo de Charley, para nos procurar. E de se imaginar, portanto, a alegria e o alívio que sentiram ao nos verem chegar sãos e salvos. Não foi menor o espanto causado pelo nosso acompanhante.

Onde e que vocês foram arranjar este cadáver de segunda-mão? — perguntou Jack, levando Charley para um canto do salão de fumar.

Shhhh. Ele não é surdo — reclamou Charley.
— É um médico sueco em viagem pela Inglaterra, e um ótimo sujeito também. Ele viajou num bote de Nao-sei-onde para Outro-lugar-qualquer. Eu lhe ofereci pouso por esta noite.

Está bom. Mas uma coisa eu garanto: um rosto daquele não faz a fortuna de ninguém!

— Ha! Ha! Perfeito... perfeito! — riu-se o alvo da observação, vindo calmamente para junto de nós para desespero do marujo falastrão. — Não; corno vocês dizem aqui, ele nunca fará a minha fortuna.

O homem começava a se sentir a vontade, e sorriu até que o talho medonho do seu rosto o fizesse parecer o reflexo de um espelho quebrado mais do que qualquer outra coisa.

— Suba e tome um banho; eu lhe empresto um par de chinelos — disse Charley, expulsando o estranho do salão com gentileza e pondo fim a uma situação até certo ponto embaraçosa.

O Coronel Pillar era um modelo de hospitalidade, e recebeu o Doutor Caster efusivamente, como se fosse um velho amigo da família.

— Salve, senhor! A casa e sua, e pelo tempo que quiser ficar será bem tratado. Tudo aqui e muito parado, e uma visita vale ouro.

Minha mãe se mostrou mais reservada.

— Um rapaz muito bem informado, Lottie — comentou ela comigo. — Mas eu gostaria que ele piscasse mais os olhos. Mesmo assim, querida, a

vida me ensinou uma grande lição: a aparência do homem conta muito pouco se comparada aos seus atos... Não, eu não gosto de pessoas que nunca piscam; o que é que eu posso fazer?

Com estas jóias de sabedoria original, minha mãe me beijou e me deixou entregue a meus próprios pensamentos.

Independentemente da sua figura, o Doutor Octavius Gaster revelou-se um sucesso social, com toda certeza. Já no dia seguinte ele se instalara tão confortavelmente como membro da casa que o Coronel sequer admitia cogitar de sua partida. Ele assombrava a todos com a extensão e a variedade dos seus conhecimentos. Ele era capaz de contar ao velho Coronel mais coisas sobre a Criméia do que o próprio militar sabia; ele deu informações ao marinheiro sobre o litoral do Japão e até fez engasgar ao meu atlético noivo conversando sobre o remo, discursando sobre alavancas de primeira ordem, pontos fixos e fulcros. Charley acabou vexado! Mas tudo isso era feito com tal modéstia, com tal respeito, que ninguém se sentia ofendido por ser derrotado em seu próprio terreno. Em tudo o que ele dizia e fazia notava-se uma força tranqüila mas, ainda assim, impressionante.

Eu me lembro de um exemplo do que eu falo que deixou a todos nos deslumbrados. Trevor possuía um buldogue ferocíssimo que, apesar disso, adorava o dono e não admitia sob hipótese alguma que ninguém tomasse liberdades com ele. E fácil deduzir que o animal não gozava de grande popularidade ali; apesar disso, em consideração ao orgulho que Trevor sentia dele, tomou-se a decisão de não expulsar o cachorro, mas apenas trancafiá-lo no estábulo com bastante espaço. Desde o início, o bicho demonstrou uma profunda aversão ao visitante, que só de aproximar-se provocava uma ver da exibição de todas as presas quantas haviam na sua bocarra. No segundo dia, passávamos todos juntos pela porta do estábulo quando os rosnados da criatura atraíram a atenção do Doutor Caster.

Ha! E o seu cachorro, Mr. Trevor, não é?

E o Towzer sim — admitiu Trevor.

Um buldogue, se não me engano: o chamado animal nacional da Inglaterra, pelos habitantes do Continente.

Puro-sangue — acrescentou o estudante, orgulhoso.

São bichos feios, muito feios! Você se importa de ir comigo ao estábulo e desatar a corrente dele

para que eu possa observá-lo melhor? E uma pena manter um animal tão forte e cheio de vida como este no cativeiro.

Ele morde — avisou Trevor, com uma expressão zombeteira nos olhos. — Mas eu imagino que você não tenha medo de cachorros.

— Medo? Não. Por que eu haveria de ter medo?

O olhar zombeteiro de Trevor se intensificou no momento em que ele abriu a porta. Ouvi Charley sussurrar algo para ele no sentido de que a gozação estava indo longe demais; porém a resposta de Trevor ficou perdida em meio aos latidos que vinham lá de dentro. O restante de nós recuou a uma distância respeitável, enquanto que Octavius Gaster permaneceu diante da porta aberta com um ar de genuína curiosidade em seu rosto pálido.

Aquilo ali, vermelho e luminoso no escuro, são os olhos dele?

São os olhos dele — disse o estudante, agachando-se e desafiando a correia.

Venha cá! — disse Octavius Gaster.

Os latidos e rosnados do cachorro transformaram-se, de repente, num longo ganido e, ao invés de arremeter furioso contra o intruso, como

todos esperavam, ele se arrastou pela palha parecendo buscar abrigo num dos cantos do estábulo.

O que esta acontecendo com ele? Que diabo de coisa e esta? — exclamou o seu dono perplexo.

Venha cá! — repetiu Gaster numa voz aguda e metálica, com um tom irresistível de comando. — Venha cá!

Para nosso assombro, o cachorro saiu de onde se encontrava e foi até o seu lado, mas nem de longe se parecia com o Towzer agressivo que conhecíamos. Era inconcebível. Suas orelhas estavam caídas, sua cauda abaixada, e de uma ponta a outra ele era a imagem perfeita da humilhação canina.

— Um belo cão, mas excessivamente tranqüilo — comentou o sueco acariciando. — Agora, seu moco, vá embora!

O animal se virou e foi mansamente para o seu canto. Ouvimos o barulho da sua corrente sendo afivelada, e no instante seguinte Trevor saia pela porta do estábulo com um dedo sangrando.

— Maldito cachorro! Não sei o que pode ter acontecido com ele. Towzer esta comigo ha três anos e nunca me mordeu.

Eu suponho — não posso afirmar com certeza — mas eu suponho que vi um tremor espasmódico na cicatriz do nosso visitante, o que denunciava uma intenção de rir. Rememorando os fatos, acho que foi a partir daquele momenta que comecei a sentir um medo e uma aversão indefiníveis pelo homem.

Corriam as semanas, e o dia fixado para o casamento começava a ficar próximo. Octavius Gaster continuava como hóspede de Toynby Hall e cativara o proprietário a tal ponto que qualquer menção a possibilidade de partida era recebida com risos e escárnio pelo bom soldado.

— Para cá você veio, e aqui ira ficar; ficar, com as graças de Deus!

Ao que Octavius sorria e dava de ombros, comentando em voz baixa os atrativos de Devon, o que deixava o Coronel de bom humor pelo menos Até o fim do dia.

Eu e meu noivo estávamos ocupados demais um com o outro para prestar atenção aos movimentos do viajante. Nós costumávamos encontrar com ele às vezes durante os nossos passeios pela floresta, sempre sentado e lendo em completa solidão. Ao nos ver por perto, ele

invariavelmente guardava o livro no bolso. Eu me lembro de uma ocasião em que nos deparamos com ele tão subitamente que o volume ainda estava aberto a sua frente.

Ah, Gaster, estudando, como de costume! — disse Charley. — Que velha traça, que rato de biblioteca fomos hospedar! Qual é o livro? Ah, um idioma estrangeiro! Sueco?

Não, não é sueco. É árabe — esclareceu Gaster.

Não vai me dizer que você lê árabe?

Leio bem; muito bem, para ser franco.

E o assunto qual é? — perguntei ao tempo em que virava as páginas do volume antigo e seberto.

Nada que possa interessar a alguém tão jovem e bonita como você, Miss Underwood — respondeu ele, olhando-me da maneira que se tornara habitual ultimamente. — Ele trata dos dias em que a mente era mais forte do que aquilo que vocês chamam de matéria; de quando viviam grandes espíritos capazes de existir sem esses nossos corpos grotescos e podiam moldar todas as coisas a sua vontade invencível.

— Ah, entendo! Uma espécie de história de

fantasmas — disse Charley. — Adieu, Caster. Não queremos atrapalhar mais os seus estudos.

Deixamos o nosso hóspede sentado no pequeno vale, ainda absorvido na leitura do seu tratado místico. Deve ter sido a imaginação que me induziu a pensar tê-lo visto de relance, tentando esconder sua figura conhecida atrás de uma árvore, dali a meia hora, mais ou menos, enquanto ainda caminhávamos pela floresta. Mencionei a minha impressão a Charley, mas ele riu e debochou de mim.

Eu aludi, ha pouco, a maneira peculiar que esse Caster tinha de olhar para mim. Seus olhos pareciam perder a expressão siderúrgica que possuíam normal-mente, tornando-se suaves, eu diria quase que acariciantes, a falta de um termo apropriado. Tenho a desconfiança de que eles me influenciavam estranhamente pois, sem olhar para Caster, eu sabia dizer quando seu olhar estava voltado para mim. For diversas vezes tentei convencer-me de que esta idéia se devia a algum problema do sistema nervoso ou a minha imaginação mórbida, porém minha mãe afastou este equivoco da minha mente.

Você sabe de uma coisa engraçada? —

perguntou ela assim que entrou no meu quarto certa noite, fechando cuidadosamente a porta ao passar. — Se não fosse um absurdo sem mais tamanho, Lottie, eu seria capaz de apostar que o doutor esta doido de paixão por você.

Que tolice, mamãe! — disse eu, quase deixando cair a vela de tão consternada que fiquei com a possibilidade.

— Eu não estou brincando, Lottie. E verdade — prosseguiu minha mãe. — Ele fica olhando para você embevecido, igualzinho ao seu pobre pai Nicholas olhava para mim antes de nos casarmos. E mais ou menos assim.

Minha querida mãe lançou um olhar languido e irremediavelmente triste a cabeceira da cama.

— Agora, já para o seu quarto! — ordenei. — E chega de idéias malucas. O Doutor Caster sabe tanto quanto você que eu estou noiva e de casamento marcado.

— O tempo dirá — concluiu a velha brincalhona que e a minha mãe ao fechar a porta.

Mas eu fui para a cama com aquelas palavras ainda ecoando nos ouvidos.

Não deixa de ser muito estranho que naquela

mesma noite um tremor que começava a se tornar habitual me sacudiu e me acordou. Fui depressa até a janela e olhei para o jardim através das lamina da veneziana, e lá estava a figura magra e vampiresca do nosso hóspede sueco de pé a entrada da casa, aparentemente observando a minha janela. Ele deve ter percebido o movimento da cortina pois, acendendo um cigarro, começou a caminhar de um lado para o outro da alameda. Reparei que durante o café da manha, no dia seguinte, ele se desdobrou em explicações sobre como não conseguira pegar no sono e só conseguira acalmar os nervos andando ao ar livre e fumando um cigarro.

Afinal, quando pude esfriar a cabeça e raciocinar com mais serenidade, admiti que a aversão que eu sentia pelo homem e a desconfiança que ele me inspirava se baseavam em coisas muito pequenas. Um homem tem o direito de ter ma aparência, de gostar de literatura exótica e até de olhar com admiração para uma jovem bonita, mesmo que noiva, sem se tornar com isso um ser anti-social. Dou estas explicações para que vejam até que ponto eu não alimentava nenhum preconceito nas minhas opiniões acerca de Octavius Caster.

— Pessoal, o que vocês acham de um piquenique hoje? — propôs o Tenente Daseby certa manhã.

Maravilhoso! — exclamamos em uníssono.

Já estão comentando a partida do velho Shark para breve, e Trevor terá que retornar aos seus afazeres. Temos que aproveitar o pouco tempo que nos resta ao máximo.

O que significa piquenique? — perguntou o Doutor Gaster.

É outra de nossas instituições britânicas que você precisa estudar, Gaster — disse Charley. — É a nossa versão de um *fête champêtre*.

Compreendo. Vai ser uma ocasião muito alegre, espero — concordou o sueco.

Podemos escolher entre meia dúzia de lugares — prosseguiu o Tenente. — Ha Lover's Leap, ou Black Tor, ou Beer Ferris Abbey.

— Este é o melhor lugar. Nada como ruínas para um piquenique.

Que seja Beer Ferris Abbey, então. Alguém aí sabe a distância exata?

Seis milhas — disse Trevor.

— Sete pela estrada — corrigiu o Coronel, com precisão militar. — Mrs. Underwood e eu

ficaremos em casa, e o resto do bando que se arranje na carroça. Vocês estarão todos em boa companhia.

Não precise nem dizer que a sugestão foi aceita por unanimidade.

— Vou mandar que a carroça fique pronta para daqui a duas horas, e portanto não podemos perder um segundo. Quero salmão, salada, ovos cozidos, uísque, e muito mais. Do uísque cuido eu. O que você vai fazer, Lottie?

Eu separo a louca — disse eu.

Eu levo o peixe — disse Daseby.

E eu dos legumes — acrescentou Fan.

O que você vai fazer, Caster? — perguntou Charley.

Para falar a verdade — disse o sueco com sua voz musical e seu estranho sotaque — nada resta para mim. Mas eu posso ajudar as senhoritas a fazer o que vocês chamam de salada.

Você se tornara bem mais popular nesta nova função do que na anterior — disse eu, rindo muito.

Ah, você acha? — disse Caster virando-se rápido para mim e corando Até a raiz dos seus cabelos cor de palha. — Muito bem! Ha! Ha! Muito bem!

E com uma risada dissonante ele saiu da sala.

— Lottie — zangou meu noivo — assim você magoa o homem.

— Mas eu não tive a intenção de ferir ninguém. Se você quiser eu o procure e peço desculpas.

— Ah, esqueça, Lottie. Deixe-o para lá. Um sujeito com uma cara daquelas não tem o direito de ser tão sensível. Ele se recupera. Fique tranqüila.

Eu falava a verdade quando disse que não tive a menor intenção de ofender Caster; mesmo assim, eu me sentia triste por tê-lo incomodado. Depois que arrumei os pratos e talheres num cesto grande, fui ver o que os outros estavam fazendo; ninguém ainda terminara a sua parte. O momento me pareceu propício para que eu me desculpasse daquele comentário impróprio; portanto, sem contar nada a ninguém, sai de mansinho e fui pelo corredor na direção do quarto do nosso hóspede. Eu devo ter caminhado muito de leve, ou talvez os grossos tapetes de Toynby Hall abafem todos os sons. O certo é que Mr. Caster não percebeu a minha chegada. Sua porta estava aberta, e quando me coloquei diante dela eu o surpreendi lá dentro com uma aparência tão estranha que me pôs petrificada de susto e medo.

Ele segurava um recorte de jornal na mão, e o que lia lhe dava muito prazer. E também na sua alegria se ocultava algum sentimento medonho, pois ele contorcia o corpo como se risse, mas não emitia som nenhum pelos lábios. Seu rosto, de lado para mim, revelava uma expressão que nunca antes eu vira num ser humano. Só posso descrevê-la como sendo de júbilo selvagem.

Assim que eu me recuperei o bastante para dar um passo a frente e anunciar a minha presença, ele atirou o pedaço de jornal sobre a mesinha com um gesto súbito e, após torcer-se em mais um espasmo convulsivo de satisfação, saiu apressado pela outra porta, que dava para o salão de bilhar e, dali, para o saguão de entrada. Ouvi seus passos até que desapareceram a distância, e espiei outra vez para dentro do quarto. O que poderia ter dado tanta alegria aquele homem sisudo? Eu imaginava alguma piada inigualável, uma obra-prima de humor.

Será que já existiu mulher cujos princípios eram fortes o suficiente para vencer a sua curiosidade? Olhando cautelosa ao meu redor para me certificar de que não havia ninguém por perto, esgueirei-me para dentro do quarto e examine! o

papel que ele estivera lendo. Era o recorte de um jornal inglês e, pelo seu estado, deduzi que costumava ser muito lido e manuseado, uma vez que algumas de suas partes estavam quase ilegíveis. Entretanto, havia muito pouco motivo para risos no seu conteúdo, a menos que minha inteligência andasse embotada. O artigo dizia aproximadamente o seguinte:

MORTE SUBITA NO CAIS – O comandante do vapor Olga, de Tromsberg, foi encontrado morto em sua cabine na tarde de quarta-feira. Ao que se sabe, o falecido era um homem violento, e tinha discussões freqüentes com o medico do barco. Naquele dia, em particular, ele se mostrara mais agressivo do que de costume, declarando em alto e bom som que o medico era necromante e adorador do demônio. Este retirou-se para o convés a fim de evitar a perseguição. Pouco depois, o imediato entrou na cabine e encontrou o comandante morto sobre a mesa. A morte foi atribuída a um problema cardíaco agravado pelo temperamento explosivo do marujo. Hoje serão iniciadas as investigações.

Este era o parágrafo que o vosso estranho visitante considerava tão engraçado! Desci as escadas correndo, dominada por um misto de

pasmo e repugnância. Mas eu sou uma pessoa tão bem-intencionada que a inferência sombria tantas vezes feita por mim mesma desde aquele dia nem por um instante atravessou o meu pensamento. Eu o via como um enigma curioso e repulsivo — nada mais.

Quando o reencontrei para o piquenique, todas as lembranças do meu comentário infeliz pareciam ter desaparecido para sempre da sua mente. Ele se mostrou agradável, como sempre, e sua salada foi considerada uma chef-d'oeuvre, enquanto que suas canções suecas e seus contos de todos os climas e países nos emocionavam e divertiam, alternadamente. Entretanto, só depois da refeição a conversa se fixou num tema que parecia ter um sabor especial para aquele homem ousado.

Esqueço quem puxou o assunto do sobrenatural. Acho que foi Trevor, contando uma peça que pregara nos alunos de Cambridge. A história teve um efeito singular em Octavius Caster, que sacudia seus longos braços invectivando contra os que ridicularizavam ou Putnam em dúvida a existência do desconhecido.

— Eu quero que me digam — disse ele, pondo-se de pé exaltado — qual de vocês já

experimentou o que chamam de instinto do fracasso. A ave selvagem tem um instinto que lhe diz em que rocha solitária do oceano sem fim ela deve colocar o seu ovo, e será que ela se decepciona? A andorinha voa para o sul quando o inverno se aproxima, e será que o instinto faz com que perca o rumo? E este instinto que nos fala de espíritos desconhecidos a nossa volta, e que pervade toda criança inculta, toda raça selvagem, pode estar equivocado? Eu respondo: nunca!

— Bis, Caster! — bradou Charley.

Respire um pouco e continue — disse o marinheiro.

Não, nunca! — repetiu o sueco, ignorando as nossas chacotas. — Se vemos que a. matéria existe separada da mente, porque não admitimos a existência da mente separada da matéria?

— Desista — disse Daseby.

Será que não temos provas? — prosseguiu Caster, com os olhos luminosos de exaltação. — Qual a pessoa que tenha lido o livro de Steinberg sobre os espíritos, ou o livro daquela americana eminente, Madame Crowe, e que, ainda assim, persiste na duvida? Não é verdade que Gustav von Spee encontrou seu irmão nas ruas de Estrasburgo,

o mesmo irmão que se afogara três meses antes no Pacífico? Home, o espírita, não flutuou em plena luz do dia sobre os telhados de Paris? Quem nunca ouviu as vozes dos mortos ao seu redor? Eu, por mim...

Pois e; e você? — perguntamos quase todos no mesmo instante.

Ah, não interessa — disse ele, passando a mão pela testa e lutando muito para se controlar. — Este tipo de assunto é muito triste para uma ocasião de festa.

E apesar de todos os nossos esforços não conseguimos extrair nada de Caster sobre as suas próprias experiências com o sobrenatural.

Foi um dia alegre. A breve dissolução do grupo parecia fazer com que cada um desse o máximo de si para a animação geral. Ficou decidido que após a competição de tiro, já bem próxima, Jack retornaria ao navio e Trevor a Universidade. Quanto a Charley e eu, iniciáramos vida nova e seria de marido e mulher.

A competição foi um dos temas principais do piquenique. O tiro sempre fora um hobby de Charley, e ele era Capitão da companhia Roborough de voluntaries, sediada em Devon, e da qual eram

membros alguns dos melhores atiradores do condado. Os adversários seriam todos militares de Plymouth, escolhidos a dedo, e como se tratava de atiradores cuja pericia não podia ser desprezada, o resultado era considerado incerto. Charley, evidentemente, só pensava em vitória, e cantava em prosa e verso as chances da sua equipe.

— O stand de tiro fica a uma milha de Toynby Hall — disse-me. — Você também vai assistir para me dar sorte, Lottie — sussurrou ele nos meus ouvidos. — Você sabe que vai.

Ah, meu pobre, meu perdido noivo, não foi sorte o que eu trouxe para você!

Só uma nuvem, embora escura, toldava o céu claro daquele dia feliz. Eu não conseguia mais esconder de mim mesma o fato de que as suspeitas de minha mãe estavam corretas, e que Octavius Caster me amava. Durante todo o transcorrer do passeio ele me cercou de atenções, e seus olhos dificilmente me largavam. O seu jeito de falar, inclusive, dizia muito mais do que as palavras. Se Charley percebesse eu me veria numa situação embaraçosa, pois o temperamento dele era explosivo; porém a idéia de uma tamanha traição jamais passaria pelo coração honesto de meu noivo.

Só uma vez ele se surpreendeu: foi quando o sueco insistiu de todas as maneiras para me poupar o fardo de uma simples samambaia que eu levava para casa; mas a expressão de duvida logo se desfez num sorriso diante do que considerava mais uma manifestação de solicitude de Gaster. Os meus sentimentos eram de pena do estrangeiro desafortunado; eu não me acostumava a idéia de fazer alguém infeliz. Eu imaginava a tortura que seria para um espírito indomado e livre como o dele ser vitima de uma paixão que lhe ardesse no peito; de uma paixão que a honra e o orgulho jamais permitiriam que expressasse em palavras. Que inocente eu fui! Eu não contava com a vileza e a falta absoluta de princípios daquele homem; mas eu não permaneceria iludida por toda a vida.

Havia um pequeno caramanchão no final do jardim, coberto de madressilva e hera, ha longo tempo um dos recantos preferidos de mim e de Charley. Ele nos trazia lembranças muito ternas, também, pois foi ali, por ocasião de uma visita anterior, que trocamos pela primeira vez palavras apaixonadas. Depois do jantar, no dia que se seguiu ao piquenique, fui satisfeita e lépida para o nosso cantinho, como era meu costume. Ali eu esperaria

até que Charley terminasse de fumar o seu charuto com os outros cavalheiros e viesse ao meu encontro. Naquele dia, em particular, ele demorou mais do que o habitual. Eu aguardava impaciente pela sua chegada, indo até a porta de vez em quando para ver se havia algum sinal da sua aproximação. Eu mal havia me sentado outra vez após uma dessas voltas nervosas e infrutíferas quando ouvi passes de homem sobre o cascalho e uma figura emergiu dos arbustos. Eu pulei de pé com o sorriso mais puro, que logo se tornou uma expressão de espanto e até de medo quando notei o rosto magro e pálido de Octavius Caster olhando para mim. Afirmando que havia, em seus atos, algo que teria inspirado desconfiança a qualquer pessoa na minha situação. Ao invés de me cumprimentar, ele olhou para um lado e para o outro do jardim, como se quisesse ter certeza de que estávamos completamente sós. Em seguida, ele penetrou sorrateiro no caramanchão e sentou-se num banco posicionado de jeito que barrava o meu caminho para a porta.

— Não precisa ter medo — disse ele ao reparar a minha atitude acuada. — Medo de que? Eu vim apenas para conversar um pouco com você.

— Você viu Mr. Pillar? — perguntei,

tentando me mostrar tranqüila sem conseguir.

Ha! Se eu vi o seu Charley? — respondeu ele, sublinhando a ultima palavra com um esgar. — Quer dizer que você esta ansiosa pela vinda dele? Será que ninguém mais pode falar com você exceto o Charley, pequenina?

Mr. Caster, você esta passando dos limites.

E Charley, Charley, sempre Charley! — prosseguiu o sueco, ignorando a minha interrupção. — Sim, eu vi Charley. Eu lhe disse que você o espera a beira do rio, e ele foi até lá nas asas do amor.

E por que você mentiu para ele? — interoguei, ainda me esforçando ao máximo para não perder o autocontrole.

— Apenas para ver você; apenas para falar com você. E verdade que você o ama tanto assim? Será que o sonho da glória, da riqueza, do poder sobre tudo o que a humanidade concebe, não basta para curá-la desta primeira ilusão de amor juvenil? Fuja comigo, Charlotte; tudo isto, e muito mais, será seu! Venha!

E ele estendeu seus longos braços num convite de amor. Naquele exato instante eu tive um pensamento curioso: aqueles braços eram como que

tentáculos de algum inseto venenoso.

— Você me insulta! — gritei, pondo-me de pé. — Você pagara caro por se dirigir deste jeito a uma senhorita desprotegida!

E o que você diz, mas não é o que você sente! No seu coração terno há pena pelo mais miserável dos homens. Não, você não passara. Você vai me ouvir primeiro!

Deixe-me ir!

Não. Você não irá até me dizer se existe alguma coisa capaz de me dar o seu amor!

Como você tem a ousadia de falar assim? — Eu gritava, berrava, perdendo todo o medo de tão indignada. — Você, um hóspede do meu futuro marido! Eu quero lhe dizer de uma vez por todas que antes os únicos sentimentos que me inspirava eram a repugnância e o desprezo; eles acabam de ser transformados em ódio, ódio puro!

— Ah, e verdade? — disse ele, quase engasgando e indo trôpego de costas até a entrada, com as mãos sobre a garganta como se encontrasse dificuldade para pronunciar as palavras. — Quer dizer então que o meu amor só lhe desperta ódio? Ha! — prosseguiu ele, avançando seu rosto a menos de um palmo do meu.

Encolhi-me intimidada pelos olhos vidrados daquele monstro, mas ele continuou insistindo.

Agora eu sei! E isto... e isto! — E ele socou violentamente a cicatriz que tinha no rosto. — Donzelas não sentem amor por rostos assim! Eu não tenho a pele lisa e morena, e nem os cabelos castanhos desse Charley, desse estudantezinho desmiolado, desse sujeitinho grosseiro que só pensa nos seus esportes e...

Chega! Saia da minha frente! — gritei, arremetendo para a porta.

Não! Você não vai! Você não vai! — disse ele com sua voz sibilante, empurrando-me para trás.

Lutei furiosamente para escapar das suas mãos. Seus braços compridos me agarravam como barras de ferro. Eu senti que minha força se esvaia, e estava fazendo um ultimo esforço desesperado para me desvencilhar quando alguma presença irresistível que no momento não percebi arrancou o meu perseguidor de cima de mim e o atirou de costas no cascalho. Erguendo os olhos, vi a figura imponente de Charley, bloqueando a entrada com seus ombros largos.

— Minha pobre querida! — disse ele, pegando-me nos braços. — Sente-se aqui, aqui no

canto. Não ha mais perigo. Eu volto para você já.

— Não, Charley. Não. [Por favor] — murmurei quando ele se virou para me deixar.

Mas ele foi surdo aos meus apelos e saiu a passos rápidos do caramanchão. De onde ele me deixara, eu não via nem Charley nem Caster, mas todas as palavras me chegaram nítidas.

— Sem-vergonha! — bradou uma voz que mal reconheci como a do meu noivo. — Foi por isso, então, que você me colocou na pista errada?

— Foi por isso — respondeu o estrangeiro, com indiferença e cinismo.

— E este o pagamento da nossa hospitalidade, seu safado dos infernos!

E; nos gostamos muito do seu lindo refugio de verão.

Nos? Você ainda esta em minha casa, e ainda e meu hóspede, e eu não gostaria de colocar as mãos em você; mas, pelo amor de Deus... — Charley falava muito baixo, devagar, quase sem fôlego.

— Para que xingar? Qual e o problema? — perguntou a voz languida de Octavius Caster.

— Se você ousar unir o nome de Miss Underwood a suas loucuras, e insinuar que...

— Insinuar? Eu não estou insinuando nada.

O que eu digo e digo abertamente, para que o mundo inteiro ouça, e que esta donzela tão casta solicitou, ela mesma...

O barulho do soco que Charley lhe desferiu foi seguido de um rogar de pés no cascalho. Eu estava amedrontada demais para me levantar, e só pude juntar as mãos e gritar em desespero.

— Cachorro! — berrou Charley. — Repita isto, e sua boca se calará por toda a eternidade!

Fez-se silêncio, e eu ouvi Caster respondendo com uma voz rouca e estranha.

— Você me bateu! Você me tirou sangue!

— E daí? Eu bato mais se você tiver a petulância de entrar de novo nesta propriedade. Não adianta olhar para mim deste jeito! Pode ter certeza que os seus truques e os seus espíritos não me assustam.

Um medo indefinível tomou conta de mim quando meu noivo disse isto. Fiquei de pé cambaleante e olhei para fora, apoiando-me na porta para não cair. Charley estava de pé, ereto e provocador, com o rosto jovem empinado no ar, como quem se orgulha da causa que o levou a batalha. Octavius Caster estava à sua frente, mordendo o lábio e estudando-o com uma

expressão maldosa nos olhos cruéis. O sangue jorrava de um corte profundo no lábio inferior, manchando a sua gravata verde e a camisa branca. Ele me percebeu assim que apareci a entrada do caramanchão.

— Ha! Ha! — gritou ele, soltando uma gargalhada demoníaca. — La vem ela! A noivinha! La vem ela! Abram o caminho para a noiva! Um casal feliz, casal feliz!

E, com outra manifestação diabólica de regozijo, ele se virou e desapareceu pulando o muro semidestruido com tanta rapidez que nos o perdemos de vista antes que entendêssemos a sua intenção.

— Oh, Charley — disse eu, assim que meu noivo voltou para junto de mim. — Você o machucou!

— Se machuquei? Quem dera! Venha, querida, você esta cansada e nervosa. Ele fez alguma coisa com você?

— Não; mas eu estou me sentindo meio tonta e enjoada.

Venha; vamos voltar para casa. Que sem-vergonha! E o pior é que planejou tudo com a maior desfaçatez. Ele me disse que havia encontrado com

você na
beira do rio, e eu estava indo para lá quando encontrei Stokes, o filho do caseiro, voltando da pescaria; Stokes me disse que não havia ninguém por lá. Quando ouvi isto, mil coisas passaram pela minha cabeça ao mesmo tempo, e eu tive certeza da vilania de Gaster; por isso vim desabalado para cá.

Charley — disse eu, debruçando-me sobre o braço do meu amor. — Eu tenho medo que ele faça algum mal a você. Você viu o olhar dele antes de pular o muro?

Shhhh — fez Charley. — Esses estrangeiros tem um jeito esquisito de fuzilar a gente com os olhos quando estão irritados, mas não fazem nada.

Mesmo assim eu tenho medo dele — falei chorosa ao subirmos juntos os degraus. — Eu preferia que você não tivesse batido nele.

Eu também — respondeu Charley. — Ele e nosso convidado, apesar de toda a infâmia. Porém o que está feito está feito e acabou-se, como diz um personagem de "Pickwick"; a verdade é que a paciência tem limite e chega uma hora em que o sangue sobe a cabeça.

Vou comentar por alto os acontecimentos dos dias que se seguiram ao incidente do caramanchão.

Para mim, pelo menos, foi um período de felicidade absoluta. Com o sumiço de Caster, eu me senti como se uma nuvem negra me tivesse deixado a alma, e a depressão que oprimia todos os moradores de Toynby Hall desapareceu completamente. Eu me tornei outra vez a menina esperta que sempre fora até a chegada do estrangeiro. Até o Coronel esqueceu-se de lamentar a sua ausência, absorvido que estava pela competição da qual seu filho participaria. Era o nosso único assunto; os cavalheiros aceitavam qualquer aposta, confiantes no sucesso da equipe de Roborough, embora ali não houvesse ninguém suficientemente tolo para aceitar o desafio e empenhar dinheiro nos adversários. Por isso Jack Daseby foi a Plymouth e "cercou" tão bem as suas apostas com alguns oficiais da Marinha que se Roborough vencesse ele daria adeus a dezessete xelins, e na eventualidade de uma vitória da equipe adversária ele passaria a vida inteira pagando dividas.

Charley e eu fizemos um acordo tácito no sentido de não mencionarmos o nome de Caster e de não aludirmos sob hipótese alguma ao que acontecera. Na manhã seguinte ao episódio do

jardim, Charley mandou um criado ao quarto do sueco com instruções para colocar todos os seus pertences numa mala e deixá-los na hospedaria mais próxima. Descobriu-se, porém, que todos os objetos de Caster já haviam sido removidos, embora ninguém soubesse dizer quando e como.

Eu conheço poucos lugares mais bonitos que o estande de tiro de Roborough. O vale onde ele se situa tem mais ou menos meia milha de comprimento e é perfeitamente plano, de modo que os alvos podem ficar entre duzentas e setecentas milhas de distância, com os últimos deles parecendo ser quadradinhos brancos colados a encosta dos morros que se elevam em seu fundo. O vale, em si, e parte da grande charneca, e seus lados, aumentando pouco a pouco de altura, perdem-se depois nos extensos prados da região. Sua simetria sugeriu a mentes imaginativas que algum gigante de outras eras tivesse escavado a charneca com sua pá titânica, para depois abandoná-la desanimado com a total inutilidade do solo. Se aceitarmos este raciocínio, podemos imaginar ainda que ele tenha deixado cair uma amostra de terra na abertura do corte que fez, pois lá existe uma elevação considerável de onde se avista o vale comprido e

retilíneo. Justamente sobre esta elevação fora armada a plataforma de onde os atiradores disparariam seus rifles, e para lá nos dirigimos naquela tarde trágica.

Nossos adversários chegaram antes de nos, trazendo a seu lado um numero considerável de oficiais da Marinha e do Exercito, enquanto que uma longa fila de veículos simples indicava que muitos cidadãos de Plymouth tinham resolvido aproveitar a oportunidade para sair a passeio com a esposa e a família. No alto do morro fora construído um abrigo para as damas e convidados de honra, que com seus toldos e barraquinhas de comida e bebida tornavam o cenário ainda mais alegre. A população rural comparecera em massa, e apostava entusiasmaticamente seus trocados nos campeões do local, no que era correspondida com a mesma força pelos torcedores dos militares.

Charley nos guiou em segurança através de todo aquele ambiente de festa e agitação, com a ajuda de Jack e Trevor, deixando-nos, por fim, numa espécie de arquibancada rudimentar de onde podíamos observar a vontade todo o desenrolar das atividades. Em pouco tempo nossa atenção se concentrou tanto na paisagem maravilhosa que nos

esquecemos por inteiro das apostas, dos empurrões e da gritaria da multidão que se formava a nossa frente. Para o sul, víamos a fumaça azulada das indústrias de Plymouth subindo em círculos no ar calmo do verão, enquanto mais além o mar se estendia até o horizonte, vasto e escuro, exceto onde as ondas petulantes o pintavam com riscos brancos de espuma, como que em rebeldia contra a imensa paz da natureza. De Eddystone a Start, a linha recortada do litoral de Devonshire se abria feito um mapa a nossa frente. Eu ainda estava perdido em admiração quando a voz de Charley ressoou em meus ouvidos com uma pitada de repreensão.

— Lottie, você não parece nem um pouquinho interessada na competição!

Estou sim, querido. Mas a paisagem é tão bonita, e o mar sempre foi meu fraco... Venha; sente-se aqui e me explique a competição. Como eu posso saber se você está ganhando ou perdendo?

Eu acabei de explicar tudo; mas eu repito para você.

— Isto; bem bonzinho.

E eu me ajeitei para prestar atenção, aprender e digerir.

— Hmm — disse Charley, pigarreando. —

São dez homens de cada lado. Nos atiramos alternadamente; primeiro um da nossa equipe, depois um da outra equipe, e assim por diante. Você entende?

— Entendo sim.

— Primeiro nos atiramos a duzentas jardas, que são os alvos mais próximos ali adiante; são cinco tiros em cada alvo. Depois damos cinco tiros nos alvos a quinhentas jardas — os do meio. E terminamos atirando a setecentas jardas — aqueles lá quase na encosta da montanha. Quem fizer mais pontos vence. Esta clara, agora?

— E muito simples — disse.

— Você sabe o que é a mosca? — perguntou meu noivo.

— É um inseto, não é? — arrisquei.

Charley pareceu espantado com o tamanho da minha ignorância.

A mosca é aquilo ali: o pontinho preto no centro do alvo. Quem acerta a mosca consegue cinco pontos. Há outro círculo, que não vemos daqui, em torno da mosca. Ele se chama "centro", e vale quatro pontos. Fora do centro, há um novo círculo, chamado "externo", que só conta três pontos. Os assistentes sabem onde caiu o tiro porque os

marcadores põem um disco colorido sobre ele.

Oh, agora eu já sei tudo, querido — exclamei entusiasmada. — Sabe o que eu vou fazer? Trouxe um caderninho e vou anotar todos os tiros; assim eu acompanho a vitória de Roborough desde o início.

— Você não poderia ter uma idéia melhor! — admitiu Charley, rindo muito enquanto ia para junto da sua equipe, pois o sinal dos juízes indicara que a competição ia começar. Antes que a área de tiro fosse esvaziada, bandeiras tremularam entre a torcida dos concorrentes e gritos saudaram os seus preferidos. Vi, então, um grupo de homens de colete vermelho espalhado pela grama, a direita, e outro de cinza tomando posição a sua esquerda.

"Bang!" O primeiro tiro foi desferido, e a fumaça azulada subiu da grama. Fanny deu um gritinho, enquanto eu soltava uma exclamação de júbilo porque vi o disco branco ser colocado indicando "mosca", e o tiro havia sido disparado por um dos homens de Roborough. Contudo, a minha ufania foi logo interrompida pelo tiro do adversário, que registrou cinco pontos para crédito dos militares. O seguinte também acertou a mosca, e foi prontamente cancelado pelo próximo. Ao final da etapa a curta distância, cada lado havia feito

quarenta e nove pontos dos cinqüenta possíveis, e a questão da supremacia continuava em suspense.

Esta começando a ficar bom — disse Charley, debruçando-se sobre a amurada. — Daqui a alguns minutos vamos as quinhentas jardas.

Charley! — gritou Fanny excitadíssima. — Não erre, por favor!

E só o que eu quero — respondeu Charley animadamente.

Você fez mosca em todos os tiros — disse eu.

Fiz; mas não é tão fácil depois que somos obrigados a usar a mira. Mas vamos fazer o melhor possível, e se não ganharmos é porque eles são ótimos também. A equipe deles tem uns sujeitos incríveis na longa distância. Lottie, de um pulo até aqui.

O que houve, Charlie? — perguntei.

Ele me levou para um lugar afastado dos amigos. Pelo seu olhar, percebi logo que alguma coisa o perturbava.

E aquele sujeito! — reclamou meu noivo. — O que ele tinha que vir fazer aqui? Eu pensei que nunca mais poria os olhos nele!

Que sujeito? — perguntei assustada, com uma premonição que me ardia no peito.

O maldito sueco, Caster!

Acompanhei o olhar de Charley, e lá estava ele, sem dúvida, de pé num morrinho perto de onde os atiradores se postavam; lá estava ele, com sua figura alta e angulosa. Caster parecia desconhecer integralmente a sensação que sua aparência singular e suas feições hediondas despertavam entre os camponeses rudes que se amontoavam ao seu redor, porém esticava o pescoço para um lado e para o outro como se procurasse alguém. enquanto o observávamos, seu olhar cruzou com o nosso e pareceu-me que, mesmo aquela distância, pude detectar um espasmo de ódio e triunfo agitando a sua face lívida. Um estranho presságio me dominou, e eu preendi a mão do meu querido nas minhas.

Oh, Charley! — implorei. — Não volte, não volte para a competição. Diga que esta passando mal, invente uma desculpa qualquer e vá embora daqui!

Que tolice, menina! — disse ele, sorrindo tranqüilo diante do meu temor. — Me diga o que lhe faz tanto medo assim?

Ele! — respondi.

Não seja boba, meu bem. Quem nos ouvisse

falar a respeito daquele desgraçado pensaria que ele e uma espécie de semideus. Ouça, a sineta já esta tocando. Tenho que ir.

— Pelo menos prometa que não vai ficar perto dele! — gritei, quando Charley se afastava.

— Esta bem; esta bem.

E eu tive que me contentar com esta pequena concessão.

A etapa das quinhentas jardas também foi parelha e emocionante. Roborough esteve dois pontos a frente durante boa parte, até que uma série de moscas de um dos melhores atiradores da equipe adversária virou o placar a seu favor. No final, a contagem revelou que os voluntários ficaram três pontos atrás — um resultado que foi saudado com urras e vivas do contingente de Plymouth e visto com olhares comprimidos e desconsolados dos residentes da charneca.

Durante toda esta fase da competição, Octavius Caster manteve-se absolutamente quieto e imóvel no topo do morrinho onde se postara desde o inicio. Ele me dava a idéia de não entender nada do que acontecia, pois seus olhos pareciam fitar o horizonte distraídos, e seu rosto estava virado na direção contraria a dos competidores. Em

determinado momento eu o vi de perfil, e notei que seus lábios se movimentavam rapidamente, como se rezassem, ou talvez tenha sido o vapor do ar quente do verão quase indiano que me deu esta impressão. Entretanto, foi o que me ficou daqueles instantes.

E chegou a hora da etapa de longa distância que decidiria a contenda. A equipe de Roborough se lançou decidida a tarefa de recuperar o tempo perdido, enquanto que os militares não se mostravam dispostos a jogar fora a vitória por excesso de confiança. A cada tiro, a excitação da platéia aumentava, a ponto da multidão se acercar dos atiradores e vibrar intensamente a cada mosca. Nós próprios, de tão emocionados, contagiados pela animação geral, deixamos o refúgio onde nos encontrávamos e nos submetemos mansamente aos empurrões e maus modos da turba a fim de podermos ver mais de perto os campeões em atividade.

Os militares chegaram a dezessete com os voluntários em dezesseis, para a infelicidade do povo do lugar. As perspectivas melhoraram, contudo, quando houve um empate em vinte e quatro, e se tornaram ainda mais animadoras quando Roborough foi a trinta e dois contra trinta

dos adversários. Ainda havia, entretanto, os três pontos de diferença da rodada anterior que precisavam ser compensados. Lentamente os resultados subiam, e ambas as equipes lutavam desesperadamente para conquistar a vitória. Finalmente, um suspense gigantesco tomou conta da assistência quando se anunciou que o ultimo homem de colete vermelho já havia disparado, faltando apenas um voluntario, com os soldados na frente por quatro pontos.

Até nos, tão poucos esportistas, havíamos atingido um estado de frênesi pela natureza da crise que se apresentava diante dos nossos olhos. Se o ultimo representante da nossa cidadezinha acertasse a mosca vence-riamos a competição. A traga de prata, a glória, o dinheiro dos nossos adeptos, tudo dependia daquele único tiro.

O leitor calculara a intensidade que meu interesse alcançou quando, as custas de muito esticar o pescoço e ficar na ponta dos pés, eu vi que Charley punha calmamente uma bala no rifle, e compreendi que da habilidade do meu noivo dependia a honra de Roborough. Acho que foi isto o que me deu forças para abrir caminho em meio a multidão com um vigor que não tenho, Até chegar

quase na primeira fila, com uma vista perfeita do atirador e do alvo.

Havia um camponês a minha esquerda e outro a minha direita, ambos enormes, e enquanto aguardava-mos o tiro decisivo, não pude deixar de ouvir o que conversavam, num sotaque carregado de Devon.

Que sujeito mais feio! — exclamou um.

Sem dúvida — assentiu cordialmente o outro.

Já viu os olhos dele?

Eh, Jock! E a boca do homem! Nossa! Ele ainda por cima esta espumando como o cachorro do fazendeiro Watson — aquele que morreu de hidrofobia.

Virei-me para observar o objeto desses comentários tão elogiosos e meus olhos deram com o Doutor Octavius Caster, cuja presença me passara completamente desapercibida naqueles mementos de excitação. O rosto dele estava virado para mim, porémele não me via, pois seus olhos pareciam colados com uma persistência inabalável num ponto a meio caminho entre os alvos distantes e ele próprio. Nunca vi nada que se comparasse a extraordinária concentração daquele olhar, que

tinha os globos inchados e proeminentes e as pupilas contraídas além da imaginação, finas, minúsculas. O suor corria solto por sua face comprida e cadavérica, e como notara o camponês, havia sinais de espuma nos cantos de sua boca. O maxilar inferior estava rígido, como se Caster empenhasse toda a sua vontade num esforço feroz que consumisse até as energias da sua alma. Até o dia da minha morte aquela expressão medonha não fugira da minha memória e não abandonará os meus sonhos. Eu tremi e virei a cabeça na esperança vã de que talvez o campônio tivesse razão e alguma doença fosse a causa das excentricidades daquele homem repugnante.

Um grande silêncio se apossou da platéia quando Charley, com o rifle já carregado, travou a coronha e se agachou triunfante no lugar do disparo.

— Vamos lá, Mr. Charley, vamos lá! — ouvi McIntosh, o velho sargento voluntario, sussurrar de passagem. — Cabeça fria e mãos firmes, que a gente ganha ataca!

Meu noivo sorriu já deitado na grama, agradecendo o estímulo do militar grisalho, e logo se entregou a tarefa de mirar o rifle indiferente a

tensão. De tanto silêncio, ouvia-se até o roçar da brisa pelas folhas da grama. Durante mais de um minuto ele se demorou fazendo mira. Todos esperavam que apertasse o gatilho, e todos os olhos estavam voltados para o alvo distante quando, subitamente, ao invés de atirar, Charley se levantou irritado, deixando a arma no chão. Para surpresa dos assistentes, seu rosto tinha uma palidez anormal, e sua testa estava molhada de suor.

— McIntosh! — disse ele com voz estranha, sufocada. — Ha alguém entre o meu rifle e o alvo?

— Entre você e o alvo? Não, ninguém — respondeu o sargento, atônito.

La, colega, lá? — gritou Charley com energia, muito zangado, agarrando o sargento pelo braço e apontando na direção do alvo. — Você não está vendo lá adiante, na linha de tiro?

Não ha ninguém lá! — gritou uma dúzia de vozes.

— Ninguém? Então deve ter sido a minha imaginação — disse Charley, passando a mão sobre a testa lentamente. — Eu seria capaz de jurar... Esta bem, pode me dar o rifle!

Ele tornou a se deitar e, encontrando uma posição favorável, logo alçou a arma aos olhos. Mas

assim que fez pontaria, ele tornou a pular de pé gritando:

— La! Eu estou vendo alguém lá! Um homem vestido com uniforme de voluntario e muito parecido comigo — a minha imagem. Será alguma espécie de conspiração? — Prosseguiu, virando-se irritadíssimo para a platéia. — Nenhum de vocês esta vendo um homem igual a mim andando na frente daquele alvo, a menos de duzentas jardas daqui?

Se não soubesse que ele detestava a influencia feminina nesses momentos, eu teria voado para o lado de Charley. Mas ele não suportava cenas e escândalos. Só me restava ouvir em silêncio suas palavras estranhas, despropositadas.

Eu protesto! — disse um oficial, aproximando-se dele. — Este cavalheiro tem que atirar logo, ou retiraremos a nossa equipe e exigiremos a vitoria.

— Mas eu vou matá-lo! — esbravejou Charley, coitado.

Bobagem! Maluquice! Mate-o, então! — foi o coro de vozes masculinas que respondeu a sua indignação.

A verdade é que os nervos do rapaz não suportam a responsabilidade, e ele sabe disto. Ele está tentando arranjar uma desculpa — acusou um dos militares a minha frente.

O tenentezinho idiota mal imaginou que naquele momento um punho feminino por pouco não desferiu um soco no meio do seu ouvido.

— E nisto que da beber Martell três estrelas, e nisto que da! — zombou outro. — A gente vê os demônios. Já me aconteceu, e eu reconheço estes casos com a maior facilidade agora. Vá dormir, garoto!

Este comentário foi feito longe das minhas vistas, senão o seu autor teria corrido o mesmo risco do primeiro.

— Como é? Atira ou não atira? — exigiram diversas vozes.

— Esta bem. Vou atirar — resmungou Charley. — Mas ele vai morrer! É assassinato! Assassinato a sangue-frio!

Nunca me esquecerei do olhar desolado que ele lançou a multidão.

— Eu estou mirando no peito dele, McIntosh — murmurou Charley, deitado na grama e erguendo o rifle ao ombro pela terceira vez.

Seguiu-se um momento de suspense, um jato de chama, o estalo do rifle, e o júbilo tomou conta da charneca. Nos vilarejos circunvizinhos, as pessoas devem ter ouvido os berros de comemoração.

Grande, garoto! Grande! — exclamaram cem vozes honestas e boas de Devonshire, quando o pequeno disco branco apareceu nas mãos do marcador e escondeu a mosca escura, dando a competição por encerrada com a vitória de Roborough.

Maravilhoso, meu rapaz! E o jovem Pillar, de Toynby Hall. Vamos carregá-lo nos ombros até sua casa. Ele é o orgulho de Roborough. Vamos lá, pessoal. Ele está deitado na grama. Acorde! Sargento McIntosh! Qual é o problema com você? Eh? O que?

A platéia ficou paralisada, e um murmúrio soturno, incrédulo, transformou-se numa questão de segundos em gritos de pena e dor.

— Deixem a moca sozinha, pobre menina. Saiam! Deixem a moça sozinha!

Fez-se o silêncio outra vez, cortado apenas pelo choro de uma mulher e por seus gritos constantes de desespero.

Pois, leitor, o meu Charley, meu lindo, meu bravo Charley, jazia frio e morto no chão, com o rifle ainda preso aos seus dedos fechados.

Ouvi muitas palavras de simpatia. Ouvi o Tenente Daseby, partido de dor, implorar para que eu controlasse o desespero, e senti quando sua mão me retirou gentil-mente de junto do corpo do meu pobre noivo. Disto eu me lembro. O resto desapareceu da memória. Acordei numa enfermaria improvisada em Toynby Hall, quando soube que três semanas de delírio e agitação haviam transcorrido desde aquele dia terrível.

Espere! Será que não me lembro de mais nada? Acho que sim. As vezes penso que consigo relembrar um intervalo de lucidez em meio a confusão do meu período de inconsciência. Tenho uma vaga idéia de que a boa enfermeira que cuidava de mim se ausentou — e que um rosto magro, exangue, espreitava pela janela entreaberta — e que uma voz me disse:

— Eu já cuidei do seu lindo noivo, mas ainda volto para cuidar de você.

As palavras me chegaram com ecos de familiaridade, como se já tivessem estado antes em meus ouvidos, mas tudo se passou como num

sonho.

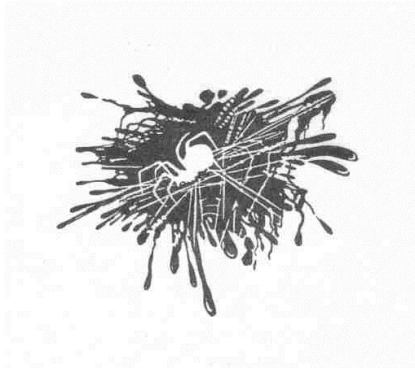
— É tudo! — pode pensar o leitor — E por isso que uma mulher histórica saiu a caca de um *savant* através das colunas de jornais! Com evidências tão parcas, ela ousa insinuar crimes monstruosos como a história jamais conheceu!

Não posso esperar que estas coisas toquem ao leitor como tocam a mim. Só posso dizer que se houvesse uma ponte entre Octavius Caster, numa extremidade, e o tigre mais sanguinolento que já pisou na face da terra na outra extremidade, eu buscaria a proteção da fera. Para mim, a vida se acabou, e eu a maldigo. Não me interessa o que vem pela frente, mas se minhas palavras puderem manter esse homem afastado de outros lares honestos eu não terei escrito em vão.

Quinze dias após a conclusão desta narrativa, minha pobre filha desapareceu. As buscas foram infrutíferas. Um carregador da estação ferroviária depôs afirmando ter visto uma jovem que corresponde a sua descrição embarcar num vagão de primeira classe com um cavalheiro alto e magro. Entretanto, seria ridículo imaginar que ela pudesse ter fugido com alguém após tanta provação e tanto luto, ainda mais porque não tenho motivo algum

para suspeitar de Outros casos amorosos.
Entretanto, os detetives estão investigando a pista.

Emily Underwood



O Pastor de Jackman's Gulch

Quando "O Pastor de Jackman's Gulch" foi publicado, na edição de Natal da London Society, em 1885, o Dr. Conan Doyle vivia um período agitado. Ele se casara em agosto e sentia o peso da responsabilidade. Sua clientela crescera a ponto de poder ser descrita como "numerosa, porém má pagadora". E embora tivesse conseguido abrir caminho até revistas de mais prestígio como o Chamber's Journal e o Cornhill, Conan Doyle não encontrara ainda um estilo dentro do qual se sentisse a vontade. O trabalho lhe parecia monótono e será importância. Ele reclamava da falta de reconhecimento aos seus textos. Ele concluíra duas novelas sem conseguir vendê-las. Enquanto isso, "O Pastor de Jackman's Gulch" era um exemplo típico do que ele estava escrevendo a época. Significativamente, foi a sua última

contribuição para a London Society. Quatro meses depois, ele iniciava a composição de "Um Estudo em Vermelho".

Ele era conhecido em Jackman's Gulch como Reverendo Elias B. Hopkins, porém todos sabiam que o título tinha apenas valor honorífico, resultado de suas muitas qualidades eminentes e não substanciado em qualquer reivindicação legítima que ele pudesse apresentar. "O Pastor" era outro de seus sobriquets, em tudo e por tudo significativo numa terra em que o rebanho era esparsos e os pastores de verdade muito poucos. Justiça se lhe faça, ele nunca alegou ter recebido qualquer formação preliminar para o ministério religioso ou tampouco qualificação ortodoxa para exercê-lo.

— Nós trabalhamos em nome do Senhor — comentou ele certa vez — e não importa se somos pagos por isso ou se dançamos a nossa própria música.

Este tipo de imagem grotesca é um exemplo do que tocava diretamente aos instintos de Jackman's Gulch. É fato que nos primeiros (poucos) meses de sua presença ele influiu de modo marcante para a diminuição do consumo de bebidas

fortes e do uso de adjetivos pesados que antes caracterizavam a pequena colônia de mineiros. Sob a sua tutela, os homens começaram a compreender que os recursos do vernáculo eram menos limitados do que supunham, e que seria impossível transmitir impressões com exatidão sem o auxílio de um halo espalhafatoso de profanidade.

E nos bem precisávamos de um regenerador em Jackman's Gulch por volta do início de 1853. Os tempos eram de pujança em toda a colônia, porémem nenhum lugar mais do que lá. A nossa prosperidade material tivera um efeito ruim sobre a moralidade. O acampamento era pequeno, um pouquinho mais de cento e vinte milhas ao sul de Ballarat, num ponto em que as torrentes da montanha abrem caminho para dentro de uma ravina acidentada em direção ao rio Arrowsmith, com o qual acabam por se unir. A história não conta quem teria sido o Jackman que deu nome a localidade, porémno período a que me refiro o acampamento abrigava cento e tantos adultos, muitos dos quais haviam buscado refugio ali depois de terem criado um ambiente insuportável nos campos de mineração mais civilizados. Eles eram um bando de gente abrutalhada, criminosa mesmo,

que os raros membros respeitáveis da comunidade dispersos em seu meio não chegavam a contrabalançar.

As comunicações entre Jackman's Gulch e o mundo exterior eram difíceis e incertas. Uma boa paste da floresta entre o acampamento e Ballarat vivia sob o terror de um fora-da-lei sanguinário de nome Conky Jim que, com uma pequena quadrilha de homens não menos maldosos, transformava qualquer viagem numa empresa arriscada. Sendo assim, era costume, em Jackman's Gulch, que o pó e as pepitas extraídas das minas ficassem guardados numa loja especial, onde a parte de cada mineiro ia para uma sacola separada com o seu nome gravado. Um homem de confiança chamado Woburn recebeu a incumbência de cuidar daquele banco primitivo. Quando a quantidade depositada crescia muito, alugava-se uma carroça e o tesouro era transportado inteiro até Ballarat sob a guarda da policia e de um numero determinado de mineiros que, por algumas horas apenas, tornavam-se defensores da lei. Uma vez chegado em Ballarat, ele era transferido para Melbourne em carroças que serviam exclusivamente a essa finalidade. Segundo o esquema utilizado, o ouro costumava passar alguns meses em Jackman's

Gulch antes de seguir viagem; mas Conky Jim estava de pés e mãos amarrados, pois a escolta era forte demais para ele e seu bando. No momento sobre o qual escrevo, ele parecia ter abandonado o seu esconderijo na floresta em desânimo, já que pequenos grupos a atravessavam com impunidade.

Durante o dia reinava uma relativa ordem em Jackman's Gulch, pois a maioria dos habitantes partia com picareta e pé-de-cabra para os veios de quartzo ou, de bateia, ia lavar o barro e a areia nas margens do re-gato. Contudo, com o cair do sol, as lavras eram gradualmente abandonadas e seus proprietários rudes, sujos de lama, esfarrapados, retornavam preguiçosos ao acampamento, dispostos a participar de qualquer coisa capaz de romper a monotonia. A sua primeira visita era sempre a loja de ouro de Woburn, onde os frutos do trabalho do dia ficavam depositados e a quantidade registrada no livro de controle; cada mineiro guardava consigo apenas o suficiente para cobrir as despesas da noite. A partir dali, não havia mais rédeas que os segurassem, e todos tratavam de se livrar do seu excedente de ouro em pó com a maior rapidez possível. O foco de dissipação era o bar improvisado, feito com aros de barril atravessados

por tabuas, ao qual se deu o digno nome de "Britannia Drinking Salon". Ali Nat Adams, o troncado proprietário, servia uísque de ma qualidade ao preço de dois xelins a dose ou um guineu a garrafa, enquanto que seu irmão Ben assumia o papel de croupier num barraco tosco de madeira nos fundos do bar, transformado em cassino e atulhado de gente todas as noites. Houvera antes um terceiro irmão, porém uma desavença infeliz com um freguês encurtara a sua vida.

— Ele era manso demais para viver muito — comentou seu irmão Nathaniel com propriedade durante o enterro. — Quantas vezes eu avisei que se estivesse discutindo o pagamento da bebida com um freguês sempre sacasse, depois conversasse, e então atirasse se o homem fizesse jeito de sacar também. Bill era educado demais. Ele discutia primeiro para sacar depois. Ele tinha que ter dado um tiro no sujeito antes de conversar.

Essa fraqueza incorrigível do falecido Bill fora um atrapalho para a firma dos Adams, que se viu na contingência de admitir um sócio a fim de assegurar o funcionamento do bar e do cassino, ainda que isso representasse uma diminuição

considerável dos lucros da família.

Nat Adams morava num barraco a beira da estrada naquela mesma localidade antes da descoberta do ouro e poderia, portanto, reivindicar o título de primeiro habitante. Esses donos de barracos a beira da estrada formavam uma raça peculiar e, embora divagando um pouco, acho interessante explicar como conseguiam amealhar pequenas fortunas numa terra onde os veja antes eram raros e espaçados. Os "homens da floresta" — ou seja: boiadeiros, ovelheiros e outros brancos que trabalhavam naquela região de pastores — tinham por hábito assinar contratos, concordando em servir a seu senhor durante um, dois ou três anos recebendo uma quantia estipulada por ano e mais uma ração diária. O álcool nunca entrava no contrato, e os homens se tornavam obrigatoriamente abstêmios totais por um longo tempo. O dinheiro era pago em bruto no término do contrato. Quando chegava o dia, Jimmy, o peão, entrava com seu passo arrastado no escritório do senhor trazendo o chapéu de palha na mão.

— Bom dia, meu senhor! — dizia ele. — Meu prazo acabou. Acho que vou sacar o meu cheque e dar um pulo na cidade.

— Você vai voltar, Jimmy.

— Eu sei. Passo três semanas fora, um mês, no máximo. Quero comprar umas roupas, senhor; e as minhas botas estão abertas como boca de jacaré.

— Quanto e, Jimmy? — pergunta o patrão segurando a pena.

— Sessenta libras na bucha — responde Jimmy pensativo. — E o senhor lembra de Marco, quando o touro malhado fugiu do curral? O senhor me prometeu duas libras. E uma libra no banho de remédio contra bicho ruim. E uma libra quando a ovelha do Millar se misturou com as nossas.

E assim prossegue o peão, pois os "homens da floresta", embora raramente escrevam, não permitem que nada lhes escape a memória.

O patrão faz o cheque e o entrega por sobre a mesa.

Não vá se afundar na bebida, Jimmy.

Não precisa nem dizer, chefe.

E o peão enfia o cheque na sacola de couro. Em menos de uma hora ele esta montado no seu cavalo esguio iniciando o percurso de cem milhas até a cidade.

Jimmy tem que passar por uns seis ou oito barracos de beira de estrada no seu dia de viagem, e

a experiência já lhe ensinou que se quebrar uma vez o habito de abstinência total o estimulante indesejado fará misérias no seu cérebro. Jimmy sacode a cabeça ressabiado, dizendo a si mesmo que nada neste mundo o fará levar o álcool aos lábios até que tenha cuidado do que importa. Mas a sua única chance é evitar a tentação; portanto, sabendo que o primeiro dos barracos fica a meia milha da fazenda, ele entra por um caminho dentro da floresta que só vai reencontrar a estrada bem mais adiante.

Jimmy cavalga resolutamente pela trilha estreita, congratulando-se por ter escapando ao perigo, quando percebe a presença de um homem corado de sol, barbado, que parece escutar passarinhos encostado numa árvore a margem da picada. É nada mais nada menos do que o dono do barraco que, observando a distância a manobra de Jimmy, embrenhou-se por um atalho na mata a fim de interceptá-lo.

Bom dia, Jimmy! — grita ele a medida em que o cavaleiro se aproxima.

Bom dia, companheiro; bom dia!

Para onde, Jimmy?

Para a cidade — responde Jimmy com

firmeza.

Não... agora? Vai mesmo? Você tem tempo de sobra para fazer das suas, Jimmy. Venha, venha tomar um trago na minha cabana; e para dar sorte.

Não! — responde Jimmy — Eu não quero beber nada.

— Só um traguinho...

Já falei que não quero — diz o peão com raiva.

Está bem, está bem. Não precisa se aborrecer tanto com isto. Tanto me faz que você beba ou não.

Bom dia.

Bom dia — responde Jimmy, e já lá se vai vinte jardas adiante quando ouve o outro pedindo que espere.

Jimmy, ouça — diz o dono do barraco, ofegante. — Você me faz um favor na cidade? Eu ficaria muito agradecido.

O que é?

Uma carta. Um precisava colocar no correio. E importante, e eu não posso entregar a qualquer um; mas eu conheço o meu amigo Jimmy! Se você ficar com ela tiro um peso danado da minha cabeça.

Pode me dar — responde Jimmy lacônico.

— Ela não está aqui. Deixei na cabana. Venha

comigo. Não é mais que um quarto de milha.

Jimmy consente, embora relute. Quando chegam ao barraco — uma construção arcaica que parece prestes a desmoronar — o proprietário pede a Jimmy, alegremente, que apeie e entre.

A carta — pede Jimmy.

Eu ainda não escrevi, mas se você esperar um minutinho eu apronto.

E o coitado do peão foi atraído a cabana. Mas, enfim, a missiva é escrita e entregue ao portador.

— Agora, Jimmy, um trago por minha conta antes de partir.

De jeito nenhum — contesta Jimmy.

Ah, e assim? — diz o outro com voz contristada. — Você é orgulhoso demais para beber com um sujeito pobre feito eu. Dê cá a minha carta. Prefiro morrer a aceitar o favor de um homem tão importante que não possa beber comigo.

— Não, não, colega. Não se zangue. Eu aceito um trago... mas é só.

O dono do barraco serve quase meia caneca de rum puro e a oferece ao peão. No instante em que ele sente o cheiro inebriante da bebida, volta o desejo de sorver o álcool e ele vira a caneca de um

gole só. Seus olhos ganham mais brilho e ele fica com o rosto corado. O dono do barraco o observava atentamente.

— Você já pode ir, Jimmy.

— Calma, parceiro, calma — diz o "homem da floresta". — Eu sou tão forte quanto você. Se você agüentar mais um trago, eu acho que agüento também.

Portanto, a caneca é enchida outra vez e os olhos de Jimmy brilham ainda mais.

— Agora, Jimmy, só mais uma vez pelo bem de todos nós. Depois é hora de você seguir viagem.

O peão vira a terceira caneca de rum, e com ela todos os seus escrúpulos e promessas desaparecem para sempre.

— Escute — diz ele com voz enrouquecida ao tempo em que tira o cheque da sacola. — Fique com isto, companheiro. Se vir mais alguém pela estrada, peca que venha beber comigo. Eu estou pagando. Avise quando o dinheiro acabar.

E assim Jimmy abandona a idéia de ir a cidade. durante três semanas, durante um mês, ele vaga em torno do barraco num estado de extrema embriaguez e reduz todo viajante a mesma condição. Chega, afinal, o dia em que o dono do

barraco e da bebida lhe traz a má notícia.

— O dinheiro acabou, Jimmy. Você agora tem que ganhar a vida.

E então Jimmy toma um bom banho para recuperar a compostura, amarra o cobertor e a chaleira às costas e volta a fazenda, onde passa mais um ano de sobriedade que terminara em outro mês de bebedeira.

Tudo isso, embora típico do espírito irresponsável dos residentes, não tem maior significado para a historia de Jackman's Gulch, e portanto é melhor voltarmos ao acampamento dos mineiros. Os aumentos da população eram infreqüentes, e os recém-chegados na época a que me refiro eram ainda mais duros e ferozes que os moradores tradicionais. De todos eles, uma dupla de rufiões, em particular, chamados Phillips e Maule nos interessa. Os dois chegaram ao acampamento a cavalo e logo iniciaram a lavra na outra margem do rio, envolvendo Jackman's Gulch com a virulência e a constância dos seus palavrões, com a truculência dos seus hábitos e atitudes, e com o desrespeito acintoso a todas as leis sociais. Eles diziam vir de Bendigo, e não foram poucos os que, como eu, desejaram a volta de Conky Jim, do

temível Conky Jim, apenas para fechar as estradas a passagem de visitantes como aqueles. Depois que se estabeleceram, o ambiente do "Britannia" e do cassino se tornou mais turbulento do que já era normalmente. Brigas horríveis, terminando quase sempre em derramamento de sangue, viraram fato corriqueiro. Os freqüentadores mais pacíficos do bar começaram a aventar seriamente a hipótese de linchamento dos dois estranhos, principais promotores da desordem. A situação estava mal parada quando o nosso evangelista, Elias B. Hopkins, chegou mancando ao acampamento, sujo da viagem e com os pés em carne viva, trazendo a pá amarrada às costas e a Bíblia no bolso do seu paletó de algodão grosso.

A princípio, sua presença quase passou despercebida de tão insignificante que era o homem com seus modos tranquilos e discretos, seu rosto pálido, sua figura frágil. Contudo, assim que se fazia conhecer melhor, ele deixava evidentes uma determinação e um rigidez no seu queixo sempre barbeado, e uma inteligência nos seus grandes olhos azuis que o destacavam como um homem de caráter. Ele construiu uma cabaninha para si próprio e iniciou uma lavra no terreno adjacente ao

ocupado pelo dos baderneiros que o haviam precedido. Sua lavra foi escolhida com um desrespeito crônico a todas as regras praticas da mineração, e logo marcou o bom Elias como um novato no ofício. Era penoso observá-lo todas as manhãs, quando seguíamos a caminho do trabalho, cavando e abrindo a terra com o máximo esforço, porem, como sabíamos de sobra, com mínimas possibilidades de conseguir qualquer resultado. Ele costumava largar as ferramentas por alguns instantes, enquanto atravessávamos o seu pedaço de chão, enxugando o rosto pálido com um lenço colorido e bradando uma saudação matutina cordial, para logo em seguida retomar a lavra duplamente animado. Aos poucos fomos nos aventurando a perguntar, meio com pena e meio com desprezo, sobre o resultado da sua faina diária.

— Ainda não achei nada, rapazes — respondia ele contente — mas o leito de pedras aqui e fundo e espero que ainda hoje encontre um bom veio.

Dia após dia, as palavras dele eram sempre iguais, com a mesma confiança e o mesmo espírito inabaláveis.

Não demorou muito para que ele nos

mostrasse a matéria de que era feito o seu caráter. Certa noite, o ambiente no bar estava violento até pelos padrões de Jackman's Gulch. Um rico bolsão havia sido encontrado durante o dia, e o feliz mineiro entrara no "Britannia Drinking Salon" disposto a pagar bebida a vontade; com isso, a terça parte do acampamento já estava reduzida ao estado da mais absoluta embriaguez. Uma cambada de bêbados imiteis circulava pelo bar, xingando, praguejando, gritando, dançando e, vez por outra, disparando suas pistolas para o alto por pura farra. Do interior do cassino, atrás do bar, erguia-se um coro semelhante. Maule, Phillips e a turba que aderira aos dois estavam em ascendência, varrendo todas as pretensões de ordem e decoro.

Subitamente, em meio aquele tumulto de palavrões e berros alcoolizados, os homens começaram a ouvir um monólogo tranqüilo que se imiscuía entre todos os outros sons e penetrava em todas as breves pausas do falatório. Paulatinamente, primeiro um homem, depois outro, e outro, e outro mais iam parando para ouvir, até que a agitação cessou por inteiro e todos os olhos se voltaram para a direção de onde vinha aquele rio calmo de palavras, calmo como o regato que corria atrás do

acampamento. Ali, montado num barril, Elias B. Hopkins, o mais novo dos habitantes de Jackman's Gulch, exibia o seu sorriso bem-humorado no rosto resoluto. Com a Bíblia aberta nas mãos, ele lia uma passagem escolhida ao acaso — um trecho do Apocalipse, se não me equivoco. As palavras eram totalmente irrelevantes, e sem qualquer ligação com a cena que se desenrolava diante dele; mas ele prosseguia com enorme fervor, acenando com a mão esquerda num acompanhamento silencioso a cadencia das palavras.

Sua aparição provocou um alvoroço generalizado de risos e aplausos, e toda Jackman's Gulch reuniu-se em torno do barril com ares de aprovação, na crença de que se tratava de alguma brincadeira diferente e que, dali a pouco, ouviriam um sermão de mentira ou uma parodia do que estava sendo lido. Entretanto, quando o leitor, ao concluir aquele trecho, seguiu adiante impávido lendo mais um capítulo, os assistentes curiosos chegaram a conclusão de que a piada era demorada demais para ter graça. A passagem para outro capítulo ainda confirmou as suspeitas, e um coro indignado de gritos e assovios, acompanhado de sugestões para que o pregador fosse amordaçado ou

derrubado do barril, irrompeu por todos os lados. Contudo, apesar das vaías e dos deboches, Elias B. Hopkins percorria as páginas do Apocalipse com a mesma atitude serena, parecendo inegavelmente satisfeito como se a babel a sua volta fosse o aplauso mais gratificante. Em pouco tempo, uma bota chocou-se contra o barril e outra passou zunindo pela cabeça do pastor; porém logo os habitantes mais ordeiros intervieram em favor da paz e da concórdia, auxiliados, por incrível que pareça, pelos já citados Maule e Phillips, que esposaram calorosamente a causa do pequeno leitor das Escrituras Sagradas.

— Este coleguinha aqui tem muito valor — explicou o segundo, colocando o corpanzil volumoso, vestido de vermelho, entre o grupo e o objeto da indignação do grupo. — Ele não fala como nos falamos, mas tem o direito de dizer o que quiser, e de soltar o verbo em cima dos barris ou de onde bem entender. O que eu acho, e o Bill também, e que jogar botas em vez de palavras passa dos limites, pessoal; e se alguém machucar este cara terá que se haver conosco.

O esforço de oratória de Phillips teve como resultado a cessação dos sinais mais ativos de

discordância. Os partidários da desordem tentaram retornar a bebedeira, ignorando a chuva de palavras que o Pastor Elias derramava sobre eles. A tentativa deu em nada. Os que já estavam bêbados demais adormeceram embalados pelo refrão monótono, enquanto que os outros, lançando olhares malignos ao leitor das Escrituras empoleirado no barril, seguiram trôpegos para seus barracos, deixando-o prosseguir imperturbável. Vendo-se sozinho com os cidadãos mais ordeiros, o homenzinho se pôs de pé, fechou o livro sem esquecer de marcar metodicamente com um lápis o local exato onde parara, e desceu do púlpito.

— Amanha a noite, rapazes, a leitura vai continuar do nono versículo do décimo quinto capítulo do apocalipse — comentou ele com sua voz tranqüila e, prestados os esclarecimentos que julgava necessários, ignorou as nossas congratulações, indo embora com a expressão de quem dava por cumprida a sua tarefa.

Logo descobrimos que as suas palavras de despedida não eram uma ameaça vã. Mai o grupo começou a se reunir na noite seguinte, ele reapareceu sobre o barril e retomou a leitura com o mesmo vigor monótono, tropeçando nas palavras,

misturando frases, mas ainda assim varando capítulos atrás de capítulos. Risadas, ameaças, gracinhas — todas as armas que não as da violência física — foram usadas para detê-lo, porém nenhuma obteve sucesso. Logo se entendeu que havia um certo método no comportamento dele. Quando reinava o silêncio, ou quando a conversa transcorria inocente, a leitura parava. Uma única expressão de blasfêmia, contudo, provocava o recomeço; a arenga do pregador prosseguia, então, por mais um quarto de hora, ou pelo tempo necessário, até parar outra vez com a restauração da moralidade e ser renovada pelo surgimento de outra provocação vocabular. Na segunda noite, a leitura foi praticamente continua, pois o vocabulário da oposição mantinha-se desabrido ao extremo. Mas, apesar de tudo, notou-se uma leve melhora em comparação com a noite anterior.

Durante mais de um mês, Elias B. Hopkins insistiu na sua campanha. Toda noite, sem folga, ele se sentava no barril com o livro aberto sobre os joelhos e, a menor provocação, dava início a leitura, como se fosse uma caixinha de música com toda a corda. A fala monótona tornou-se insuportável, porém a única maneira de evitá-la era agir segundo

o código moral do pastor. Um desbocado crônico chegou a cair em desgraça perante a comunidade, uma vez que a punição por suas transgressões atingia a todos indiscriminadamente. Já ao final da primeira quinzena o leitor se mantinha calado durante a metade do tempo, e no fim de um mês seu trabalho tornara-se meramente simbólico.

Jamais uma revolução moral terá sido realizada com tanta rapidez e profundidade. O nosso pastor chegava a impor os seus princípios até a vida privada dos mineiros. Eu mesmo presenciei quando, ao ouvir as imprecações de um rapaz que quebrava pedras no fundo da ravina, ele se aproximou correndo com a Bíblia em riste e, acomodando-se sobre um monte de terra vermelha acumulado na lavra do infrator, desfiou a árvore genealógica do início do Novo Testamento da maneira mais austera e comovida, como se fosse perfeitamente adequada a situação. Em pouco tempo, os xingamentos tornaram-se coisa rara entre nós. Também a embriaguez entrou em declínio. Viajantes ocasionais que passavam por Jackman's Gulch mal podiam crer no nosso estado de graça, e os rumores chegaram até Ballarat, estimulando os comentários mais variados.

Nosso evangelista possuía características que o tornavam particularmente adaptado a missão de catequese que abraçara. Um homem sem vícios que o redimissem não teria um ponto de contato com a comunidade, e não acharia meios de obter as simpatias do seu rebanho. Conhecendo Elias B. Hopkins melhor, descobrimos que apesar de toda a beatice ele trazia a marca do velho Adão, e com toda certeza tivera os seus dias de arruaceiro. Ele não era abstêmio; muito pelo contrario: apenas Elias preferia escolher as suas bebidas com discernimento, e consumi-las como um verdadeiro conhecedor. Ele era um excelente jogador de pôquer, e poucos lhe chegavam aos pés no cutthroat euchre. Elias e os dois rufiões, Phillips e Maule, costumavam jogar durante horas a fio em perfeita harmonia, exceto quando o virar das cartas produzia manifestações chulas em um dos seus parceiros. Ao primeiro deslize, o pastor exibia um sorriso dorido e dirigia um olhar condenatório ao culpado. Ao segundo, ele apanhava a Bíblia e não havia mais jogo naquela noite. Além disso, Elias provou ser bom no gatilho, pois quando eu e mais alguns amigos treinávamos a pontaria com uma garrafa vazia de conhaque defronte ao bar, ele

pediu uma pistola emprestada e acertou a garrafa no meio a vinte e quatro passos de distância. Aparentemente, a única coisa em que ele se revelava medíocre era na mineração do ouro; seria impossível encontrar um sujeito mais atrapalhado e sem jeito para lavrar o minério. Eu morria de pena SO de ver a sua sacola de lona, plácida e vazia na prateleira da loja de Woburn, enquanto todas as outras estufavam dia a dia e algumas adquiriam, inclusive, um contorno redondo de bola com o correr das semanas e a aproximação da data de partida da caravana do ouro para Ballarat. Comentávamos entre nós que a quantidade armazenada na loja a época representava a maior quantia já transportada em um único comboio de Jackman's Gulch.

Embora Elias B. Hopkins parecesse demonstrar uma satisfação discreta pela transformação que operara no lugarejo, a sua alegria não era perfeita nem ao menos grande. Uma coisa lhe faltava. Ele abriu o coração para nos numa das muitas noites de bate-papo ocioso.

— Nós só teremos um acampamento abençoado no dia em que realizarmos um serviço religioso qualquer no dia do Nosso Senhor.

Comportando-nos como nos comportamos agora, estamos desafiando a Providencia Divina. A única indicação de que é Natal, aqui, talvez seja o aumento do consumo de uísque e uma jogatina maior.

Mas nos não temos pastor — replicou alguém do grupo.

Idiota! — cortou outro. — Você não vê que temos um homem melhor que três pastores juntos? Ele sabe espalhar ensinamentos como uma carroça espalha a lama. O que mais você quer?

Mas nos não temos igreja — lembrou o mesmo dissidente.

Que tal ao ar livre? — sugeriu um.

Ou na loja do Woburn.

Ou no saloon dos Adams.

A ultima idéia foi recebida com um zunzum de aprovação indicando ser a mais apropriada para as circunstâncias locais.

O saloom era um prédio solido de madeira nos fundos do bar, usado em parte para a guarda de bebidas alcoólicas e em parte como cassino. Ele fora construído com toras redondas de madeira grossa, pois o proprietário entendeu, sabiamente, que nos tempos idos de Jackman's Gulch os barris de

conhaque e rum só estariam seguros a chave e cadeado. Tanto na frente quanto nos fundos do saloon havia uma porta pesada. O interior comportaria sem grandes problemas toda a população do acampamento; as mesas e cadeiras foram retiradas e os barris de bebida empilhados num canto pelo proprietário, formando uma curiosa imitação de púlpito.

A princípio, a maioria dos habitantes demonstrou um interesse apenas superficial no andamento dos preparativos, porém quando se soube que Elias B. Hopkins pretendia, depois de concluído o serviço religioso, dirigir a palavra a platéia, os mineiros começaram a se interessar pela celebração. Um sermão de verdade seria, com certeza, uma novidade para todos, e ainda mais um sermão feito pelo seu próprio pastor. Corriam rumores de que seriam feitas menções a vida da comunidade, e que os ensinamentos morais seriam exemplificados com alusões a pessoas conhecidas. Os homens, preocupados com a possibilidade de não conseguir entrar, faziam solicitações de reservas aos irmãos Adams. Só quando ficou evidente que o saloon tinha espaço para todo mundo o acampamento voltou a calma — porém com

expectativa.

Foi sorte escolher-se o saloon, pois nunca nos anais de Jackman's Gulch tanta gente se reuniu. Chegou-se a pensar que toda a população estava ali, mas uma verificação rápida mostrou que Maule e Phillips andavam nas montanhas em prospecção e não deveriam chegar a tempo; além deles Woburn, o guardião do ouro, nunca abandonava a sua loja. Em razão da enorme quantidade do precioso metal sob sua responsabilidade, ele preferiu se manter firme no posto e, mesmo diante do ineditismo do acontecimento, resolveu não arriscar nada. Mas excetuando-se esses três, toda Jackman's Gulch compareceu, com suas camisas vermelhas mais limpas e outros requintes de higiene pessoal exigidos pela ocasião, formando uma longa, porém rápida fila ao longo da trilha de terra batida que dava no "Britannia Drinking Saloon".

No interior do prédio haviam sido improvisados bancos de madeira. O pastor, com seu sorriso tranqüilo e bem-humorado, recebia a todos na porta.

— Bom dia, rapazes! — exclamava ele animado a medida em que cada grupo de mineiros entrava ansiosamente. — Venham! Venham! Vocês

verão que o trabalho desta manha será tão frutífero quanto a sua lavra. Deixem as pistolas no barril do lado de fora da porta ao entrarem; vocês as apanharão de novo a saída. Não seria direito trazer armas para esta casa de paz.

A solicitação foi atendida de bom grado, e antes da entrada do ultimo membro da congregação já havia um estranho amontoado de facas e armas de fogo no depósito. Quando todos estavam reunidos as portas foram fechadas e iniciou-se o serviço religioso: o primeiro e ultimo da historia de Jackman's Gulch!

O dia estava quente e o saloon muito abafado, porémos mineiros a tudo escutavam com uma paciência exemplar. A simples novidade da situação se constituía num atrativo. Para alguns, era algo absolutamente novo; para outros, renasciam lembranças de uma outra terra e de uma outra vida. Excetuando-se os aplausos que se ouviam ao final de certas orações, perfeitamente explicáveis pela inexperiência dos fieis, desejosos de manifestar concordância com os sentimentos da reza, não se poderia esperar uma platéia mais bem comportada. Entretanto, um murmúrio de interesse percorreu o saloon quando Elias B. Hopkins, encarando a

congregação do alto de sua tribuna de barris, iniciou o sermão.

Ele se vestira com o máximo respeito em honra a ocasião: uma túnica de cotele presa a cintura com uma faixa de seda da China, calças de algodão grosso, e chapéu de palha na mão esquerda. O pastor iniciou sua pregação em voz baixa, e não passou despercebido o fato de que ele freqüentemente desviava o olhar para a pequena abertura que fazia as vezes de janela do saloon, bem acima das cabeças dos que se sentavam diante dele.

— Eu os coloquei no caminho certo — comentou ele no transcurso do sermão. — Vocês estarão salvos se não mais se desviarem dele. — Neste momento, o pastor dedicou varies segundos a contemplação da janela. — Vocês aprenderam o valor da sobriedade e do esforço, e com estas duas qualidades saberão compensar qualquer perda que venham a sofrer. Sinto-me levado a acreditar que nenhum de vocês se esquecera da minha passagem pelo acampamento. — Ele fez uma breve pausa, e foram ouvidos três tiros de revólver cortando o silêncio do ar parado de verão. — Sentados! Todos sentados! Seus miseráveis! — bradou o pregador para a platéia aturdida. — Quem se mexer leva

chumbo! A porta esta trancada por fora, e ninguém pode sair! Sentem-se, seus idiotas! Suas bestas! Quietinhos senão eu atiro!

O espanto e o medo nos fizeram recuar para os bancos; nossos olhares corriam entre o púlpito e a platéia, atônitos. Elias B. Hopkins, cujo rosto, cuja pessoa inteira parecia ter sofrido uma transformação extraordinária, nos encarava com ferocidade de sua posição elevada, exibindo um sorriso de desprezo no rosto de pedra.

— As suas vidas estão nas minhas mãos — gritou ele, sem se preocupar em esconder o trabuco que tinha na mão e nem a coronha do outro que aparecia a cintura. — Eu estou armado, e bem armado. Se algum de vocês se mexer ou falar, morre. Se ficarem quietos, não vou machucar ninguém. Temos que esperar uma hora. Seus imbecís — (o som sibilante de escárnio com que pronunciou esta palavra permaneceu muitos dias em nossos ouvidos) — vocês sabem com quem se meteram? Vocês sabem quem e este homem que durante meses vem passando por santo e pastor de almas? Conky Jim, o terror da floresta. Isto mesmo, otários! Phillips e Maule são meus dois braços-direitos. A esta hora eles estão fugindo com o seu

ouro para as montanhas... Ah! Você quer levar bala? — A ameaça fez com que um membro agitado da platéia se aquietasse instantaneamente sob o olhar feroz e a arma engatilhada do salteador. — Em uma hora eles estarão fora do alcance de todos vocês e, se querem um bom conselho, não nos sigam, sob pena de perderem algo mais do que o dinheiro. Meu cavalo esta amarrado a esta porta aqui atrás. Quando chegar o momento eu vou sair, trancá-la por fora e desaparecer. Depois, safem-se como puderem.

Não tenho mais nada a dizer, exceto que vocês são o bando de burros mais desgraçado que já calcou botas de couro! Ha! Ha! Ha!

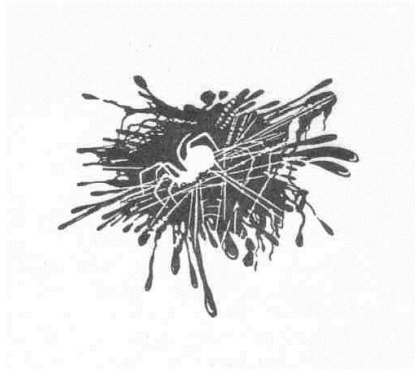
Tivemos tempo de sobra para endossar mental-mente essa opinião transmitida sem papas na língua nem piedade. Durante os longos sessenta minutos que se seguiram, fomos uma multidão indefesa diante de um único malfeitor. E verdade que se o atacássemos simultaneamente ele não teria escapatória, ainda que oito ou dez dos nossos tombassem. Porem como organizar uma investida sem trocar palavras, e quem se aventuraria sem a certeza de que teria apoio? Não nos restava outra coisa alem da submissão. Tive a impressão de que

passamos no mínimo três horas ali, enfim, o assaltante pegou o relógio, desceu do barril, recuou de costas até a porta com o revolver sempre apontado para nos e pús-se rapidamente por ela. Ouvimos o rangido da tranca enferrujada e logo em seguida o bater de cascos a galope.

Já disse que os xingamentos se tornaram raros no acampamento ao longo daquelas semanas. Mas a abstinência temporária foi mais do que compensada na meia hora seguinte. Jamais se ouviu tanta blasfêmia si me e justificada. Quando afinal conseguimos arrancar a porta das dobradiças, não restava o mínimo sinal dos assaltantes e do ouro; e nunca mais tivemos notícia de ambos. O pobre Woburn, leal até o fim, estava morto diante da loja com uma bala na testa. Os vilões Maule e Phillips haviam entrado no acampamento no justo instante em que fomos atraídos a armadilha; depois de assassinarem o guardião do nosso ouro eles esvaziaram a loja, encheram uma carroça pequena com o butim e sumiram rumo a algum esconderijo nas montanhas cobertas de vegetação e de árvores altas, a espera do chefe astucioso.

Jackman's Gulch recuperou-se do golpe e é hoje uma aldeia em franco desenvolvimento.

Entretanto, ninguém lá quer saber de reformadores sociais, e a moralidade anda em baixa. Conta-se que um estranho desavisado mencionou, por acaso, a sua estranheza com o fato de que num lugar tão grande não existissem serviços religiosos aos domingos e acabou sendo submetido a um interrogatório. A lembrança do primeiro e único pastor de Jackman's Gulch continua viva na memória dos habitantes, e continuara assim durante muitos e muitos anos.



O Vexame de Los Amigos

Doyle foi um colaborador prolixo das páginas do The Idler entre 1892 e 1895, e seus temas variaram desde um artigo em estilo de reportagem sobre o Ártico até as histórias sobre a vida de médico, passando por uma novela autobiográfica. Em "O Vexame de Los Amigos", ele se aventurou até a fazer ficção científica no século dezenove, tendo o bom senso de infundir no texto o estilo de humor franco do qual era um mestre.

Eu fui o médico *mais famoso* de Los Amigos. Acredito que todo mundo *tenha* ouvido *falai* na grande central elétrica construída ali. A cidade é ampla, com dezenas de aldeolas e vilarejos à sua

roda, sendo abastecidos pela mesma central, o que dá bem uma idéia da escala da usina. O povo de Los Amigos diz que é a maior do mundo, mas a verdade é que consideramos tudo em Los Amigos o maior do mundo, menos a taxa de mortalidade e a cadeia municipal. Estas nós consideramos as menores.

Mas com energia elétrica de tão boa qualidade, os líderes comunitários julgaram um desperdício de cânhamo executar os criminosos de Los Amigos à moda antiga. Foi então que chegaram notícias de eletrocussões no Leste, e de como os resultados não vinham sendo, afinal, tão instantâneos quanto se esperava. Os engenheiros ocidentais franziam o cenho quando se informavam a respeito dos choquezinhos ridículos com os quais aqueles homens eram mortos, e prometeram em Los Amigos que quando um preso irrecuperável caísse em suas mãos ele seria muito bem tratado pela potência integral de todos os grandes dínamos. Não se guardaria nenhuma reserva, diziam os engenheiros; toda a força disponível seria descarregada sobre o condenado. Qual seria o resultado, ninguém se arriscava a prever, exceto que se constituiria em algo

absolutamente devastador e mortal. Nunca antes um homem teria recebido uma carga elétrica igual a que o atravessaria. Ele seria destruído pela essência de dez raios. Alguns profetizavam a combustão, outros a desintegração e o desaparecimento. Mas todos aguardavam ansiosamente pela oportunidade de dirimir a dúvida por meio de uma demonstração concreta, e foi aí que Duncan Warner apareceu.

Warner foi procurado pela lei, e por ninguém mais, durante muitos anos. Bandoleiro, assassino, assaltante de trens e salteador de estradas, ele era um homem situado fora dos limites da piedade humana. Ele bem merecia uma dezena de mortes, e o povo de Los Amigos lhe concedera o beneplácito de morrer apenas uma vez, porém com o mesmo espalhafato de dez. Ele próprio parecia não se considerar à altura da honraria, uma vez que realizou duas tentativas desesperadas de fuga. Duncan Warner era um homem forte e musculoso, de cabeça leonina, cabelos pretos cacheados e uma barba enorme que cobria seu peito largo. Quando ele foi julgado, não havia cabeça mais bonita em todo o tribunal apinhado de gente. Não é novidade encontrar-se o

rosto mais belo sentado no banco dos réus. Porém sua boa aparência não desculpava os maus atos. Seu advogado fez o possível, mas as cartas estavam contra ele e Duncan Warner foi posto à mercê dos grandes dínamos de Los Amigos.

Eu estive presente à reunião do Comitê encarregado de discutir o assunto. O conselho municipal nomeara quatro especialistas para cuidar dos preparativos. Três deles eram pessoas admiráveis. Havia Joseph M'Connor, nada mais nada menos que o projetista dos dínamos, e havia Joshua Westmacott, o presidente do conselho diretor da Companhia de Energia Elétrica de Los Amigos, Ltda.; havia eu, o médico mais eminente da cidade, e por fim um velho alemão de nome Peter Stulpnagel. Os alemães formavam uma parcela considerável da população, e todos eles votaram no seu representante. Foi assim que obtiveram assento no comitê. Dizia-se que ele havia sido um maravilhoso eletricitista em sua terra natal, e ele não largava os fios, os isoladores e as garrafas de Leyden; mas como não conseguia nunca ir muito longe, ou conseguir resultados que merecessem publicação, ele acabou sendo considerado um louco manso que fazia da ciência o seu hobby. Nós três,

homens práticos, sorrimos ao sermos informados de que ele fora eleito membro do comitê, e no curso da reunião tomamos todas as providências cabíveis nós mesmos, sossegadamente, sem dar trela ao velho concidadão sentado com as mãos copadas atrás das orelhas, pois ele ouvia mal e não teve, nas deliberações, participação maior que a dos cavalheiros da imprensa, sentados longe da mesa e tomando suas notas em silêncio.

Não demoramos muito para resolver tudo. Em Nova Iorque, usara-se uma potência de dois mil volts e a morte não fora instantânea. Evidentemente, o choque deles era fraco demais. Los Amigos não incidiria no mesmo engano. A carga seria seis vezes maior. Nada mais lógico. A força concentrada dos grandes dínamos seria empregada sobre Duncan Warner.

Portanto decidimos a questão e já nos levantávamos para encerrar a reunião quando nosso companheiro silencioso abriu a boca pela primeira vez.

— Cavalheiros — disse ele — os senhores parecem demonstrar uma ignorância extraordinária de tudo quanto diz respeito à eletricidade. Os senhores não dominam se quer os primeiros

princípios da sua ação sobre os seres humanos.

O comitê esteve prestes a dar uma resposta grosseira àquele comentário intempestivo, porém o presidente do conselho da Companhia de Energia Elétrica bateu algumas vezes com a mão espalmada na própria testa indicando a senilidade do colega e pedindo clemência a seus pares.

— Diga-nos então — falou ele com um sorriso irônico — que aspecto das nossas conclusões o senhor considera falho.

— Na sua suposição de que uma dose grande de eletricidade simplesmente aumentará os efeitos de uma dose pequena. Os senhores não consideram possível que ela provoque um resultado inteiramente diverso? Os senhores têm algum conhecimento empírico, através de experiências concretas, sobre os efeitos desses choques poderosos?

— Temos, por analogia — disse o presidente, pomposamente. — Todas as drogas aumentam seus efeitos quando sua dose é aumentada; por exemplo... por exemplo...

— Uísque — disse Joseph M' Connor.

— Ótimo. Uísque. O senhor entendeu agora? Peter Stulpnagel sorriu e balançou a cabeça.

— O seu argumento não é dos melhores — disse ele. — Quando eu bebia uísque, uma dose costumava me deixar agitado, mas seis me faziam dormir, que é justamente o contrário. Imagine, só por hipótese, que a eletricidade atue de modo oposto. E aí?

Nós três, homens práticos, desandamos a rir. Sabíamos que o nosso colega era excêntrico, mas não a esse ponto.

— E aí? — repetiu Peter Stulpnagel.

— Estamos decididos a correr o risco — disse o presidente.

— Eu lhes rogo que considerem o seguinte: operários que tocaram nos fios e receberam choques de algumas poucas centenas de volts tiveram morte instantânea. Este fato é bem conhecido. E no entanto, quando uma potência muito maior foi usada sobre um criminoso, em Nova Iorque, o homem se debateu durante algum tempo. Será que os senhores não percebem claramente que quanto menor a dose mais letal ela é?

— Eu acho, cavalheiros, que esta discussão foi muito longe — disse o presidente, levantando-se outra vez. — Se não me equivoco, a

decisão já foi tomada pela maioria do comitê, e Duncan Warner será eletrocutado na terça-feira com toda a carga dos dínamos de Los Amigos. É ou não é verdade?

— Eu concordo — disse Joseph Connor.

— Eu concordo — disse eu.

— E eu discordo — disse Peter Stulpnagel.

— A moção está aprovada, e o seu protesto será devidamente anotado na ata da reunião — disse o presidente.

A sessão foi encerrada.

O público que compareceu à execução era diminuto. Obviamente, nós quatro, membros do comitê, lá estávamos junto ao executor, que agiria segundo as nossas ordens. Os outros eram um oficial de justiça do governo da União, o diretor da cadeia, o capelão, e três representantes da imprensa. A sala era uma pequena câmara de tijolos no terreno da central elétrica. Ele fora usado como lavanderia, e tinha, junto a uma das paredes, um forno e uma caldeira de cobre, mas nenhum móvel, exceto uma poltrona para o condenado. À frente dela fora colocada uma chapa de metal para os seus pés, servindo como terminal de um fio grosso isolado. Acima, outro fio pendia

do teto, esperando para ser ligado a uma pequena haste metálica projetada do boné que seria colocado sobre a sua cabeça. Quando essa conexão fosse estabelecida, a hora de Duncan Warner teria chegado.

Aguardávamos a chegada do criminoso num mutismo solene. Os engenheiros práticos estavam pálidos e remexiam nervosamente nos fios. Até o calejado oficial de justiça dava mostras de preocupação, pois um enforcamento simples era uma coisa, e esta explosão de carne e sangue outra bem diferente. Quanto aos repórteres, seus rostos estavam mais brancos que as folhas de papel que seguravam nas mãos. O único homem que não parecia sentir o peso dos preparativos era o velho ranzinza alemão, que passeava entre nós com um sorriso nos lábios e um ar de pilhéria na face. Mais de uma vez ele chegou ao cúmulo de soltar uma gargalhada acintosa, até ser repreendido severamente pelo capelão por umas gracinhas extemporâneas.

— Como é que o senhor tem a ousadia de brincar em presença da morte, Mr. Stulpnagel.

Porém o alemão não se intimidou.

— Se estivesse na presença da morte eu não

brincaria — disse ele. — Como não estou, sinto-me à vontade para agir como bem me aprouver.

Esta resposta insolente quase suscitou uma reprimenda ainda mais grave do capelão, porém a porta se abriu e dois guardas entraram escoltando Duncan Warner. O condenado lançou um olhar indecifrável a toda volta e, caminhando com passos resolutos, sentou-se na cadeira.

— Liguem logo — pediu ele.

Seria pecaminoso mantê-lo em suspense. O capelão murmurou algumas palavras em seu ouvido, o executor pôs o boné em sua cabeça e, enquanto todos nós contínhamos a respiração, o fio e o metal foram postos em contato.

— Beldroegas! — exclamou Duncan Warner.

Ele dera um pulo na poltrona quando o choque medonho percorreu seu organismo, mas não tinha morrido. Pelo contrário: seus olhos brilhavam muito mais do que antes. Houve apenas uma transformação, porém uma transformação singular. O preto desaparecera do seu cabelo e da sua barba, assim como as sombras desaparecem da paisagem. Ambos estavam brancos feito neve. Contudo, não se notava nenhum outro sinal de

degeneração. Sua pele estava lisa, fofa e lustrosa como a de uma criança.

O oficial de justiça olhou muito zangado para o comitê de eletrocussão.

— Deve ter acontecido algum problema com a aparelhagem, cavalheiros.

Nós três, homens práticos, nos entreolhamos. Peter Stulpnagel sorria pensativo.

— Acho que um outro choque completará o serviço — sugeri.

A conexão foi refeita, e novamente Duncan Warner pulou na poltrona e gritou, mas não fosse a circunstância dele ter permanecido à poltrona, nenhum dos presentes o reconheceria. Seu cabelo e sua barba caíram até o último fio, e a sala ficou parecida com um salão de barbeiro numa noite de sábado. Lá estava ele sentado, com seus olhos ainda brilhantes, com sua pele irradiando saúde perfeita, mas com o couro cabeludo mais careca do que queijo de bola e com o rosto liso de menino imberbe. Ele começou a girar um dos braços, lenta e cautelosamente a princípio, porém mais confiante a cada minuto.

— Esta articulação deu uma trabalhadeira danada à metade dos médicos aqui desta banda do

Pacífico. Agora ela está uma beleza, flexível como um ramo de nogueira — disse o criminoso.

— Você está se sentindo bem? — perguntou o velho alemão.

— Nunca me senti melhor em toda a minha vida — respondeu Duncan Warner exultante.

A situação era dolorosa. O oficial de justiça fuzilava o comitê com o olhar. Peter Stulpnagel ria e esfregava as mãos. Os engenheiros cocavam a cabeça. O preso careca mexia o braço e esbanjava saúde.

— Acho que mais um choque... — comentou o presidente.

— De jeito nenhum — cortou o oficial de justiça. — Chega de invencionices por hoje! Viemos aqui para uma execução, e terá que haver uma execução.

— O que o senhor sugere?

— Há um gancho no teto. Mande buscar uma corda, e logo resolveremos o caso.

Seguiu-se outra demora constrangedora enquanto se esperava o retorno dos guardas com a corda. Peter Stulpnagel curvou-se sobre Duncan Warner e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. O criminoso o encarou incrédulo.

— Não me diga?

O alemão fez que sim.

— Eu não acredito? De jeito nenhum?

Peter balançou a cabeça para um lado e para o outro, e os dois começaram a rir como quem acaba de pregar a maior peça do mundo.

A corda foi trazida, e o oficial de justiça enfiou o laço no pescoço do assaltante. Logo os dois guardas, o executor e ele mesmo suspenderam a vítima no ar. Durante meia hora ele pendeu no teto, numa cena aterradora. Só então, em solene silêncio, eles o abaixaram e um dos guardas se retirou para buscar o caixão. Mas quando o "enforcado" tocou o piso outra vez, qual não foi a nossa surpresa ao vê-lo erguer as mãos ao pescoço, afrouxar o nó e respirar fundo.

—As vendas do Paul Jefferson estão indo de vento em popa. Ali de cima dava para ver a multidão — comentou ele, apontando para o gancho do teto.

—Coloquem o salafrário na forca outra vez!

— ordenou o oficial de justiça. — Temos que tirar a vida dele seja como for.

No minuto seguinte a vítima estava pendurada de novo. Desta vez, eles o mantiveram

assim durante uma hora, porém ao descer ele estava tagarela como sempre.

— O velho Plumket anda freqüentando demais o Arcady Saloon. Ele foi lá três vezes em uma hora; e o homem tem filhos para criar. O Plumket precisa esquecer a bebida.

Era monstruosa, era incrível, mas era verdade. Não havia como negar o fato. O sujeito que falava tão animadamente deveria estar morto. Todos nós trocávamos olhares de espanto, mas Carpenter, o oficial de justiça do governo americano, não era uma pessoa que se desse por vencida com facilidade. Ele fez um gesto para que nos afastássemos, deixando o prisioneiro sozinho.

— Duncan Warner — disse ele lentamente — você está aqui para cumprir o seu papel, e eu para cumprir o meu. A sua tarefa é viver, se possível, e a minha é levar a termo a sentença da lei. Você venceu a nossa eletricidade. É um ponto a seu favor. E você venceu a nossa força, pois parece até gostar dela. Porém chegou a minha vez de vencê-lo, pois eu tenho uma responsabilidade perante o povo e o governo do país.

Enquanto falava, ele retirou um revólver de seis tiros do bolso, e disparou todas as balas contra

o corpo do prisioneiro. A sala se encheu tanto de fumaça que não enxergávamos nada. Porém quando o ar clareou o homem continuava de pé, olhando contristado para o seu paletó.

— Os paletós devem ser muito baratos na sua cidade. Paguei trinta dólares por este, e veja só como ficou. Como se não bastasse os seis buracos na frente, quatro balas passaram e eu nem quero pensar no estado das costas!

O revólver do oficial de justiça caiu de suas mãos, seus braços tombaram ao lado do corpo — ele era um homem derrotado.

— Talvez algum dos cavalheiros presentes possa esclarecer o que tudo isto significa — disse ele, olhando desesperançado para os membros do comitê.

Peter Stulpnagel deu um passo à frente.

— Eu posso explicar.

— O senhor parece ser a única pessoa que entende de alguma coisa aqui.

— Eu *sou* a única pessoa que entende de alguma coisa aqui. Eu ainda quis avisar a estes senhores o que os aguardava, porém eles não me deram ouvidos e preferi deixar que recebessem uma lição. O que os cavalheiros aqui fizeram

com a eletricidade foi aumentar a vitalidade deste homem; hoje ele é capaz de desafiar a morte por muitos séculos.

— Séculos?

— Isto mesmo! Serão precisas muitas centenas de anos para exaurir a tremenda energia nervosa que os senhores emprestaram ao corpo dele. A eletricidade é vida, e os senhores o embeberam de vida ao máximo. Talvez daqui a cinquenta anos seja possível executá-lo, mas eu não aconselho otimismo.

— Barafundas! O que nós vamos fazer com ele? — esbravejou perplexo o oficial de justiça.

Peter Stulpnagel deu de ombros.

— Creio que não haja mais nada a fazer com ele agora.

— Talvez possamos retirar a eletricidade dele outra vez. Que tal se o pendurássemos pelos calcanhares?

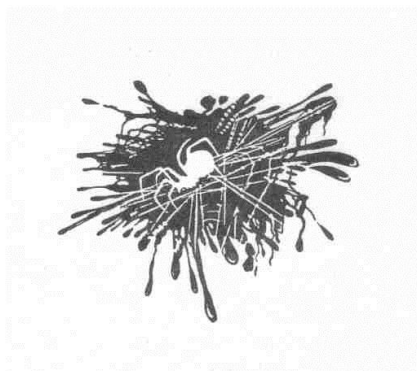
— Isto está fora de questão. É inútil!

— Pois bem! Mas ele nunca mais criará problemas em Los Amigos — disse o oficial de justiça com veemência. — Ele vai para a nova cadeia, e apodrecerá nela.

— Pelo contrário — negou Peter

Stulpnagel. — Eu acho bem mais provável que ela apodreça antes.

O vexame foi horroroso. Durante muitos anos escondemos o caso completamente, porém hoje ele se tornou de domínio público e eu imaginei que vocês talvez quisessem conhecer melhor os detalhes.



O Médico Negro

Bishop's Crossing é um pequeno vilarejo dez milhas a sudoeste de Liverpool. Ali, no início da década de 1870, radicou — se um médico chamado Aloysius Lana.

Nenhum dos moradores conhecia os seus antecedentes ou os motivos que o levaram a instalar — se naquele povoado de Lancashire. Só dois fatos eram certos: um, que Aloysius Lana havia concluído o curso de medicina em Glasgow com distinção; outro, que ele pertencia a uma raça tropical: sua pele, de tão escura, revelava uma ascendência índia. Entretanto, suas feições eram predominantemente européias; ele exibia uma postura e uma delicadeza característica dos povos de origem espanhola. A tez

quase negra, os cabelos pretos como a noite e os olhos escuros brilhantes sob um par de sobrancelhas grossas formavam um estranho contraste com o povo rude, pálido, de cabelos cor de milho do interior da Inglaterra; por isso, o recém — chegado recebeu logo o epíteto de "O Médico Negro de Bishop's Crossing". A princípio, tratava — se de deboche e desfeita; com o passar dos anos, contudo, transformou — se num título de honra capaz de infundir respeito por toda a região, muito além dos limites estreitos do vilarejo.

E isto porque o recém — chegado mostrou — se um cirurgião exímio e um clínico geral completo. O atendimento médico naquele distrito estava em mãos de Edward Rowe, filho de Sir William Rowe, dono da maior clientela de Liverpool, que no entanto não herdara o talento do pai; o Dr. Lana, com as vantagens da presença e da educação, logo o superou e o excluiu do mercado. Uma cura cirúrgica notável no caso de James Lowry, segundo filho do Lorde Belton, serviu como sua apresentação à sociedade local, de onde tornou — se um dos membros preferidos através do encanto de sua conversa e da elegância de suas atitudes. A falta de antecedentes e de família às vezes é um ponto

positivo e não um obstáculo a quem deseja progredir socialmente; a individualidade e a distinção do simpático doutor valeram por si sós.

Os clientes viam nele um defeito — um defeito, apenas. Ele parecia ser um solteirão inveterado. Isto causava ainda mais estranheza pelas circunstâncias da casa onde residia ser muito grande, e por se convir em que o êxito obtido na profissão lhe permitira amealhar uma boa fortuna. A princípio, as fofoqueiras do local se divertiam ligando o seu nome a uma ou outra dentre as possíveis candidatas ao matrimônio, porém com o passar dos anos, vendo que o Dr. Lana permanecia solteiro, a população aceitou que, por algum motivo pessoal, ele preferia viver assim. Houve quem chegasse a aventar a hipótese de um casamento desfeito, e que justamente em conseqüência de uma união infeliz ele teria resolvido se isolar em Bishop's Crossing. E quando as fofoqueiras mal o haviam abandonado inconformadas, eis que se anuncia o seu noivado surpreendente com a Srta. Francês Morton, de Leigh Hall.

A Srta. Morton era uma jovem muito conhecida na região, pois seu pai, James Haldane Morton, havia sido juiz de paz de Bishop's Crossing.

Contudo, tanto ele quanto a esposa morreram cedo, e Francês Morton residia com seu único irmão, Arthur Morton, herdeiro dos bens da família. Francês era alta e imponente, sendo muito comentado o seu temperamento impetuoso e autoritário, a sua personalidade forte para as mulheres da época. Ela conhecera o Dr. Lana durante uma festa ao ar livre, onde uma amizade logo aprofundada em amor nasceu entre os dois. Nada existia de maior que a devoção de um ao outro. Havia certa diferença de idade, ele com trinta e sete, e ela com vinte e quatro; mas fora isso não se encontraria qualquer objeção ao par. O noivado foi celebrado em fevereiro, esperando — se o casamento para agosto.

No dia 3 de junho o Dr. Lana recebeu uma carta do exterior. Num lugarejo acanhado como Bishop's Crossing o chefe da agência postal está bem situado para conhecer um pouco da vida de cada habitante, e o Sr. Blankley gostava de colecionar os segredos de seus vizinhos. Sobre aquela carta, em particular, ele observou apenas que o envelope era incomum, que a letra era masculina, que o remetente era de Buenos Aires e o selo da República Argentina; ao que ele soubesse, o Dr.

Lana jamais recebera outra carta do estrangeiro e por isso a curiosidade despertada por ela havia sido maior. A carta foi entregue pelo carteiro do serviço noturno naquele mesmo 3 de junho,

No dia seguinte — ou seja, 4 de junho — o Dr. Lana fez uma visita a Francês Morton, seguindo-se uma longa conversa da qual, segundo testemunhas, o médico saiu demonstrando grande nervosismo. Francês trancou-se no quarto o dia todo e sua camareira a encontrou diversas vezes mergulhada em lágrimas. No curso daquela semana, o rompimento do noivado virou segredo-de-polichinelo, comentando-se à boca pequena que o Dr. Lana tivera um comportamento indigno e que Arthur Morton, irmão da moça ameaçava escorraçá-lo de Bishop's Crossing a chicotadas. Em que aspecto o procedimento de Aloysius Lana teria sido reprovável, isso ninguém soube: surgiram apenas conjecturas, mas nenhuma certeza; observou-se entretanto, como um sinal óbvio de consciência pesada, que ele agora aumentava em várias milhas os seus percursos, evitando as cercanias de Leigh Hall. Além disso, ele deixara de comparecer aos serviços religiosos matinais de domingo, aos quais a moça ia habitualmente. Surgiu, ao mesmo tempo,

um anúncio no Lancei oferecendo à venda uma clínica médica; e, embora nomes não fossem citados, a maioria inferiu que sua localização era conhecida: Bishop's Crossing. O Dr. Lana pensava em abandonar para sempre a terra que lhe dera dinheiro e sucesso profissional. A situação estava neste pé quando, na noite de segunda — feira, 21 de junho, um acontecimento sinistro veio alçar à categoria de tragédia um mero escândalo provinciano, atraindo sobre Bishop's Crossing as atenções de todo o país. Será preciso fornecer alguns detalhes para que os incidentes daquela noite adquiram seu pleno significado.

Os únicos ocupantes da casa do médico eram sua governanta, uma senhora idosa e respeitável chamada Martha Woods, e uma jovem arrumadeira de nome Mary Pilling. O cocheiro e o enfermeiro dormiam fora. Era costume do doutor ficar sentado à noite em seu escritório anexo à sala de consultas, na ala mais distante do alojamento das empregadas. Havia, naquele lado da casa, uma outra entrada para facilitar o acesso dos pacientes, de modo que seria possível ao doutor receber visitas sem o conhecimento de ninguém. Aliás, quando clientes o procuravam tarde da noite ele preferia fazê-los

entrar e sair pelo consultório, pois a governanta e a arrumadeira tinham o hábito de ir cedo para a cama.

Naquela noite, em particular, Martha Woods passou pelo escritório do Dr. Lana às nove e trinta; ele escrevia à mesa. Ela lhe desejou boa noite, mandou que a arrumadeira fosse dormir e permaneceu acordada até quinze para as onze cuidando de afazeres domésticos. O relógio da sala de visitas batia onze horas quando ela desceu para os seus aposentos. Quinze ou vinte minutos depois, Martha Woods ouviu um grito — ou seria um chamado? — que lhe pareceu vir de dentro da casa. Ela aguardou um pouco, mas não houve repetição. Muito assustada com o volume e a urgência da voz, ela vestiu uma camisola e correu a toda pressa para o escritório do médico.

— Quem é? Perguntaram com agressividade quando ela bateu à porta.

— Sou eu, Martha Woods.

— Por favor, deixe — me em paz! Volte já para seu quarto! — bradou alguém que, até onde ela podia afirmar, era o seu patrão. O tom de voz tinha uma dureza quase oposta aos modos gentis de Aloysius Lana, a ponto de fazê-la sentir-se

constrangida e magoada.

— Eu pensei ouvir o seu chamado, doutor — justificou-se ela sem obter resposta.

Martha Woods olhou para o relógio a caminho do quarto: ele marcava onze e trinta.

Entre onze horas e meia-noite (ela não soube precisar quando, exatamente) uma pessoa procurou pelo doutor mas não foi atendida. Era a Sra. Madding, esposa do quitandeiro da localidade, que estava de cama vitimado pela febre tifóide. O Dr. Lana lhe pedira que viesse em torno daquela hora trazer notícias sobre a recuperação do marido. Ela notou que a lamparina do escritório estava acesa, porém depois de bater algumas vezes à porta do consultório sem resultado concluiu que o doutor teria saído para atender alguém a domicílio e, resignada, voltou para junto do marido enfermo.

Ligando a casa à entrada existe um caminhozinho curto mas sinuoso com um poste de luz no fim. Quando a Sra. Madding atravessou o portão, um homem vinha descendo essa trilha. Na ilusão de que fosse o Dr. Lana retornando da suposta visita, ela esperou; mas, com surpresa, ela se viu diante de Arthur Morton, o jovem proprietário de Leigh Hall. À luz do lampião ela

percebeu que ele vinha nervoso, com um chicote de caça à cintura. Arthur já ia entrando pelo portão quando a Sra. Madding falou:

O doutor não está em casa, meu senhor.

Como você sabe? — perguntou Arthur contrariado.

Estou vindo agora do consultório, senhor.

— Vejo uma luz acesa — disse o rapaz olhando em direção a casa. — É o escritório dele?

É, sim senhor. Mas tenho certeza que ele não está.

Está bem; o doutor tarda mas volta — concluiu Arthur Morton cruzando o portão, enquanto a Sra. Madding tomava o rumo de casa.

Às três horas da madrugada, o quitandeiro sofreu uma recaída e, alarmada com os sintomas, ela resolveu procurar o médico sem demora. Ao passar pelo portão, ela se espantou em ver alguém agachado entre as moitas de louro. Um homem, sem dúvida; até onde ela podia afirmar, Arthur Morton. Preocupada com a vida do marido, ela não prestou maior atenção ao incidente e cuidou apenas de resolver o seu problema o mais depressa possível.

Chegando a casa, ela constatou com estranheza que a lamparina continuava a iluminar a

janela do escritório. Por isso, resolveu bater à porta da sala de consultas: não houve resposta! Ela insistiu várias vezes, mas nenhum sinal do doutor! Parecia-lhe pouco provável que o doutor fosse dormir ou atender a um doente no vilarejo deixando a lamparina acesa com tanta força. A Sra. Madding imaginou que ele tivesse adormecido na poltrona e resolveu bater de leve na janela. Nada; nenhum resultado! Entretanto, havia uma fresta entre a cortina e o madeirame, e por ali foi possível examinar o escritório.

O pequeno cômodo estava muito bem iluminado por um grande lampião sobre a mesa de centro, entulhada com os livros e os instrumentos do médico. Aparentemente, não havia ninguém e ela não percebeu qualquer coisa estranha a não ser uma luva branca no tapete, meio encoberta pela sombra que a mesa lançava para o fundo do escritório. Mas, em seguida, com os olhos mais acostumados à luz, a Sra. Madding viu uma bota que se projetava além da faixa de sombra, e compreendeu entre calafrios de medo que a luva era a mão de um homem estirado no assoalho. Certa de que algo terrível acontecera, ela tocou a sineta da porta principal, acordou Marta Woods, a

governanta, e as duas seguiram até o escritório logo depois de mandarem a arrumadeira chamar a polícia.

Ao lado da mesa, longe da janela, foi descoberto o corpo sem vida do Dr. Lana, estendido de costas no chão. Os sinais de violência eram óbvios: um dos seus olhos estava arroxeadado e havia equimoses espalhadas pelo rosto e pelo pescoço. As feições inchadas e fofas sugeriam o estrangulamento como causa da morte. Ele vestia o avental de médico e calçava chinelos de pano. No tapete havia diversas manchas de barro e marcas de botas sujas, presumivelmente deixadas pelo assassino. A sola dos chinelos do Dr. Lana estavam limpas. Sem dúvida, alguém entrara pela porta do consultório e, depois de matar o médico, fugira incógnito. O criminoso era homem, a julgar pelo tamanho das pegadas e pelo tipo de ferimento produzido no morto. Fora isso, contudo, a polícia só encontrou dificuldades em vez de pistas.

Não havia sinais de roubo; o relógio de ouro do médico ficara intacto em seu bolso. Ele possuía um cofre pesado cheio de dinheiro, no escritório, que se constatou estar fechado e vazio. A governanta acreditava que o doutor guardasse

muito dinheiro ali, porém como comprara uma grande partida de milho à vista naquele mesmo dia, atribuiu-se à compra e não ao roubo a ausência do dinheiro. Faltava um objeto no escritório, mas um objeto sugestivo: a fotografia de Francês Morton que ficava sobre a mesinha do canto fora arrancada do porta-retrato e desaparecera. Martha lembrava-se de ter visto a fotografia no lugar de sempre horas antes, ao se despedir do patrão, e agora... Por outro lado, recolheu-se no chão uma venda verde que a governanta não sabia como aparecera ali. Todavia, ela talvez pertencesse ao médico, pois nada indicava qualquer ligação da venda com o crime.

As suspeitas se voltaram todas numa só direção. Arthur Woods, o jovem milionário, foi imediatamente preso. As evidências contra ele eram circunstanciais, porém condenatórias. Arthur tratava a irmã como filha e, desde o rompimento do compromisso dela com o Dr. Aloysius Lana, ele não se furtara a, diante de várias pessoas, manifestar o desejo de vingança contra o ex-noivo da irmã. Conforme já se disse, ele havia sido visto por volta das onze horas rondando a casa com um chicote de caçador. Segundo a versão da polícia, ele teria entrado de surpresa no escritório, provocando uma

reação de medo ou raiva do médico que, de tão exaltado, atraía a curiosidade da governanta. Mas quando a Sra. Woods batera à porta o Dr. Lana já havia readquirido a tranqüilidade e conversava com o visitante, atribuindo-se a um resto de nervosismo o modo como a mandara embora. A conversa deve ter-se prolongado, cada vez mais agressiva, desembocando numa briga durante a qual o médico perdera a vida. O fato, revelado pela autópsia, de que ele sofria de uma doença grave do coração — uma enfermidade da qual ninguém tinha conhecimento — fez surgir a hipótese da morte ser consequência de ferimentos que não seriam fatais para um homem sadio. Logo depois, Arthur Morton teria retirado a fotografia da irmã e seguido para casa, ocultando-se entre as moitas de louro a fim de evitar o reencontro com a Sra. Madding no portão.

Foi esta a teoria da acusação e, diga-se de passagem, contava com muitos ingredientes de plausibilidade.

Por outro lado, a defesa possuía alguns trunfos importantes. Morton era uma pessoa impetuosa e agitada como sua irmã, porém todos gostavam dele e o respeitavam. Sobretudo, sua índole franca e honesta não combinava com o crime.

A justificativa apresentada por Arthur para a sua presença nos jardins da residência do médico foi a de que pretendia conversar com Lana sobre alguns problemas familiares urgentes (do início ao fim do julgamento ele se recusou a mencionar o nome da irmã). Arthur não negou que a conversa provavelmente transcorreria num clima inamistoso. Uma paciente lhe dissera que o médico estava na rua e, por isso, ele ficou aguardando sua volta até as três da manhã; porém, como àquela hora o médico ainda não retornara, Arthur havia desistido e voltado, ele próprio, para casa. Quanto à morte do Dr. Lana, ele não sabia mais do que o guarda que o prendera. Arthur fora amigo do morto, mas circunstâncias que ele preferia não comentar provocaram um esfriamento da amizade.

A tese da inocência de Arthur Morton se apoiava em alguns fatos. Sabia-se que o médico ainda estava vivo em seu escritório às onze e meia. A governanta Martha Woods se dispunha a jurar que ouvira a sua voz. Os amigos do preso argumentavam que, dificilmente, o Dr. Lana estaria sozinho. O som que atraía a atenção da governanta e a impaciência exagerada do médico ao exigir que ela o deixasse em paz apontavam no mesmo

sentido. Admitindo-se esta hipótese, a morte teria ocorrido entre a hora em que a governanta ouviu a sua voz e a primeira visita da Sra. Madding, quando ninguém respondera. Porém, se ele tivesse morrido nesse meio tempo, Arthur não poderia ser inculpado, já que apenas depois de se retirar da casa a Sra. Madding encontrou o rapaz no portão.

Aceitando-se esta linha de raciocínio, alguém teria estado com o Dr. Lana antes da Sra. Madding encontrar Arthur Morton no portão. Quem seria essa pessoa? Que motivos teria ela para vingar-se do médico? Todos os envolvidos admitiam que se os amigos do acusado conseguissem esclarecer este ponto um grande passo estaria dado para a comprovação da inocência de Arthur Morton. Por enquanto, o público tinha o direito de dizer — como dizia — que não havia sinais da presença de ninguém na casa, exceto o jovem milionário; por outro lado, as provas eram concludentes quanto aos motivos da ida de Arthur ao escritório do Dr. Lana. No instante em que a Sra. Madding bateu à porta, é possível que o médico estivesse recolhido ao quarto ou, como ela supôs, em visita a um cliente; ao retornar, ele teria deparado com Arthur Morton à sua espera. Alguns defensores do acusado

argumentavam com veemência que a fotografia de Francês subtraída do escritório do médico não fora encontrada em posse de Arthur. Entretanto, esta alegação carecia de maior importância, pois antes da captura ele tivera tempo de sobra para queimá-la ou destruí-la. Quanto à única evidência positiva, as marcas enlameadas no tapete, a sua própria indefinição provocada pela maciez da lã não permitia que se tirasse qualquer conclusão válida. O mais que se poderia afirmar era que sua aparência não conflitava com a hipótese de terem sido deixadas pelo acusado, além do que se confirmou estarem suas botas sujas de lama naquela noite. Durante a tarde chovera muito, porém, e todas as botas provavelmente se encontravam cheias de barro.

Este é o relato objetivo da série de ocorrências românticas e misteriosas que centralizaram os olhares da opinião pública sobre o pequeno povoado de Lancashire. A origem desconhecida do médico, sua personalidade curiosa e educada, a posição do homem acusado do crime e o caso de amor que o precedera se combinavam para fazer do acontecimento um daqueles dramas que atraem as atenções de um país inteiro. Em todos

os três Reinos as pessoas discutiam a morte do Médico Negro de Bishop's Crossing, e foram muitas as teorias propostas para explicar os fatos; pode-se afirmar com segurança, contudo, que nenhuma delas predispôs a imaginação coletiva para o desdobramento extraordinário que tanta celeuma provocou na abertura do julgamento e atingiu o clímax no segundo dia. Tenho os extensos registros do Lancaster Weekly com os apontamentos e matérias feitas sobre o caso diante de mim agora que escrevo estas linhas, porém sou obrigado a me contentar com uma sinopse do caso até o ponto em que, na tarde do primeiro dia, uma evidência apresentada por Francês Morton colocou a situação dentro de uma perspectiva inteiramente nova.

O Sr. Porlock Carr, advogado da acusação, havia conduzido sua tese com a habilidade costumeira e, à medida em que chegava o entardecer, tornava-se a cada minuto mais patente o quanto seria difícil a tarefa que o Sr. Humphrey, contratado para defender o réu, tinha diante de si. Algumas testemunhas foram convocadas e, sob juramento, confirmaram as expressões destemperadas que haviam escutado da boca do rapaz contra o doutor e a maneira agressiva com a qual recebera a

pretensa desconsideração de que sua irmã fora alvo. A Sra. Madding repetiu o que já dissera da visita feita a altas horas da noite pelo réu ao falecido, e uma outra testemunha mostrou que o preso tinha conhecimento do fato do médico permanecer sozinho à noite no escritório, que ficava isolado das outras dependências; a escolha daquela hora incomum para a visita malévola se justificava, assim, pela certeza de que a vítima estaria à sua mercê. Uma empregada de Arthur Morton viu-se compelida a admitir que ouvira seu patrão chegar em casa por volta das três horas da madrugada, o que corroborava o depoimento da Sra. Madding, segundo a qual Arthur se escondera entre as moitas de louro junto ao portão quando ela voltava da segunda visita à casa do médico. As botas enlameadas e uma possível semelhança entre as marcas dos pés no tapete e as pegadas do réu foram outras evidências exploradas a fundo, e os presentes acreditavam que, concluído o pleito da acusação, por mais circunstancial que fosse, ainda assim ele era completo e conclusivo o bastante para selar o destino do preso, a menos que a defesa tirasse do bolso do colete algo inteiramente inesperado. A acusação deu por concluída sua parte às três e meia.

Eram quinze para as quatro quando a sessão foi interrompida para prosseguir no dia seguinte. Mas nesses quinze minutos aconteceu uma revolução. O que se segue é um apanhado das reportagens do Lancaster Weekly, ficando excluídas as observações preliminares do advogado de defesa.

Correu um murmúrio pela platéia compacta quando se viu que a primeira testemunha convocada pela defesa era Francês Morton, a irmã do réu. Nossos leitores se lembrarão que a moça fora noiva do Dr. Lana, e que o inconformismo com o rompimento intempestivo do noivado teria levado seu irmão a perpetrar o crime. Entretanto, a Srta. Morton não havia sido diretamente implicada no caso, seja durante o inquérito, seja durante a fase judicial, e seu aparecimento como a principal testemunha de defesa surpreendeu os assistentes.

A Srta. Francês Morton, uma mulher morena, alta e bonita, prestou seu testemunho em voz baixa mas clara, embora fosse nítido que atravessava momentos de extrema emoção. Ela aludiu ao noivado com o médico, tocou de leve no seu término devido, segundo disse, a questões pessoais ligadas à família dele, e surpreendeu o tribunal afirmando ter sempre considerado o ressentimento

do irmão injustificado e excessivo. Em resposta a uma pergunta objetiva do advogado de defesa, ela explicou que não guardava o menor ressentimento contra o Dr. Lana, que em sua opinião agira de maneira perfeitamente honrada. Seu irmão, com um conhecimento apenas parcial dos fatos, discordara e ela se via na obrigação de reconhecer que apesar de todos os seus pedidos ele fizera ameaças de violência pessoal contra o médico e, na véspera da tragédia, manifestava a intenção de "acertar as contas com ele". Ela havia feito o possível para chamá-lo à razão, porém o irmão sempre fora obstinado quando suas emoções e preconceitos estavam em jogo.

Até este instante, o depoimento da moça parecia agravar mais ainda a situação do réu, sem nada que pudesse ser usado em seu favor. Porém as perguntas do seu advogado logo enquadraram o assunto sob uma ótica diferente, revelando uma estratégia inesperada.

Sr. Humphrey: A senhorita acredita que seu irmão seja o responsável pelo crime?

Juiz: A pergunta não é válida, Sr. Humphrey. Estamos aqui para decidir sobre questões de fato — e não de pontos de vista pessoais.

Sr. Humphrey: A senhorita sabe se o seu irmão é inocente da morte do Dr. Lana?

Srta. Morton: Sei.

Sr. Humphrey: Em que a senhorita baseia esta certeza?

Srta. Morton: O Dr. Lana não morreu.

O tribunal foi sacudido por uma comoção generalizada que acabou por interromper o questionamento da testemunha. Com o tempo, os ânimos serenaram.

Sr. Humphrey: E como a senhorita sabe que o doutor está vivo?

Srta. Morton: Eu recebi uma carta dele escrita após a data de sua suposta morte.

Sr. Humphrey: A senhorita ainda tem esta carta?

Srta. Morton: Tenho, mas preferia não exibi-la.

Sr. Humphrey: O envelope, ao menos?

Srta. Morton: Ele está em minhas mãos.

Sr. Humphrey: De onde é o carimbo postal?

Srta. Morton: De Liverpool.

Sr. Humphrey: E a data?

Srta. Morton: 22 de junho.

Sr. Humphrey: Ou seja, um dia após o

suposto homicídio. A senhorita estaria disposta a declarar isto por escrito?

Srta. Morton: Sem dúvida.

Sr. Humphrey: Meritíssimo, tenho à espera seis outras testemunhas para confirmar que se trata da caligrafia do Dr. Lana.

Juiz: Elas terão que aguardar até amanhã.

Sr. Porlock Carr (advogado de acusação): Enquanto isso, Meritíssimo, reivindicamos a posse deste documento para que seja submetido a um exame pericial capaz de demonstrar até que ponto estamos diante da imitação da letra de um cavalheiro que reiteramos enfaticamente estar morto. Não seria preciso ressaltar que esta hipótese, lançada inesperadamente sobre nós, tem a marca do artifício, só se compreendendo a sua adoção pelos amigos do réu como uma tentativa de perturbar o curso deste julgamento. Chamo a atenção para o fato de que a jovem senhorita, segundo suas próprias palavras, já estaria de posse da carta durante os trâmites do inquérito policial e da primeira fase deste julgamento. Queria ela nos fazer acreditar que permitiu o prosseguimento de ambos muito embora tivesse em mãos uma evidência capaz de encerrá-los definitivamente?

Sr. Humphrey: A senhorita poderia esclarecer este detalhe?

Srta. Morton: O Dr. Lana desejava preservar o segredo.

Sr. Porlock Carr: E por que, então, a senhorita vem agora trazê-lo a público?

Srta. Morton: Para salvar a vida do meu irmão.

Murmúrios de simpatia ecoaram pelo tribunal e foram instantaneamente silenciados pelo Juiz.

Juiz: Admitindo-se esta linha de defesa, cabe ao Sr. Humphrey esclarecer quem seria o homem cujo corpo foi reconhecido por tantos amigos e pacientes do Dr. Lana como sendo o dele próprio.

Jurado: Alguém expressou qualquer dúvida a este respeito até agora?

Sr. Porlock Carr: Não que seja do meu conhecimento.

Sr. Humphrey: Estamos convictos de que dissiparemos todas as dúvidas.

Juiz: As sessões estão suspensas. O tribunal volta a se reunir amanhã.

Este novo desdobramento do caso despertou um interesse descomunal na opinião pública. Os

comentários pela imprensa eram restritos, pois o julgamento ainda transcorria, mas todo mundo discutia até que ponto a declaração de Francês Morton era verdadeira ou até que ponto se constituiria num recurso ousado para salvar o irmão. O médico desaparecido enfrentaria um dilema grave se, por algum acaso extraordinário, não estivesse morto, já que então seria responsabilizado pelo assassinato do seu sócia, cuja identidade se ignorava e que fora descoberto em seu escritório. A carta que a Srta. Morton se recusara a apresentar a colocaria, portanto, na posição terrível de salvar o irmão da forca, sacrificando o ex-noivo. Na manhã seguinte o tribunal estava abarrotado e um sussurro de expectativa percorreu a platéia quando o advogado de defesa, Sr. Humphrey, entrou no recinto, demonstrando uma agitação que nem mesmo os seus nervos calejados podiam disfarçar. O Sr. Humphrey encaminhou-se diretamente para o advogado de acusação. Os dois trocaram palavras rápidas — palavras que cobriram de perplexidade as feições do Sr. Porlock Carr — e logo em seguida, voltando-se para o Juiz, o advogado de defesa anunciou que, dispensada pela acusação, a Srta. Francês Morton não seria

reconvocada.

Juiz: Mas, Sr. Humphrey, parece-me que o senhor nos deixa sem os esclarecimentos necessários.

Sr. Humphrey: Com a devida permissão, Meritíssimo, a minha próxima testemunha talvez possa fornecê-los.

Juiz: Que seja convocada a testemunha, então.

Sr. Humphrey: Eu convoco o Dr. Aloysius Lana.

O grande advogado já deixara marcada a sua passagem pelos tribunais com muitas frases inesquecíveis, porém nenhuma terá causado a sensação que produziu com estas seis palavras. O tribunal observava estupefato, atônito, o aparecimento daquele mesmo homem cujo destino provocara tamanha controvérsia — vivo, em corpo e alma, no banco das testemunhas. Aos membros da audiência que o conheciam de Bishop's Crossing não passaram despercebidas a magreza e o abatimento, as rugas profundas de preocupação em seu rosto. Mas apesar da aparência combalida e da expressão triste da testemunha, poucos entre os presentes terão conhecido alguém de porte mais

altivo. Curvando-se ao Juiz, ele solicitou autorização para fazer um pronunciamento e, competentemente informado de que suas palavras poderiam ser usadas contra si mesmo, curvou-se outra vez sem se abalar.

"O meu desejo", disse, "não é ocultar nada. Eu vim aqui para relatar, com total honestidade, o que aconteceu na noite de 21 de junho. Soubesse eu que inocentes estavam sofrendo e que tanta inquietação estava sendo causada às pessoas que me são mais caras no mundo, eu teria me apresentado há muito tempo; porém motivos alheios à minha vontade me impediram de tomar conhecimento dos fatos. Era meu desejo, sim, que um homem infeliz desaparecesse do mundo que o conhecera, mas eu não imaginei que outros fossem afetados pelas minhas atitudes. Permitam-me que, até onde estiver ao meu alcance, repare o mal que fiz".

"O nome Lana é familiar a todos os que conhecem a história da República Argentina. Meu pai, descendente das casas mais nobres da Espanha, ocupou os primeiros cargos do Estado e teria sido presidente não tivesse morrido nos distúrbios de San Juan. Uma carreira brilhante aguardava a mim e

ao meu irmão gêmeo Ernest, não fossem os prejuízos financeiros que nos obrigaram a ganhar a vida com o trabalho cotidiano. Peço desculpas aos senhores se estes detalhes parecerem relevantes, mas eles são um intróito necessário ao que se segue".

"Conforme disse, eu tenho um irmão gêmeo chamado Ernest; somos tão parecidos que mesmo postos lado a lado éramos confundidos por pessoas de nossa convivência. Dos pés à cabeça, nos mínimos detalhes, não havia diferenças. Com o crescimento a similaridade se tornou menos pronunciada, porque surgiram contrastes em nossa expressão; entretanto, com as feições descontraídas, os pontos de diferença eram imperceptíveis".

"Não ficaria elegante falar muito sobre alguém que morreu, ainda mais em se tratando de meu único irmão, e eu prefiro deixar a avaliação do seu caráter aos que o conheceram melhor. Direi apenas — pois sou obrigado a fazê-lo — que desde o início da adolescência tomei horror por ele e tinha bons motivos para a repugnância que me despertava. Minha própria reputação foi prejudicada por seus atos, dada a semelhança física entre nós, uma vez que me foram creditadas

algumas de suas irresponsabilidades. Enfim, fracassado um lamentável empreendimento no qual se envolvera, ele resolveu descarregar todas as suas frustrações sobre mim de uma forma tal que me vi obrigado a deixar a Argentina e reiniciar a carreira na Europa. Livre de sua presença odiosa, encontrei uma compensação para a distância da minha pátria. Eu já havia economizado o suficiente para concluir os estudos de medicina em Glasgow e, finalmente, abrir consultório em Bishop's Crossing, na firme certeza de que neste povoado remoto de Lancashire eu nunca mais o veria".

"Durante anos minhas esperanças se concretizaram mas, infelizmente, ele acabou me descobrindo. Algum residente de Liverpool em visita a Buenos Aires o colocou sem querer na minha pista. Ele havia perdido todo o dinheiro que lhe restara, e veio à Inglaterra na ilusão de chegar e dividir o que era meu pelo trabalho. Conhecendo bem a aversão que me inspirava, ele imaginou que eu pagaria para vê-lo afastado de mim. Recebi uma carta sua avisando da partida. Eu temi uma crise em minha própria existência; sua vinda acabaria se transformando em uma causa de transtornos e quem sabe desgraça para alguém que eu me

propusera escudar de coisas semelhantes. Tomei as providências cabíveis para que o mal, fosse ele qual fosse, incidisse apenas sobre mim e isso" — o Dr. Lana voltou-se para o réu — "foi o motivo de uma conduta que outros julgaram tão mal. Meu único pensamento era proteger as pessoas a quem amava de uma possível ligação com o escândalo e com a desgraça. Dizer que o escândalo e a desgraça acompanhariam meu irmão é apenas dizer que o que havia sido seria outra vez".

"Meu irmão chegou numa noite não muito posterior ao recebimento da carta. Eu estava sentado no escritório; as empregadas estavam recolhidas a seus aposentos. Ouvi passos no caminho de pedra do lado de fora e no instante seguinte deparei-me com seu rosto me olhando através da janela. Como eu, ele não usava barba e a semelhança entre nós continuava tão grande que, por um segundo, imaginei ver o meu reflexo no vidro. Ele usava uma venda escura sobre um dos olhos, mas nossas feições eram absolutamente iguais. Foi aí que ele sorriu do jeito sarcástico que o caracterizava desde a juventude e eu compreendi, então, que ele continuava a mesma pessoa que me forcara a abandonar a pátria e trouxera a desonra

para um nome de passado meritório. Abri a porta e deixei que entrasse. Deveriam ser dez horas da noite do dia 21 de junho".

"Quando o primeiro facho de luz bateu em seu rosto eu percebi de imediato o seu estado deplorável. Ele viera a pé de Liverpool, e estava cansado e doente. A expressão de seu rosto dava pena. A prática da medicina me disse logo que ele sofria de uma doença grave. Além disso, o hábito da bebida se agravara e seu rosto apresentava as marcas roxas de uma briga em que se envolvera com marinheiros no porto. Para esconder o ferimento do olho ele usava uma venda que retirou ao entrar no escritório. Meu irmão vestia uma japonsa e camisa de flanela; seus pés apareciam pelos furos das botas. E apesar de tudo a pobreza acirrara mais ainda os sentimentos de vingança selvagem contra mim. Seu ódio atingiu as raízes da mania. Eu vivia nadando em dinheiro na Inglaterra, segundo seu entendimento, enquanto ele amargava a pobreza na América do Sul. Não tenho como descrever as ameaças que ele proferiu ou os insultos que despejou sobre mim. A minha impressão é que a penúria e a devassidão romperam os elos da sanidade. Ele andava de um lado para o outro como um

animal enjaulado, exigindo bebida, exigindo dinheiro, tudo isso entremeado da linguagem mais chula. Eu sou um homem temperamental, mas graças a Deus posso afirmar aqui que me mantive senhor dos meus gestos e jamais ergui a mão contra ele. Minha frieza o irritava cada vez mais. Ele praguejava, ele ofendia, ele sacudia os punhos em meu rosto quando, de repente, um espasmo horrendo o obrigou a controlar-se, colando as mãos ao peito; soltando um grito agudo, ele caiu pesadamente aos meus pés. Eu o peguei nos braços e o pus deitado no sofá, mas o organismo já não reagia. A mão que segurei entre as minhas estava fria e inerte. Seu coração dilapidado perdera a luta. A sua própria violência o matara".

"Durante algum tempo eu fiquei sentado como se acordando de um pesadelo terrível, olhando confuso para o corpo do meu irmão. As batidas da Sra. Woods, atraída pelo grito agonizante, me fizeram despertar. Mande-i-a dormir. Pouco depois, um paciente chamou-me à porta do consultório, mas não atendi e ele resolveu ir embora. Lentamente, foi surgindo em minha cabeça um plano que nascia da mesma forma automática e estranha com que nascem todos os planos. Eu

continuava, porém, sentado e apático. Quando me levantei da poltrona meus passos futuros estavam traçados sem que eu me desse conta de qualquer processo de raciocínio. Foi o instinto que me dirigiu irresistivelmente para o curso que tomei".

"Desde que sobreveio a mudança em minha vida à qual aludi, Bishop's Crossing tornou-se um lugar repulsivo para mim. Meus sonhos estavam desfeitos e eu enfrentara julgamentos apressados onde esperava obter compreensão. É verdade que o perigo do escândalo personificado por meu irmão deixara de existir com a sua morte; ainda assim, o passado me magoava e eu senti que nada voltaria a ser como antes. Talvez eu tenha demonstrado uma sensibilidade exagerada e não tenha dado às pessoas o crédito que mereciam, porém meus sentimentos eram exatamente os que descrevi agora. Qualquer possibilidade de me afastar de Bishop's Crossing e de todos os seus residentes seria bem-vinda. E ali, a meus pés, surgia uma chance que eu nunca ousara esperar, uma chance que me permitiria romper de vez com o passado".

"Havia um homem morto no sofá, um homem idêntico a mim exceto na aspereza e na inchação do rosto — o que não chegava a ser uma

diferença real. Ninguém o vira entrar, e ninguém sentiria falta dele. Nenhum de nós dois usava barba, e os nossos cabelos tinham o mesmo comprimento. Se eu trocasse de roupa com ele, o Dr. Aloysius Lana seria encontrado morto em seu próprio local de trabalho, e se poria um fim na vida de um homem infeliz e numa carreira arruinada. Eu possuía dinheiro de sobra no cofre, e resolvi levá-lo comigo para recomeçar do nada em outro país. Com as roupas do meu irmão eu poderia andar de noite até Liverpool sem ser notado, e naquele grande porto marítimo embarcar com facilidade para o exterior. Depois de perdidas todas as esperanças, a existência mais humilde num lugar onde ninguém me conhecesse seria preferível, em minha opinião, a um consultório, por mais bem-sucedido e próspero, em Bishop's Crossing, onde a qualquer momento eu me veria face a face com pessoas que quisera esquecer, se Deus me permitisse. Eu estava decidido a enfrentar a mudança".

"E foi o que eu fiz. Não vou entrar em detalhes, pois a lembrança é tão dolorosa quanto a experiência. O certo é que em menos de uma hora meu irmão estava trajando as minhas roupas, da primeira à última peça, enquanto eu me esgueirava

pela porta do consultório e, saindo pelos fundos, sumia nos campos. Segui o percurso mais rápido para Liverpool, onde cheguei na mesma noite. Minha sacola de dinheiro e um retrato foram tudo o que levei comigo; na pressa, ficou para trás a venda que meu irmão usava sobre um dos olhos. Tudo o mais que era dele eu vesti".

"Posso lhes dar a minha palavra de honra: nunca, em momento algum, ocorreu-me imaginar que surgiria a hipótese do meu assassinato, e nem que uma pessoa enfrentasse risco de vida em razão do estratagema através do qual eu me esforçava por adquirir o direito de recomeçar no mundo. Pelo contrário: eu pensei que assim agindo aliviaria os outros do fardo da minha presença, e era este o objetivo maior do meu ato. Um veleiro partia de Liverpool naquele mesmo dia para Corunna, e nele eu embarquei na ilusão de que a viagem me desse tempo para recuperar o equilíbrio e planejar o futuro. Ledo engano! Antes mesmo de partir, minha determinação fraquejou. Eu pensava sem descanso na única pessoa na terra a quem não gostaria de causar um instante de tristeza. Seu coração choraria por mim apesar da amargura e da insensibilidade dos seus parentes. Ela conhecia e aceitava os meus

motivos, e se o restante da família me condenava, ela, eu sei, não me esqueceria. Por isso eu lhe enviei um bilhete sob promessa de segredo, tentando poupá-la de mais esta dor. Se, pressionada pelos acontecimentos, ela quebrou a promessa, ela sabe que conta com o meu inteiro apoio e perdão.

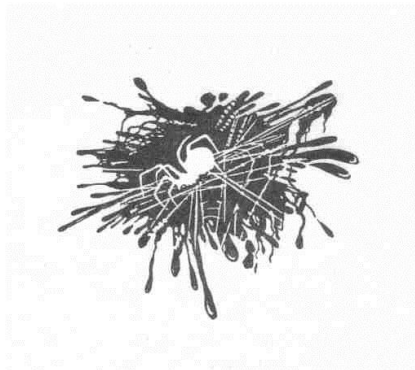
"Só ontem à noite cheguei de volta à Inglaterra, e durante todo esse tempo não tive notícia da sensação que a minha suposta morte provocou, e nem da acusação feita ao Sr. Arthur Morton como culpado de um crime. Num vespertino de Londres eu li a reportagem sobre uma sessão do julgamento e vim o mais rápido que pude num trem expresso para testemunhar a verdade."

Foi esta a íntegra da comovente declaração do Dr. Aloysius Lana, que provocou o brusco encerramento do processo. Uma investigação posterior veio a corroborá-lo, chegando-se até a determinar em que navio o seu irmão Ernest Lana viera da América do Sul. O médico de bordo atestou que o passageiro reclamara de mal-estar cardíaco durante a travessia oceânica, e que os sintomas apresentados seriam capazes de provocar a morte da forma descrita.

Quanto ao Dr. Aloysius Lana, ele voltou ao

vilarejo de onde sumira com tanta dramaticidade, havendo uma reconciliação entre ele e o jovem Arthur Morton, tendo este admitido um lamentável equívoco quanto às razões que levaram o médico a romper o noivado. A existência de uma outra reconciliação mais interessante pode ser comprovada pela leitura de um aviso publicado em coluna de destaque do Morning Post:

"Foi celebrado a 19 de setembro, pelo Reverendo Stephen Johnson, na igreja paroquial de Bishop's Crossing, o casamento de Aloysius Xavier Lana, filho de Don Alfredo Lana, ex-Ministro das Relações Exteriores da República Argentina, e Francês Morton, filha única do finado James Morton, juiz de paz, de Leigh Hall, Bishop's Crossing, Lancashire."



O Peitoral do Judeu

Meu amigo particular Ward Mortimer era um dos homens mais destacados de sua época em tudo que dizia respeito à arqueologia oriental. Ele escreveu fartamente sobre o assunto, viveu dois anos num túmulo em Tebes ao realizar escavações no Vale dos Reis, e provocou sensação nos meios científicos ao exumar a suposta múmia de Cleópatra de uma câmara secreta do Palácio de Hórus, em Philae. Com um currículo destes aos trinta e um anos de idade, imaginava-se que ele teria uma bela carreira pela frente, e portanto ninguém se surpreendeu quando foi eleito diretor do Belmore Street Museum, posto que tem entre uma de suas muitas incumbências a cátedra do Oriental College e oferece um salário que, apesar de ter caído como as

folhas no outono, continua ainda em um nível suficiente para estimular o investigador sem ser confortável demais a ponto de acomodá-lo.

Mas um detalhe colocara Ward Mortimer em posição de certo modo delicada no Belmore Street Museum: a enorme fama do seu antecessor. O Professor Andreas era um estudioso, um homem cuja fama atravessava fronteiras. Suas palestras atraíam pesquisadores de todos os recantos do mundo, e a administração maravilhosa que realizara à frente do Museu entregue aos seus cuidados merecia elogios generalizados de toda a comunidade científica. Houve, portanto, uma grande consternação quando, aos cinquenta e cinco anos, ele renunciou inesperadamente ao cargo e desistiu dos estudos que eram seu meio de vida e seu maior prazer. O Professor Andreas e a filha deixaram o ótimo apartamento que servia de residência oficial para o diretor do Museu, e meu amigo Mortimer, que era solteiro, mudou-se com armas e bagagens para lá.

Ao tomar conhecimento da indicação de Ward Mortimer, o Professor Andreas lhe escrevera uma carta de felicitações muito gentil e elogiosa. Eu estive presente ao primeiro encontro entre os dois, e

acompanhei Ward Mortimer na visita às instalações do Museu, com o Professor nos mostrando o acervo admirável que tratara com tanto desvelo. A bonita filha do Professor Andreas e mais um outro cavalheiro que nos foi apresentado como Capitão Wilson e, segundo entendi, logo se tornaria seu marido, percorreram conosco o prédio. Havia quinze salões, ao todo, porém o babilônio, o sírio e o salão central, onde ficavam as coleções judaica e egípcia, se destacavam entre os demais. O Professor Andreas era um homem tranqüilo, sisudo, parecendo mais velho que a própria idade; ele não usava barba e tinha feições impassíveis, porém os olhos brilhavam e o rosto inteiro se acendia com entusiasmo infantil quando nos descrevia a raridade e a beleza de algumas peças. As mãos se deixavam ficar demoradamente sobre elas e eu percebia o orgulho e a tristeza que se misturavam em seu coração no momento de entregá-las à guarda de outra pessoa.

Ele nos mostrara uma seqüência de múmias, os papiros, os escaravelhos, as inscrições, as relíquias judaicas e a cópia do famoso candelabro de sete mãos do Templo, levado a Roma por Tito e que se acredita estar hoje no leito do Rio Tibre. Afinal,

ele se dirigiu a uma estante isolada no centro do salão, olhando para o vidro com a atitude mais reverente.

— Isto não será novidade para um homem como o senhor — disse ele a Ward Mortimer — mas creio que seu amigo, o Sr. Jackson, gostará de ver a peça.

Debruçando-me sobre a estante de vidro, percebi um objeto quadrado, com cerca de cinco polegadas, formado por doze pedras preciosas numa armação de ouro, com ganchos também de ouro em dois de seus vértices. As pedras variavam no tipo e na cor, embora o tamanho fosse igual. Seus formatos, seu arranjo e a gradação de tonalidades me fizeram pensar numa caixa de aquarela. Na superfície de cada uma das pedras fora gravado um caráter hieroglífico.

— O senhor já ouviu falar em urim e thumin?
— perguntou-me o Professor Andreas.

Eu conhecia as palavras mas não tinha a mínima idéia do que significavam.

— Urim e thumin era o nome dado à placa adornada com pedras preciosas que o Sumo Sacerdote dos judeus usava no peito. O povo a reverenciava de maneira toda especial — com um

sentimento próximo ao que os romanos antigos dedicavam aos livros sibilinos do Capitólio. Como o senhor está vendo, há doze pedras no peitoral, riquíssimas, cada uma delas com uma inscrição mística. A partir do alto à esquerda, elas são a cornalina, a olivina, a esmeralda, o rubi, o lápis-lazúli, o ônix, a safíra, a ágata, a ametista, o topázio, o berilo e o jaspe.

A variedade e a beleza das pedras me deslumbravam.

— O senhor conhece alguma história interessante sobre a peça? — quis saber eu.

— Este peitoral é antiqüíssimo e de um valor inestimável — respondeu-me o Professor. — Uma afirmativa categórica estaria fora de questão, porém temos vários motivos que nos levam a crer ser este o urim e thumin original do templo de Salomão. Com toda certeza, não existe nada com a mesma perfeição em nenhum museu da Europa. Meu amigo, Capitão Wilson, é um especialista autodidata em pedras preciosas, e pode lhe falar melhor do que eu sobre a pureza delas.

O Capitão Wilson, um homem de cabelos escuros, rosto sério e incisivo, estava de pé junto à sua fiancée, do outro lado da estante.

É verdade. Eu nunca vi pedras mais perfeitas — disse ele abruptamente.

E a ourivesaria também é extraordinária. Os povos antigos se esmeravam... — O Professor Andreas tinha a intenção de explicar como havia sido feito o engaste das pedras, se não me engano, mas foi interrompido pelo Capitão Wilson.

Este candelabro é um exemplo bem mais representativo da ourivesaria antiga — disse o Capitão, desviando os nossos olhares para uma outra estante.

Juntamo-nos todos a ele na admiração do candelabro, com seu pé gravado em relevo e suas mãos ornamentadas, de uma delicadeza infinita. Vivi, naqueles momentos, a experiência inédita e fascinante de ser apresentado a objetos da maior raridade por um grande arqueólogo; e quando, enfim, o Professor Andreas concluiu a inspeção, passando finalmente ao meu amigo a guarda e a administração do precioso acervo, enchi-me de pena pelo velho mestre e de inveja pelo seu sucessor, cuja vida seria dedicada a uma obra de tamanho encantamento. Em menos de sete dias Ward Mortimer se instalara confortavelmente em seu novo apartamento e assumira a posição de manda-chuva

do Belmore Street Museum.

Cerca de quinze dias depois, Ward ofereceu um jantar descontraído a um pequeno grupo de amigos solteiros como ele em comemoração à sua posse na direção. Quando os convidados se retiravam, ele me puxou pela manga e me fez um sinal pedindo que ficasse um pouco mais.

— Você mora na esquina, Jackson! — disse-me.

Eu residia num apartamento alugado a dois minutos dali, no Albany.

— Vamos fumar um charuto sem pressa. Eu preciso muito conversar com você e fazer algumas perguntas.

Eu me recostei na poltrona e acendi um dos seus excelentes Matronas. Quando voltou do corredor, onde se despedira dos últimos convidados, seu primeiro gesto foi retirar nervosamente do bolso do smoking uma carta amarrotada. Com a carta nas mãos, ele escolheu uma poltrona à minha frente e se sentou:

Eu recebi esta carta anônima hoje de manhã. Quero que você escute e depois me dê a sua opinião.

Vamos lá. Estou ansioso.

A carta diz o seguinte: "Prezado Senhor: Eu lhe recomendaria com o maior empenho que mantivesse uma vigilância permanente sobre os muitos objetos de valor postos sob a sua responsabilidade. Não confio em que o sistema atual, com um único vigia durante a noite, seja seguro. Fique atento, ou mais dia menos dia acontecerá uma perda irreparável."

— Acabou?

— Acabou.

— Hmm. Uma coisa, pelo menos, é clara: quem escreveu sabe que você tem apenas um vigia no período da noite.

Ward Mortimer me passou a carta com um sorriso enviesado.

— Você tem olho bom para letras? Então veja só. Ward pôs uma outra carta à minha frente.

Veja o "p" em "parabenizo" e o "p" em "permanente". Repare no "E" maiúsculo. Veja o truque de usar um traço ao invés do ponto final!

As duas cartas foram escritas pela mesma pessoa, fora de qualquer dúvida, só que na primeira houve uma tentativa de disfarce da caligrafia — afirmei.

A segunda — disse Ward Mortimer — é a

carta de felicitações que me foi enviada pelo Professor Andreas quando da minha escolha para a direção do Museu.

Olhei incrédulo para o meu amigo. Virei a carta em minhas mãos, e lá estava, realmente, a assinatura do Professor do outro lado: "Martin Andreas", sem tirar nem pôr. Qualquer pessoa com a mais leve noção dos princípios da grafologia não hesitaria em atribuir a carta anônima ao Professor, que assim mandava uma advertência direta ao seu substituto, alertando-o para a ameaça dos ladrões de obras de arte. A carta era inexplicável, mas não podia ser ignorada.

Por que ele faria isto? — perguntei.

É exatamente o que eu queria saber. Caso ele tenha mesmo esta preocupação, por que não veio falar diretamente comigo?

Você vai procurar o Professor Andreas?

É outro assunto sobre o qual eu pretendo ouvir a sua opinião. Ele poderia simplesmente negar o envio da carta.

De qualquer maneira, a advertência foi feita com o espírito de colaboração, e eu acho que você deve se resguardar. O sistema de segurança atual é suficiente

para impedir os roubos?

Eu pensava que sim. O horário de visitação pública vai das dez às cinco, apenas, e nós temos um fiscal em cada dois salões. Ele fica na porta que liga os salões, e vigia a ambos sem dificuldade.

Mas à noite?

Quando o horário de visitação termina, nós fechamos imediatamente as grades de ferro, que são enormes e totalmente à prova de arrombamento. O vigia é uma pessoa capaz. Ele fica sentado no saguão, mas faz a ronda do prédio de três em três horas. Deixamos uma luz elétrica acesa em cada salão durante a noite inteira.

— É difícil imaginar mais segurança... quem sabe se o mesmo esquema de vigilância diurna poderia ser utilizado?

— O orçamento não daria, Jackson.

— Bom, eu me comunicaria com a polícia, antes demais nada, pedindo a colocação de um guarda em Belmore Street, à frente do Museu. Quanto à carta, se o autor quis ficar anônimo, é um direito que lhe assiste. Só nos resta esperar que o futuro revele os motivos para a atitude curiosa que ele tomou.

Esquecemos, então, o assunto do Museu e

passamos a falar de outras coisas. Mas naquela noite, de volta ao meu apartamento, minha cabeça fervia inquieta com as razões que teriam levado o Professor Andreas a escrever uma carta anônima de advertência ao seu substituto. A letra, com certeza absoluta, pertencia a ele. E o Professor Andreas antecipava um risco ao Museu. Seria essa preocupação a causa do seu afastamento? Mas, neste caso, por que ele hesitaria em advertir Ward Mortimer às claras? Fiquei pensando assim, oscilando entre muitas dúvidas, até cair num sono agitado que me fez acordar bem depois da hora de costume. Fui despertado do modo mais imprevisto e abrupto, pois às nove horas, mais ou menos, Ward entrou esbaforido pelo meu quarto com uma expressão consternada no rosto. Ele era um dos homens mais elegantes que eu conhecia, porém agora o colarinho estava desabotoado, a gravata solta, e o chapéu torto na cabeça. Li todo o drama na perturbação dos seus olhos.

— O Museu foi assaltado! — gritei, saltando da cama.

— Temo que sim! As jóias! As jóias do urim e thurim — informou-me engasgado.

A correria o deixara com falta de ar.

— Estou indo para o distrito. Passe no Museu assim que puder, Jackson. Até logo.

Ele saiu como chegara, agitadíssimo, e ficou no ar o rufo dos seus passos na escadaria de madeira.

Não demorei a atender seu pedido, mas quando cheguei ao Museu vi que ele já estava lá com um delegado de polícia e um outro cavalheiro idoso, que depois soube ser o Sr. Purvis, um dos sócios da Morson and Company, uma das firmas de maior nome no comércio internacional de diamantes. Como especialista em pedras preciosas, ele era convocado vez por outra para assessorar a polícia. Os três rodeavam a estante onde o peitoral do sacerdote judeu estivera exposto. Eles já haviam retirado a peça, colocando-a sobre a tampa de vidro; curvados, eles a examinavam.

— É evidente que ele foi mexido — disse Ward. — Algo atraiu a minha atenção logo que passei por aqui hoje de manhã. Eu o havia examinado ontem à tarde, e posso garantir que mexeram nele durante a noite.

Como disse Ward, havia sinais evidentes de que alguém manuseara o peitoral. Os engastes da fileira superior de quatro pedras — a cornalina, a

olivina, a esmeralda e o rubi — estavam denteados e ásperos, como se alguém os tivesse raspado em toda a volta. As pedras continuavam no lugar, mas o lindo trabalho de ourivesaria que provocara admiração dias antes fora tratado com uma inépcia de cortar o coração.

Parece-me que alguém tentou retirar as pedras — disse o delegado.

Meu receio é que tenham tentado e conseguido.

Acredito que estas quatro pedras sejam imitações hábeis das originais — lamentou-se o diretor.

Pelo visto, a mesma suspeita ocupava o pensamento do especialista, pois ele examinava atentamente as quatro pedras com o auxílio de uma lupa. Depois de submetê-las a diversos testes, ele se voltou animadamente para Ward Mortimer.

— Meus parabéns, Sr. Mortimer — disse ele satisfeito. — Eu poria a minha reputação no fogo pela autenticidade destas pedras. O seu grau de pureza é inigualável.

A cor voltou pouco a pouco ao rosto assustado de Ward, e ele suspirou fundo, com imenso alívio.

— Graças a Deus! — bradou. Mas o que

quereria, então, a pessoa que mexeu no peitoral?

Provavelmente retirar as pedras, mas foi interrompida.

Neste caso, seria de se esperar que retirasse uma de cada vez. Mas o engaste das quatro foi afrouxado e todas as pedras continuam no lugar.

Não sei o que dizer. Eu não me lembro de nenhum caso igual — comentou o delegado. — Vamos conversar com o vigia.

O vigia foi chamado — um homem de porte militar, com ar de honestidade, e que parecia tão preocupado quanto Ward Mortimer com o incidente.

— Não, senhor. Eu não ouvi nada — respondeu ele à pergunta do delegado. — Fiz a ronda como de hábito, mas não vi nada suspeito. Eu estou neste emprego há dez anos; nunca aconteceu uma coisa assim.

Haveria a possibilidade de um ladrão entrar pela janela?

Nenhuma, senhor.

Pela porta?

Não, senhor. Eu não saio nunca do meu posto, exceto quando faço a ronda.

Quais são as outras entradas do Museu?

Uma porta que dá para o apartamento do Sr. Ward Mortimer.

A porta fica fechada à noite — explicou meu amigo. — E para chegar a ela uma pessoa vinda da rua teria que abrir primeiro a porta da frente.

Seus empregados?

As dependências deles ficam inteiramente isoladas.

— É... muito esquisito. Entretanto, não houve nenhum prejuízo, como atesta o Sr. Purvis.

Estou pronto a jurar que as pedras são verdadeiras.

Sendo assim, o caso parece estar limitado a uma tentativa de roubo. Não obstante, eu gostaria de examinar com toda calma o Museu para ver se encontro algum indício capaz de nos indicar quem é o visitante misterioso.

A investigação, que se arrastou por toda a manhã, foi criteriosa e inteligente, porém não deu qualquer resultado prático. O delegado chamou a atenção para duas entradas que não haviam sido consideradas antes. Uma delas era pelo sótão, através de um alçapão. A outra pela clarabóia do depósito de lenha, que dá para o próprio salão onde

o intruso penetrara. Como ninguém poderia penetrar no sótão ou no depósito de lenha, a não ser que já estivesse dentro da área do Museu trancada a chave, estas hipóteses não mereceram maiores estudos; inclusive, a poeira do sótão e do depósito de lenha é prova de que ninguém passara por eles recentemente. Afinal, terminamos no ponto de partida, sem a menor pista a respeito de como, por que ou por quem o engaste das quatro pedras preciosas foi mexido.

Restava apenas uma alternativa a Ward, e ele resolveu segui-la. Deixando a polícia entretida com suas buscas infrutíferas, ele me pediu que o acompanhasse naquela tarde, já que pretendia visitar o Professor Andreas. Ward levou as duas cartas, e sua intenção era acusar frontalmente o Professor de ter escrito a segunda carta, e exigir dele explicações para o fato de haver previsto exatamente o que acontecera. O Professor morava numa pequena vila em Upper Norwood, porém uma empregada nos informou de que ele estava viajando. Percebendo a nossa decepção, ela perguntou se gostaríamos de falar com a Srta. Andreas, e nos levou até a sala de visitas modesta da casa.

Já falei, antes, sobre a beleza da filha do Professor, ainda que por alto. Ela era loura, graciosa, com a pele da cor encantadora que os franceses chamam de *mat*, o tom do marfim velho, ou das pétalas mais claras das rosas sulfurinas. Imaginem, pois, a minha surpresa ao vê-la entrar e perceber o quanto mudara em uma quinzena. Seu rosto estava abatido e magro, seus olhos vivos carregados de tristeza.

— Papai foi à Escócia. Ele parece cansado, e vem enfrentando muitos aborrecimentos. Ele viajou ontem.

A senhorita parece cansada, também — disse meu amigo.

Eu ando apreensiva com o papai.

A senhorita poderia me dar o endereço dele na Escócia?

Posso. Ele está com o irmão, Reverendo David Andreas, em Arran Villas, 1, Ardrossan.

Ward Mortimer anotou o endereço e nós saímos sem revelar o motivo da visita. De noite, em Belmore Street, continuávamos exatamente na mesma. A nossa única pista era a carta do Professor, e meu amigo resolveu viajar para Ardrossan na manhã seguinte e insistir até chegar ao fundo da

carta anônima. Mas um acontecimento imprevisto veio alterar os nossos planos.

Bem cedo, no dia da viagem, fui acordado por batidas à porta do meu quarto. Era um mensageiro trazendo um bilhete de Ward.

— Venha depressa! O caso se torna cada vez mais extraordinário!

Atendi mais uma vez ao seu chamado e fui encontrá-lo caminhando nervosamente pelo salão central, enquanto o velho vigia do Museu, rígido como um soldado em guarda, o observava.

— Meu caro Jackson! Que bom você veio! Eu não entendo mais nada!

— O que houve agora?

Ele acenou para a estante de vidro onde ficava o peitoral.

— Olhe!

Eu obedeci e não pude conter um gesto de espanto. Os engastes da fileira do meio foram profanados de maneira idêntica aos primeiros. Das doze pedras preciosas oito haviam sido mexidas, estranhamente mexidas. Os engastes das quatro últimas estavam perfeitos e lisos. Os outros, denteados e ásperos.

— As pedras foram trocadas?

— Não. Tenho certeza que as quatro pedras de cima são as mesmas que o especialista declarou serem genuínas; eu notei ontem que há uma leve descoloração na esmeralda. Como as pedras de cima não foram substituídas, creio que as do meio também não. Você garante que não ouviu nada, não é, Simpson?

— Nada — respondeu o vigia. — Mas quando fiz a ronda hoje de manhã olhei bem para estas pedras e vi logo que haviam bulido nelas. Foi quando chamei o senhor avisando. Andei para um lado e para o outro a noite toda, mas não vi nem ouvi nada.

— Venha tomar um café comigo — convidou-me Ward.

Seguimos os dois para o seu apartamento.

O que você me diz agora, Jackson?

É o negócio mais despropositado, ridículo e idiota da face da terra. Só pode ser obra de um maníaco.

— Você arriscaria um palpite? Uma idéia curiosa me veio à cabeça.

— O objeto é uma relíquia judaica de grande antigüidade e valor espiritual. Algum movimento anti-semita, quem sabe. Eu penso que um fanático

poderia sentir-se compelido a profanar...

Não! Não! Não! — cortou Ward. — É impossível! Admito que um fanático pudesse chegar à profanação, mas por que haveria de trabalhar o engaste de cada pedra com tanto cuidado? Por que quatro pedras por noite? Temos que encontrar uma solução melhor, e sozinhos, porque o delegado não parece com muita vontade de nos ajudar. Começando: o que você acha do Simpson, o porteiro?

Você tem algum motivo para suspeitar dele?

— Ele era a única pessoa no Museu. Só isso.

— Mas por que ele haveria de mexer no peitoral? Nada foi roubado. Ele não tem antecedentes.

— Mania?

— Não. Eu juro pela sanidade do Simpson.

— Alguma outra teoria?

Você, por exemplo. Será que você não é sonâmbulo ou qualquer coisa assim?

De jeito nenhum! Palavra!

Então eu desisto.

Não. Ainda não. Eu tenho um plano para esclarecer tudo.

Visitar o Professor Andreas?

Não. A solução está mais perto do que a Escócia. Ouça. Você conhece a clarabóia sobre o salão central? Vamos deixar as luzes elétricas acesas no salão; ficaremos de guarda lá em cima, no depósito de lenha, você e eu, e resolveremos o mistério por nós mesmos. Se o visitante misterioso estraga quatro engastes de cada vez, ainda faltam quatro e temos razões para supor que ele voltará hoje à noite pensando em completar o serviço.

Excelente! — exclamei.

— Mas... segredo. Não diga nada a polícia e nem a Simpson. Você aceita?

— Com o máximo prazer — respondi.

Dito e feito.

Às dez da noite retornei ao Belmore Street Museum. Ward, pelo que pude observar, encontrava-se num estado de excitação nervosa contida. Era cedo, ainda, para iniciarmos a nossa vigília, e ficamos mais ou menos uma hora conversando em seu apartamento, discutindo todos os detalhes do caso invulgar que decidíramos resolver por conta própria. Enfim, o fluxo barulhento de cabriolés e o ritmo dos pés apressados nas calçadas tornou-se mais tranqüilo, intermitente, com os amantes da noite recolhendo-

se às suas casas ou dirigindo-se às estações. Era quase meia-noite quando Ward abriu caminho até o depósito de lenha que dava para o salão central do Museu.

Ele já estivera lá durante o dia espalhando sacos de aniagem pelo chão para que pudéssemos nos recostar com menos desconforto enquanto durasse a guarda. A clarabóia era de vidro transparente e estava tão coberta de poeira que seria impossível a qualquer pessoa, olhando de baixo para cima, descobrir que havia alguém no depósito. Limpamos uma pequena área em cada canto para ficarmos com uma vista completa do salão. Sob a luz branca e fria das lâmpadas elétricas tudo ficava claro e nítido. Lá de cima, eu conseguia ver nos mínimos pormenores o conteúdo de cada estante.

Vigílias assim são uma verdadeira aula porque a nossa única alternativa é examinar um a um os objetos expostos, inclusive aqueles que normalmente não atrairiam a nossa atenção em outras circunstâncias. Através da minha vigia estreita, passei as horas estudando cada peça, desde o imenso caixão da múmia encostado na parede às jóias que motivaram a nossa presença ali, brilhando resplandescentes na sua estante de vidro logo

abaixo de nós. Havia muito ouro e muitas pedras preciosas espalhadas pelas várias estantes, mas aquelas doze pedras incomparáveis que compunham o urim e thumin refletiam a luz e ardiam com uma radiância que eclipsava completamente todas as outras. Estudei uma de cada vez, os desenhos dos sepulcros de Sicara, as frisas de Carnac, as estátuas de Mênfis e as inscrições de Tebas, porém meus olhos retornavam sempre à lindíssima relíquia judaica, e minha mente ao mistério singular que a envolvia. Eu estava imerso em pensamentos quando Ward respirou mais forte, contraiu-se e puxou minha manga num gesto convulsivo. No mesmo instante, vi o que o agitara.

Eu já disse que contra a parede, à direita da porta (direita de onde estávamos, esquerda de quem entra), ficava o grande caixão da múmia. Para nosso indizível assombro, ele se abria lentamente. Devagar, muito devagar, a tampa girava para trás e a fenda negra da abertura crescia, crescia sempre. Tão suave e cauteloso era o movimento que se tornava quase imperceptível. Depois, com os olhares fixos e a respiração presa, vimos surgir a mão de alguém, branca, magra, por detrás da

abertura, empurrando para fora a tampa colorida, depois a outra mão e, finalmente, um rosto — um rosto conhecido nosso, o rosto do Professor Andreas. Sorrateiro, ele se esgueirou para fora do caixão da múmia como uma raposa que saísse da toca, a cabeça girando incessantemente da esquerda para a direita, os passos medidos, as paradas, passos, uma imagem viva de astúcia e prudência. Um som indistinto proveniente da rua o fez estacar; imóvel, ele escutava com a cabeça inclinada, pronto para retornar ao abrigo num segundo se necessário fosse. Logo ele avançou outra vez, na ponta dos pés, muito, muito mansamente, calmamente, até chegar à estante do peitoral no centro do salão. Ali, ele retirou um molho de chaves do bolso, abriu o fecho da estante, retirou o peitoral judaico e, colocando-o sobre o vidro, começou a mexer nele com uma ferramenta pequena e cintilante. Ele estava diretamente abaixo de nós; sua cabeça curvada nos impedia de ver o trabalho, mas deduzimos pelo movimento de suas mãos que ele voltara pensando em concluir a incompreensível mutilação da relíquia.

A respiração pesada e os puxões que dava com a mão agarrada ao meu pulso traíam a

indignação furiosa que tomara o coração de Ward ao presenciar o vandalismo praticado pela última pessoa que julgaria capaz de cometer tamanho desvario: o Professor Martin Andreas, o mesmo homem que, quinze dias antes, se quedara reverente sobre aquela relíquia singular e nos fizera compreender a sua antigüidade e a sua importância religiosa e histórica. O Professor Andreas, agente de uma profanação repulsiva! Impossível, inimaginável — mas real! No foco imaculado da luz elétrica sob nós, lá estava sua figura morena, a cabeça grisalha recurvada, e o cotovelo ágil, criminosamente ágil. Que hipocrisia inumana, que malícia hedionda e profunda contra o seu substituto orientaria esta sinistra obra noturna. Pensar era doloroso; assistir era insuportável. Inclusive eu, que não sou um exemplo de virtude, repugnava-me e virava os olhos para evitar o testemunho de mutilação deliberada de uma relíquia da nossa própria espécie. Foi com alívio que senti o puxão de Ward Mortimer; ele rastejava silencioso para fora do depósito chamando-me para segui-lo. Só em seu apartamento ele sentiu forças para falar; seu rosto perturbado espelhava uma consternação sem limites.

Bárbaro abominável! Você acreditaria?

É espantoso!

Ele é louco ou pervertido: uma coisa ou outra. Vamos descobrir qual sem demora. Venha, Jackson! Quero chegar ao fundo deste poço escuro.

Uma porta se abriu na passagem particular entre o apartamento de Ward e o Museu. Ele girou a chave com extremo cuidado, tomando a precaução de antes descalçar as botas, no que foi imitado por mim. Atravessamos furtivamente uma série de salas até que o grande salão central se descortinou à nossa frente, com a triste figura do Professor Andreas no meio. Avançando com mais cuidado ainda do que ele o fizera, nós o cercamos; contudo, por maior que fosse a nossa cautela, não conseguimos pegá-lo desprevenido. Dez ou doze jardas nos separavam da estante quando, assustado, ele desviou os olhos do peitoral e, com um grito de horror, saiu correndo pelo Museu, alucinado.

— Simpson! Simpson! — gritou Ward.

Lá adiante, na extremidade de uma linha contínua de portas, vimos a figura ereta do velho vigia surgir iluminada pela eletricidade. O Professor Andreas também o viu e parou de correr com um gesto de desespero. No instante seguinte, eu e Ward

o agarrávamos.

— Eu sei. Eu sei, cavalheiros. Eu vou com vocês. — O Professor arfava. — Para a sua sala, Dr. Mortimer, eu lhe devo uma explicação.

A indignação do meu amigo era tanta que ele não se considerou em condições de responder. Seguimos um de cada lado do Professor, com o vigia atrás, estupefato. Quando chegamos à estante violada, Ward parou. Examinamos o peitoral e vimos que a última fileira de pedras também estava com os engastes revirados, como as outras. O diretor do Museu, segurando a relíquia nas mãos, fuzilou o preso com os olhos.

O senhor, como o senhor teve a audácia... como o senhor teve coragem?

É terrível! Terrível! — disse o Professor. — Eu imagino como se sente. Leve-me para a sua sala.

Mas saiba que isto não vai ficar assim escondido, abafado, não! — Esbravejou.

Ward pegou carinhosamente o peitoral enquanto eu caminhava ao lado do Professor feito um guarda com seu prisioneiro. Entramos na sala da direção. O pobre vigia ficou para trás, confuso, tentando entender o incompreensível. O Professor sentou-se na poltrona de Ward e empalideceu de tal

modo que a nossa ira transformou-se em preocupação. Uma dose de conhaque puro fez com que a vida voltasse ao seu rosto de fantasma.

Obrigado, estou me sentindo melhor agora. Estes últimos dias têm sido pavorosos para mim. Estou convencido de que não suportaria muito mais. É como um pesadelo — um pesadelo que não acaba. Eu, preso como ladrão, dentro do próprio Museu que ajudei a nascer! Não, eu não os culpo. Os senhores não poderiam ter agido de outra forma. A minha esperança foi sempre a de completar o serviço antes de ser descoberto. Hoje teria sido a última vez.

Como o senhor entrou? — quis saber Ward.

Tomando uma liberdade extrema com a portados seus aposentos particulares. Mas o objetivo justificava tudo. Vocês esquecerão o aborrecimento quando ouvirem a história inteira; ou, pelo menos, não ficarão mais zangados comigo. Eu tinha a chave da sua porta lateral e também da porta do Museu, e esqueci de devolvê-las ao sair. Por isso foi fácil penetrar aqui. Eu vinha sempre cedo, antes das ruas ficarem desertas. Depois, me ocultava no caixão da múmia, retornando sempre para lá na hora das rondas do Simpson. Era fácil

ouvir os seus passos. Eu saía do mesmo modo que entrava.

O senhor correu um risco muito grande.

Fui obrigado, infelizmente.

— Mas por quê? Qual foi o seu objetivo? Por que o senhor haveria de fazer uma coisa destas?

Ward Mortimer apontava acusatoriamente para o peitoral que colocara na mesa, diante de todos nós.

— Não imaginei outra alternativa. Pensei, pensei muito, mas não me ocorreu outra solução. Ou me arriscava, ou a minha família estaria sujeita a um escândalo público vergonhoso, a uma infâmia que enegreceria as nossas vidas. Agi com a melhor das intenções, por incrível que isso lhe possa parecer, e peço apenas que me escutem para provar o que digo.

Estou pronto a ouvi-lo antes de tomar qualquer providência — admitiu Ward sem muita convicção.

Comprometo-me a não esconder nada; todos os meus segredos serão seus. Deixo a critério de vossa generosidade o uso que será dado aos fatos que eu revelar.

O essencial já é do nosso conhecimento.

E, ainda assim, os senhores não conhecem quase nada. Permitam-me retornar algumas semanas no tempo a fim de que possa esclarecer este incidente lamentável. Acreditem em mim; eu prometo contar a verdade, sem nada subtrair.

E o Professor Andreas iniciou a sua história.

— Vocês se lembram do cavalheiro que apresentei como Capitão Wilson? Falo "apresentei como Capitão Wilson" porque hoje não tenho a certeza de que seu nome verdadeiro seja este. Seria ocioso e cansativo descrever agora todos os recursos de que ele se utilizou para se aproximar de mim, conquistar a minha amizade e receber o afeto de minha filha. Ele me trouxe cartas de colegas estrangeiros que me forçaram a lhe dedicar uma atenção especial. E daí em diante, por méritos próprios — pois ele é uma pessoa muito capaz — conseguiu se tornar uma presença benquista em meu lar. Quando soube que minha filha o amava, considerei o sentimento prematuro, mas não imerecido, já que ele possuía o dom da palavra e da cortesia capazes de abrir as portas em qualquer sociedade.

O Professor Andreas fez uma pausa para respirar.

— O "Capitão Wilson" se interessava muito por antigüidades orientais, e seu conhecimento do assunto justificava o interesse. Diversas vezes, ao passar noites conosco, ele solicitou permissão para examinar de perto as peças do nosso acervo. Vocês não avaliam o quanto eu, como estudioso e entusiasta, me sentia envaidecido com os pedidos; no meu lugar, não creio que estranhassem a constância das visitas. Depois do seu noivado com Elise, quase todas as noites eram passadas conosco, e dessas noites uma ou duas horas cabiam ao Museu. Eu lhe dera livre acesso às instalações e mesmo quando me ausentava durante a noite não impunha restrição de espécie alguma aos seus movimentos. Este estado de coisas teve fim com a minha renúncia à vida profissional e com a aposentadoria, quando fui residir em Norwood na esperança de ter tempo suficiente para escrever uma obra que vinha planejando há anos; uma obra significativa, ao meu ver. Outra pausa.

— Foi logo depois disso — uma semana, aproximadamente — que compreendi pela primeira vez o caráter e a índole reais daquele homem que se insinuara em minha família com desfaçatez. A descoberta nasceu de cartas enviadas por amigos

meus do exterior comprovando que as apresentações haviam sido forjadas. Revoltado com a traição, perguntei-me por que motivos um homem arquitetaria um engodo tão cheio de detalhes. Eu sempre fui uma pessoa pobre, e certamente ele não procurava um dote. Mas, então, por que teria vindo?

Lembrei-me que várias das pedras preciosas mais raras da Europa estavam sob a minha responsabilidade; lembrei-me, também, das desculpas engenhosas com as quais aquele senhor se familiarizara com as estantes onde eu as guardava. Perdi as ilusões: ele era um farsante desenvolvendo um roubo em grande escala. Como poderia eu, sem magoar a minha própria filha, que dele gostava, impedir a consumação da trama? Minha escolha foi inábil, porém não pude imaginar outra mais eficiente. Se eu assinasse a carta com o meu próprio nome, naturalmente você me procuraria em busca de informações das quais eu mesmo não tinha conhecimento. Recorri a uma carta anônima implorando para que você ficasse atento.

O Professor estava cansado, e suspirou fundo.

— O fato é que a minha mudança de Belmore

Street para Norwood não alterou as visitas do cavalheiro, que parecia sentir um amor sincero e intenso pela minha filha. Quanto a ela, acho que seria impossível a uma mulher entregar-se mais completamente à influência de um homem. A natureza viril dele a dominava por inteiro. Eu não havia compreendido, ainda, o quanto isso era verdade, e nem a força do elo que os unia. Mas, na mesma noite em que vi rasgar-se a sua máscara, tive uma outra decepção. Eu dera ordens para que ao chegar ele fosse encaminhado ao meu escritório, ao invés da sala de visitas. Ali, disse-lhe francamente que sabia de tudo, que iria tomar providências para frustrar os seus planos, e que nem eu nem minha filha desejávamos vê-lo mais. Acrescentei que, graças a Deus, eu o desmascarara antes que tivesse tempo para retirar ou danificar objetos preciosos a cuja proteção eu havia dedicado uma vida de trabalho.

A emoção do professor era visível.

— Ele possuía nervos de aço, fora de qualquer dúvida. Minhas palavras foram recebidas sem mostras de surpresa ou de arrogância; ele se manteve atento e sério até que eu terminasse de falar e aí levantou-se, atravessou rápido o escritório,

tocou o sino... tudo isso sem abrir a boca.

"Peça à Srta. Andreas que faça a gentileza de vir até o escritório de seu pai", ordenou à empregada.

— Minha filha apareceu, e o homem fechou a porta. Depois, segurando as mãos dela nas suas, disse:

"Elise, o seu pai acaba de descobrir que eu sou ladrão. O nosso segredo não existe mais."

— Ela ficou em silêncio, apenas ouvindo.

"Ele diz que nunca mais podemos nos ver."

— Ela não se desvencilhou do farsante.

"Você vai continuar fiel a mim, ou vai me privar da última influência honesta que me sobra na vida?" "John, John!"

— A voz dela estava carregada de paixão.

"Eu nunca me afastarei de você. Nunca! Nunca! Nem que o mundo inteiro se volte contra nós."

— Em vão tentei argumentar com ela. As palavras haviam perdido a significação, inúteis. A existência da minha filha pertencia antes àquele homem que a mim.

Entendam-me, por favor! Eu sempre a amei, ela é tudo o que me resta. Passei por momentos de

muita agonia quando compreendi que era impotente para impedir a sua ruína. Mas parece que o meu desespero comoveu o homem que causara tanto mal.

"Talvez o senhor não devesse ficar preocupado assim", disse com sua voz tranqüila, inflexível. "Eu amo Elise com um amor que pode resgatar até um passado como o meu. O nosso amor é imenso, Professor. Ontem eu prometi a ela que nunca mais tornaria a fazer qualquer coisa capaz de envergonhá-la. Tornei a minha decisão, e quando eu tomo uma decisão vou com ela até o fim. A minha palavra é palavra de homem."

— Ele parecia falar com sinceridade. Ao tempo em que dizia isso, pôs a mão no bolso e retirou uma caixinha de papelão.

"Quero lhe dar uma prova da minha boa vontade, Professor", disse ele virando-se para Elise. "Este, Elise querida, será o primeiro fruto da sua influência salvadora. O senhor tinha razão ao temer pelas suas pedras. Este tipo de aventura sempre me atraiu, e a atração dependia tanto do risco quanto do valor do roubo. As pedras antigas e famosas do sacerdote judeu era um desafio à minha ousadia e engenhosidade. Eu estava decidido a consegui-las."

"Imagino que sim."

"Só uma coisa o senhor não imaginou."

"O quê?"

"Que as pedras estão comigo. Aqui, nesta caixa."

— Ele abriu a caixa e despejou o conteúdo sobre o canto da minha mesa. Meus cabelos ficaram de pé, e meu coração gelou. Vi, diante de mim, as doze magníficas pedras quadradas com seus caracteres místicos burilados. Não havia dúvidas de que eram as pedras do urim e thumin.

"Meu Deus! Como você conseguiu me enganar?"

"Substituindo estas pedras por outras doze feitas sob encomenda minha. A imitação é perfeita. Duvido que alguém descubra as falsificações."

"Quer dizer que as pedras do peitoral são falsas?"

"Há algumas semanas."

— Ficamos os três em silêncio, minha filha branca de emoção ainda de mãos dadas com ele.

"Você está vendo, Elise. Eu consegui!" "Eu sabia que você era capaz de se arrepender, John. e restituir as pedras."

"Graças à sua influência. Elise! Deixo as

pedras em suas mãos. Professor. Faça com elas o que quiser. Mas lembre-se que o que fizer contra mim será feito contra o futuro marido da sua única filha. Eu mandarei notícias em breve. Elise. Foi a última vez que magoei o seu coração de ouro."

— Dizendo isso, ele virou as costas e sumiu. Minha posição era terrível. As relíquias estavam recuperadas, mas como devolvê-las sem provocar escândalo ou denunciar o meu genro? Eu conheço bem demais o caráter de Elise para supor que conseguiria afastá-la do homem ao qual entregara seu coração. E eu enfrentava um outro dilema: seria justo separá-los quando ela exercia uma influência tão benéfica sobre o noivo? Como denunciá-lo sem ferir Elise? E até que ponto seria correto denunciá-lo depois que ele confessara por vontade própria? Pensei muito para tomar a decisão que a vocês pode ter parecido absurda, mas que, se me fosse dado recuar no tempo, acho que seria ainda a única possível. A minha idéia era devolver as pedras sem que ninguém percebesse. Com as chaves, eu entraria no Museu a qualquer hora. Simpson não chegava a ser um problema, pois eu conhecia bem os seus hábitos e horários.

Preferi não revelar os planos a ninguém; a

Elise eu disse que visitaria meu irmão na Escócia. Eu precisava de algumas noites de liberdade sem a obrigação de justificar as minhas idas e vindas. Por isso aluguei naquele mesmo dia um apartamento em Harding Street sob a alegação de ser jornalista encarregado da redação noturno da madrugada para não atrair suspeitas. Naquela mesma noite penetrei no Museu e repus quatro pedras.

Encontrei muitas dificuldades e o serviço me tomou a noite inteira. Sempre que Simpson fazia a ronda eu voltava para o caixão da múmia. Apesar de conhecer um pouco de ourivesaria, eu era muito menos hábil que o ladrão. Ele conseguiu refazer os engastes com tanta perícia que desafio qualquer pessoa a apontar as diferenças. Meu trabalho foi rude e canhestro. Entretanto, eu tinha esperanças de que o peitoral não fosse visto de perto e nem as imperfeições nos engastes notadas até que eu concluísse a minha tarefa. Ontem eu repus mais quatro pedras. E hoje teria completado o serviço não fosse a infeliz circunstância que me forçou a revelar fatos que preferia ver esquecidos. Apelo a vocês, ao seu senso de honra e compaixão, para que decidam com serenidade. A minha própria felicidade, o futuro da minha filha, as esperanças de regeneração

daquele homem, tudo depende do que vocês decidirem.

— Resumindo: bem está o que bem acaba — disse Ward Mortimer. — O caso está encerrado aqui de uma vez por todas. Amanhã os engastes serão corrigidos por um ourives competente e assim desaparecerá o maior perigo a que o urim e thumin esteve submetido desde a destruição do Templo. Aperte a minha mão, Professor Andreas. Quem me dera, num momento de tanta gravidade, eu soubesse me comportar com a sua honradez e altruísmo.

Este relato exige uma nota final. Um mês depois, Elise Andreas casou-se com um homem que, se eu cometesse a indiscrição de identificá-lo aqui, suscitaria comentários de estima e admiração. Mas se a verdade fosse revelada, a estima e a admiração iriam para outra pessoa, para a mulher que o salvou depois que ele já havia ido longe demais na estrada escura da qual poucos retornam.